

# 50 ANOS
# 50 IDEIAS

## MAIS CIÊNCIAS SOCIAIS, MELHOR FUTURO

EDITORES
**ANA PAULA MARQUES**
**TERESA RUÃO**
**JOÃO SARMENTO**
**RITA RIBEIRO**
**SARA BALONAS**

**Universidade do Minho**
Instituto de Ciências Sociais



**Universidade do Minho**
Instituto de Ciências Sociais



EDITORES
ANA PAULA MARQUES
TERESA RUÃO
JOÃO SARMENTO
RITA RIBEIRO
SARA BALONAS

# 50 ANOS 50 IDEIAS

## MAIS CIÊNCIAS SOCIAIS, MELHOR FUTURO

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

# ÍNDICE


**09** Nota Introdutória. Ideias que ficam, ideias que contam — 50 anos de Ciências Sociais
ANA PAULA MARQUES · TERESA RUÃO · JOÃO SARMENTO
RITA RIBEIRO · SARA BALONAS

**QUANDO O CONHECIMENTO ENCONTRA A IMAGINAÇÃO, ALGO DE NOVO ACONTECE**

**12** 01. O privilégio do erro e o tempo do conhecimento
ANA PAULA MARQUES

**14** 02. E, no entanto, somos sempre capazes de (re)começar
TERESA RUÃO

**18** 03. Wilfred Burchett — Histórias do mundo e de Portugal
JOÃO SARMENTO

**22** 04. Um mundo sempre novo — E as suas velhas lutas
RITA RIBEIRO

**24** 05. O caleidoscópio
SARA BALONAS

**UMA DAS ESCOLAS MAIS ANTIGAS DA UMINHO PELO OLHAR DOS SEUS REITORES**

**28** 06. Compreender o mundo é mais do que transformá-lo
PEDRO AREZES

**30** 07. As Ciências Sociais face à crise das democracias
RUI VIEIRA DE CASTRO

**32** 08. As Ciências Sociais na era dos "pós"
ANTÓNIO M. CUNHA

**VOZES DA CASA E VOZES DE FORA, ECOS DE HOJE COMO DE OUTRORA**

**38** 09. As Ciências Sociais como mediação para um sonho de comunidade — Os Estudos Lusófonos
MOISÉS DE LEMOS MARTINS

**42** 10. Tudo flui
MIGUEL S. M. BANDEIRA

**46** 11. ICS — Mais 50 anos com sentido de futuro
HELENA SOUSA

**48** 12. O ciborgue afetivo Do híbrido ao corpo interpretado
HELENA MACHADO

**50** 13. Cinquenta anos de ambição, cinquenta anos de construção
PAULA REMOALDO

**54** 14. Ideia peregrina para um laboratório sobre a paz e a guerra
MANUEL PINTO

**58** 15. Arqueologia — Uma ciência em reconstrução?
MANUELA MARTINS

**62** 16. A torto e a direito
ALBERTINO GONÇALVES

**66** 17. Criando pontes, reinventando cumplicidades
CARLOS VELOSO DA VEIGA

**68** 18. Dinâmica das ciências sociais
MARIA ENGRÁCIA LEANDRO

**70** 19. Democracia, participação cívica e culturas políticas
MANUEL CARLOS SILVA

**74** 20. A construção do futuro a partir da História Económica e Social
CARLOS MANUEL FAÍSCA · BRUNO LOPES
ANA RITA ROCHA · ROGER LEE DE JESUS
ANA PAULA PIRES

**76** 21. Conhecimento público nas Ciências Sociais para tempos de policrise — O imperativo da ciência aberta e o desafio dos laboratórios de cocriação
LÍGIA FERRO

**80** 22. Reencontrar o social em tempos *hiper*fragmentados e *hiper*complexos
CARLOS CAMPONEZ

**84** 23. As Ciências da Natureza no quadro institucional do estudo das Ciências Sociais
LÚCIO CUNHA

**86** 24. Anos de vida saudável após os 65 anos — Conceito, disparidades europeias e o paradoxo português de género
PAULO NOSSA

**90** 25. Identidades cruzadas — Elogio da compreensão
JOÃO TEIXEIRA LOPES

**92** 26. De Malraux e Sartre a Bauman e Collins — Como as ciências sociais e o ICS me fizeram quem sou
HELENA MENDES PEREIRA

**94** 27. Entender o Mundo para o poder transformar
NÁDIA REIS

**QUEM COORDENA HOJE, TAMBÉM GUARDA A MEMÓRIA**

**100** 28. História e tempo, temporalidades da História
ARNALDO SOUSA MELO

**102** 29. Palantir
FERNANDO BESSA RIBEIRO

**104** 30. A empatia como antídoto
MADALENA OLIVEIRA

**106** 31. E se? Perguntas sociológicas sobre punir e prender
MANUELA IVONE CUNHA

**110** 32. O que permanece — Entre gerações, a memória de uma instituição
LÚCIA AZEVEDO

**A PALAVRA AOS DA CASA, ENTRE A AULA E A DESCOBERTA**

**114** 33. A Geografia e o ensino superior em Riscos e Proteção Civil
ANTÓNIO BENTO-GONÇALVES · ANTÓNIO VIEIRA
FRANCISCO DA SILVA COSTA

**116** 34. E tu, ICS? Qual é a tua Revolução? Uma ideia-manifesto de imaginação e ação para o futuro
ANA DUARTE MELO

**120** 35. A Geografia e os incêndios florestais
ANTÓNIO BENTO-GONÇALVES

**122** **36.** A Geografia e o geopatrimónio
ANTÓNIO VIEIRA

**124** **37.** O futuro já começou — Sociologia, Universidade e ação pública
EMÍLIA ARAÚJO

**126** **38.** Ter coragem científica — Reflexões sobre a Sociologia e os estudos da sexualidade
IOLANDA FONTAÍNHAS

**128** **39.** Um sítio nosso
JOAQUIM FIDALGO

**130** **40.** A Sociologia em Portugal, da certeza da consolidação à dúvida da crise
JOEL FELIZES

**132** **41.** Reforçar as democracias a partir da academia e dos direitos culturais!
MANUEL GAMA

**134** **42.** Mais memória, melhor futuro — Arqueologia, património e cidadania
MARIA DO CARMO RIBEIRO

**136** **43.** Memórias do futuro em tempos de desmemória algorítmica
ROSA CABECINHAS

**140** **44.** Pensar a Geografia na Universidade do Minho
VIRGÍNIA TELES · VÍTOR RIBEIRO · HÉLDER S. LOPES

**ESTA CASA É UMA PASSAGEM PARA GRANDES VIAGENS**

**146** **45.** A próxima pandemia — Combater a solidão na era algorítmica
CHISOKA SIMÕES

**148** **46.** As Ciências Sociais em tempos de urgência
CLÁUDIA NOVAIS

**146** **47.** A coragem de duvidar — As Ciências Sociais num mundo que pretende prever tudo
LAURA NEIVA

**152** **48.** Democracia, condição necessária para a investigação social?
LUISA SALAMANCA-GARNICA

**154** **49.** Trilogia de um território — Ruína, interior e turismo
MARIA JOÃO GREGÓRIO

**156** **50.** Um espaço público numa sociedade do consumo?
PEDRO MOURA

**159** **RETRATOS DE UMA HISTÓRIA CHAMADA INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**


Universidade
do Minho
Instituto de
Ciências Sociais

## Nota Introdutória

# **IDEIAS QUE FICAM, IDEIAS QUE CONTAM** 50 ANOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Em 2026, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho celebra meio século de existência. Cinquenta anos de ensino, de investigação, de intervenção pública e de produção de conhecimento crítico sobre Portugal, a Europa e o mundo. Cinquenta anos a pensar, com rigor e com liberdade, as sociedades em que aspiramos a viver.

Esta publicação nasce de uma convicção simples, mas firme: não há futuro sustentável, democrático e inclusivo sem Ciências Sociais fortes, plurais e socialmente comprometidas. E esta não é uma afirmação retórica. É um compromisso que o ICS tem renovado, geração após geração, perante os desafios de cada época — da consolidação da democracia portuguesa às transformações digitais do presente, das desigualdades estruturais às urgências climáticas que interpelam o debate público e nos afetam diariamente.

*50 anos, 50 ideias* reúne um conjunto de contributos breves, ensaísticos, escritos por quem pensa as Ciências Sociais a partir de diferentes disciplinas, gerações e geografias: investigadoras e investigadores do Instituto, pessoal técnico, administrativo e de gestão, estudantes e *alumni*, parceiras e parceiros institucionais. Não pedimos balanços nem diagnósticos fechados sobre o passado. Pedimos ideias — propostas claras, ousadas e mobilizadoras sobre o que as Ciências Sociais podem e devem ser nas próximas décadas.

Os textos aqui reunidos percorrem um território amplo e diverso: história e posicionamento do Instituto, novos conceitos e enquadramentos críticos, agendas de investigação emergentes e inovação metodológica, interdisciplinaridade e ecossistemas colaborativos de conhecimento. Falam de impacto social e políticas públicas, de democracia e participação cívica, de desigualdades e justiça territorial. Falam de inteligência artificial e de ética no uso da tecnologia, de novas formas de cidadania e de ensino avançado. É um mosaico deliberadamente plural — porque é também assim, em diálogo e em tensão produtiva entre perspetivas, que as Ciências Sociais avançam.

Mais do que um exercício de memória, este livro é um gesto de futuro. Celebrar 50 anos não é olhar apenas para trás: é reafirmar, com a urgência que os tempos exigem, a relevância pública das Ciências Sociais para enfrentar os desafios coletivos do nosso tempo — e para imaginar, com rigor científico e compromisso cívico, futuros mais justos, democráticos e sustentáveis.

Ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, parabéns pelos primeiros 50 anos. Que as ideias aqui reunidas inspirem os próximos cinquenta.

*Ana Paula Marques*
*Teresa Rudão*
*João Sarmento*
*Rita Ribeiro*
*Sara Balonas*
EDITORAS E EDITOR



Quando o
conhecimento
encontra a imaginação,
algo de novo
**acontece**

# 01

# O PRIVILÉGIO DO ERRO E O TEMPO DO CONHECIMENTO

**ANA PAULA MARQUES** Presidente do Instituto de Ciências Sociais

Celebrar os 50 anos do Instituto de Ciências Sociais é também celebrar uma certa ideia de universidade: uma comunidade de aprendizagem, investigação e intervenção pública que não se limita a transmitir conhecimento, mas que forma sujeitos-cidadãos capazes de pensar, duvidar, interpretar e agir no mundo comum. Num tempo marcado pela expansão acelerada da inteligência artificial, esta missão torna-se particularmente decisiva. A IA transforma os modos de aprender, ensinar, investigar, escrever, decidir e intervir. Mas obriga-nos, sobretudo, a recolocar uma pergunta fundamental: o que significa continuar humano num tempo em que parte crescente das operações cognitivas pode ser automatizada?

À primeira vista, falar de erro pode parecer deslocado num contexto em que a inteligência artificial se apresenta como promessa de eficiência, rapidez, previsão e otimização. Muitos sistemas digitais são concebidos para reduzir falhas, corrigir desvios, antecipar respostas e automatizar processos. Contudo, nas Ciências Sociais, o erro não é apenas uma deficiência a eliminar. É uma experiência constitutiva da aprendizagem, da produção de conhecimento e da formação crítica; é uma condição para ser e preservar a humanidade. Exige tempo para que o conhecimento seja *praxis* e bússola de opções e decisões.

Numa dimensão epistemológica e filosófica, o erro pode ser assumido como possibilidade de conhecimento. No seu apelo ao *sapere aude*, Kant (1990 [1784]) interpela-nos para ter coragem de fazer uso do próprio entendimento e não delegar o juízo em autoridades exteriores. Só pode errar verdadeiramente quem se arrisca a formular uma ideia, a sustentar um argumento, a confrontar-se com objeções e a rever a sua posição. Bachelard (1967) aprofunda esta perspetiva, ao mostrar que o conhecimento científico avança por retificação e pela superação de obstáculos epistemológicos. Conhecer é romper com evidências primeiras, desconfiar do imediato e reconstruir racionalmente os problemas. Por sua vez, Popper (1992) recorda-nos que a ciência progride através da crítica e da refutação: não há teorias definitivas, mas proposições abertas ao teste, à contestação e à revisão. O erro, longe de ser exterior à ciência, integra o seu próprio movimento crítico.

Innerarity (2020) atualiza este debate ao situá-lo nas sociedades complexas contemporâneas, atravessadas por interdependências, incertezas, excesso de informação, riscos sistémicos e opacidades institucionais e tecnológicas. Nestas sociedades, o problema não é apenas saber mais, mas saber lidar com a incerteza, governar o desconhecido e decidir em condições de conhecimento incompleto. A IA não elimina esta complexidade; em muitos casos, aumenta-a, criando novas assimetrias entre quem desenha os sistemas, quem os controla, quem os usa e quem sofre os seus efeitos.

Por isso, errar, no plano humano, não significa apenas falhar. Significa confrontar-se com os limites de uma pergunta, de uma hipótese, de uma categoria, de um método ou de uma interpretação. Significa descobrir

que a realidade social é mais densa do que os nossos modelos, mais contraditória do que os nossos conceitos e mais imprevisível do que as nossas previsões. O erro, quando reconhecido e trabalhado, torna-se uma forma de acesso ao conhecimento. Obriga-nos a corrigir, reformular, escutar melhor, voltar ao terreno, rever pressupostos e aprender com a resistência que o mundo social oferece às nossas simplificações.

É neste sentido que a inteligência artificial deverá ser questionada nas Ciências Sociais. Poderá a IA ajudar quem já sabe perguntar, comparar, interpretar, avaliar fontes, reconhecer ambiguidades e assumir responsabilidade pelo que escreve ou decide. Mas poderá fragilizar a aprendizagem quando se interpõe demasiado cedo entre o sujeito e o esforço formativo da dúvida, da tentativa, da hesitação e do erro. Ou seja, poderá ser amplificadora de desigualdades e injustiças sociais, sendo mais desniveladora do que uma ferramenta neutra (Zuboff, 2019).

No Ensino Superior, este é um desafio central. A questão não é apenas saber se devemos usar ou não usar IA. A questão é saber que tipo de sujeitos-cidadãos queremos formar. Se a universidade abdicar da experiência do erro, abdica também de uma parte essencial da formação da autonomia intelectual.

A aprendizagem não consiste apenas em obter respostas corretas, mas em compreender o caminho que conduz a uma resposta, os limites dessa resposta e as condições da sua validade. Uma resposta produzida sem apropriação crítica pode ser formalmente adequada e, ainda assim, pedagogicamente vazia.

Num tempo em que se multiplicam métricas, *rankings*, algoritmos e promessas de eficiência, as Ciências Sociais recordam-nos que a inteligência humana não é apenas cálculo. É interpretação, memória, imaginação, linguagem, relação, empatia e propósito. O erro é parte dessa inteligência, porque nos obriga a parar, pensar, escutar e corrigir. O maior privilégio do erro é, afinal, lembrar-nos que somos humanos: inacabados, vulneráveis, relacionais e capazes de aprender. E o maior desafio futuro das Ciências Sociais é transformar essa vulnerabilidade em conhecimento crítico, essa aprendizagem em responsabilidade pública e essa responsabilidade em compromisso democrático.

## Bibliografia


BACHELARD, G. (1967). *La Formation de l'esprit scientifique* (5e éd.). Coll. Bibliothèque des textes philosophiques, Librairie philosophique J. Vrin.

INNERARITY, D. (2020). *Una teoría de la democracia compleja: Gobernar en el siglo XXI*. Galaxia Gutenberg.

KANT, I. (1990 [1784]). *A Paz Perpétua e outros opúsculos* [Artur Morão, Trad.] (pp. 11-19). Edições 70.

MOLINA, E., & Medina, E. (2025). AI Revolution in Higher Education. What you need to know. In *Digital Innovations in Education*. World Bank.

POPPER, K.R. (1992). *The Logic of Scientific Discovery.* Routledge.

ZUBOFF, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. Public Affairs.

# 02

# E, NO ENTANTO, SOMOS SEMPRE CAPAZES DE (RE)COMEÇAR

**TERESA RUÃO** Presidente das Comemorações dos 50 anos do Instituto de Ciências Sociais

O mundo em que vivemos hoje, *50 anos após o nascimento do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho*, é extraordinariamente desafiador. Ou talvez o mesmo se possa dizer sobre as complexidades de cada período histórico, sendo a atualidade apenas diferente para aqueles sobre cujos ombros recaem as preocupações do presente.

Ainda assim, creio que um contexto marcado pela ameaça de conflitos bélicos à escala mundial, por movimentos políticos que desafiam a democracia, por mudanças sociais paradigmáticas associadas à vulgarização da inteligência artificial, por dinâmicas organizadas de desinformação que fragilizam a credibilidade das instituições e dos média ou ainda por fenómenos retrógrados de fechamento cultural, cívico e de fronteiras, configura uma *tempestade perfeita*[1] a assolar a sociedade contemporânea e cuja travessia exige cidadãos preparados e comunidades fortes. Uma conjuntura intrincada que deveria reservar um lugar privilegiado às Ciências Sociais no seio das academias, dada a sua missão de compreender as sociedades e criar soluções para os desafios globais.

Importa recordar que as Ciências Sociais integram um conjunto de disciplinas que analisam a sociedade, a cultura e o comportamento humano. As suas raízes remontam à Grécia Antiga, civilização que exerceu uma profunda influência sobre o pensamento ocidental ao criar a filosofia, a poesia e o teatro, expressões de conhecimento e de cultura que exploravam a condição humana. Dessa inquietação sobre o que nos torna humanos emergiu a vontade de descobrir o que significa viver como ser humano entre outros seres humanos, conduzindo ao surgimento de uma pluralidade de áreas disciplinares agrupadas sob a designação de Ciências Sociais.

Todavia, este campo científico tem vivido sob pressão. Fenómenos mundiais diversos vieram reforçar a centralidade de outras áreas científicas, cujo impacto na economia e nas comunidades é mais facilmente percebido e medido. Em contrapartida, quantificar o impacto material dos cursos ou da investigação em Ciências Sociais é menos imediato, o que muitas vezes resulta em desinvestimento ao nível de políticas públicas e financiamento.

Nada seria, porém, mais equivocado do que empurrar as Ciências Sociais, bem como as Artes e as Humanidades, para a margem. As Ciências Sociais dotam-nos do

1 Metáfora usada por Paul Cook, numa obra de 2024, a partir da tradução do título original do filme *The Perfect Storm*, uma produção norte-americana de 2000, realizada por Wolfgang Petersen.

conhecimento necessário para pensar de forma crítica, comunicar com clareza e fomentar a criatividade. Um relatório da Universidade de Oxford (2023), intitulado *The Value of Humanities*, mostra, por exemplo, que as Ciências Sociais, bem como as Artes e Humanidades, têm um impacto positivo nas perspetivas de carreira dos jovens, conduzindo a uma diversidade de destinos profissionais e promovendo as competências mais procuradas pelos empregadores, num mercado de trabalho em que a importância da socialização rivaliza com o imperativo da automação.

As Ciências Sociais encorajam a análise cuidada e o desenvolvimento de argumentos informados sobre os acontecimentos que nos rodeiam. Permitem uma compreensão mais profunda das pessoas com quem partilhamos o planeta, criando espaço para o desenvolvimento da empatia. Convocam a reflexão ética ao expor fragilidades sociais, abrindo à possibilidade de imaginarmos um mundo mais seguro. Oferecem enquadramentos fundamentais para questões sensíveis como a pobreza, a criminalidade, as disparidades na saúde, a migração, a educação ou a governação, permitindo que os decisores políticos, as organizações e as comunidades tomem decisões esclarecidas e promovam o progresso social.

Trata-se, portanto, de saberes e competências — sobre história, culturas, geografias, linguagens, valores, comportamentos ou instituições — de que as sociedades contemporâneas precisam para fazer face aos desafios sem precedentes que enfrentam. Veja-se o exemplo dos conflitos internacionais atuais, cuja interpretação e resolução exigem a consideração de questões ligadas a identidades culturais, (i)legitimidades políticas, traumas históricos, paradoxos sociais, perceções de ameaça, interesses económicos, assimetrias geográficas, dinâmicas mediáticas ou polarizações da opinião pública. Ora, a perspetiva das Ciências Sociais sobre estes conflitos, ao ultrapassar a visão de eventos isolados, revela-se decisiva para a mediação, a diplomacia e a construção de respostas políticas sustentadas.

Por tudo isto, acredito que as Ciências Sociais são hoje mais valiosas do que nunca. Por tudo isto, considero que o ICS continua a constituir uma peça essencial da "universidade completa"[2] que a UMinho sonhou ser. Nascido em 1976 como Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Sociais, e transformado no atual Instituto de Ciências Sociais em 1991, o ICS foi construído com o arrojo e a inovação que caraterizaram a fundação da Universidade do Minho (em 1974). Abraçou a função eminentemente social da instituição universitária, que se cumpre pela criação e transmissão do conhecimento, educação das comunidades e contribuição para a renovação social.

2 Ideia atribuída a Carlos Lloyd Braga, primeiro Reitor da Universidade do Minho, 1973-1980.

Inspirado nestes princípios fundadores, o ICS cresceu, consolidou-se e afirmou-se como uma das maiores unidades de ensino e investigação da Universidade. Acolhendo especialistas em Antropologia, Arqueologia, Comunicação, História, Geografia e Sociologia, o ICS é hoje uma comunidade viva de pessoas e saberes que agora celebramos. A história do Instituto está povoada de pessoas que decidiram avançar e quebrar barreiras, em conexão com os seus pares e com a sociedade, ao longo de gerações.

Apesar disso, o ICS não vive de nostalgia, é uma escola de futuro. Abrir portas foi importante, mas mantê-las abertas continua a ser igualmente essencial. Confio, por isso, que os nossos melhores dias ainda estão por vir. Temos o que é preciso para continuar a construir caminho, reforçando parcerias, cruzando fronteiras na investigação e no ensino, dialogando com diferentes partes do mundo e contribuindo para o fortalecimento da democracia.

Este é o ICS que conheço e de que me orgulho. Este é o projeto que gostaria que transmitíssemos às novas gerações de estudantes, professores, investigadores e técnicos. Acredito no papel inequívoco das Ciências Sociais na capacitação dos cidadãos para imaginarem e concretizarem futuros melhores. Sem essa criatividade e inovação, arriscamo-nos a perpetuar mitos que enfraquecem as pessoas e limitam a sua capacidade de construir a sociedade em que querem viver.

No início deste século, e seguindo o exemplo de Galileu — que resistiu a retratar-se da sua teoria de que a Terra girava em torno do Sol, sob a pressão do tribunal da Inquisição, murmurando "E, no entanto, move-se!" ("Eppur si muove!") —, defendo que as Ciências Sociais devem reimaginar-se hoje a partir de uma declaração equivalente: "E, no entanto, somos sempre capazes de (re)começar!"[3]

3 Inspirado no pensamento de Hannah Arendt, na obra *A condição humana*, de 1958 (reedição de 2026).

## Bibliografia


ARENDT, H. (2026). *A condição humana*. Relógio d'Água.

COOK, P. (2024). *Misinformation Studies and Higher Education in the Postdigital Era: Beyond fake news*. Bloomsbury Publishing.

ROBSON, J., Murphy, E., Nuseibeh, N., Tawell, A., Hart, B., Stewart, J., Keep, E., & Marginson, S. (2023). *The Value of the Humanities: Understanding the career destinations of Oxford humanities graduates*. University of Oxford.




# 03

## **WILFRED BURCHETT** HISTÓRIAS DO MUNDO E DE PORTUGAL

**JOÃO SARMENTO** Vice-presidente do Instituto de Ciências Sociais

Em 1975, a Seara Nova publicou *Portugal depois da Revolução dos Capitães*, da autoria do jornalista australiano Wilfred Burchett (1911-1983). A publicação, inserida na coleção *De Leste a Oeste*, resultou da tradução feita por Luiz de Sttau Monteiro do manuscrito original em inglês, que, entretanto, se perdeu. Teve uma circulação significativa de mais de 20 mil exemplares. Um ano depois, faz agora 50 anos, a Seara Nova publicou um outro livro de Burchett, com o título *Portugal antes e depois do 25 de Abril*, que abordava os acontecimentos que conduziram ao 25 de Novembro de 1975 e aos seus corolários. Teve uma circulação de mais de 5 mil exemplares.

No dia 25 de abril de 1974, Burchett estava em Paris. Como outros jornalistas, correspondentes, fotógrafos e políticos, apanhou o primeiro voo possível para Lisboa. Já com 62 anos e um percurso jornalístico extraordinário em todo o mundo, visitava Portugal pela primeira vez. No início da sua carreira, em 1945, foi o primeiro correspondente em Hiroxima, e o relatório "Atomic Plague", da sua autoria, levou à revogação das suas credenciais de jornalista pelas autoridades dos EUA. Mais tarde, reportou sobre os julgamentos na Hungria, sobre as guerras da Coreia e do Vietname e sobre o Camboja durante o regime de Pol Pot (Burchett, 2006). Passou a maior parte da sua carreira a cobrir guerras antifascistas, lutas pela independência e libertação nacional, sobretudo na Ásia. Nos círculos políticos australianos, foi e continua a ser uma figura controversa. O seu legado como correspondente estrangeiro e alegado traidor tem sido ferozmente contestado por académicos, políticos e jornalistas.

Nos meses após a Revolução dos Cravos, o australiano fez várias visitas a Portugal, entrevistando membros das forças militares, ativistas do Movimento das Forças Armadas (MFA), responsáveis por cooperativas, pescadores e agricultores, entre outros, tendo acompanhado manifestações e ações de greve. Analisou resoluções e políticas, tendo sempre em vista o contexto internacional.

Ainda que Burchett tenha trabalhado sobretudo em Lisboa, foi muito para além do conforto do Hotel Tivoli, tendo estado em várias regiões do território continental português, sobretudo Trás-os-Montes, Alentejo, mas também Peniche. Os materiais que recolheu foram a base para o seu primeiro livro sobre Portugal, em que traçou as ações dos Capitães de Abril e o panorama social, económico e cultural do país em tempos turbulentos. Burchett abordou o contexto do golpe, a ação militar, o desfazer do império e a situação política e económica do país.

Fez uso extensivo de muitas entrevistas que realizou com pessoas como Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Gonçalves, Melo Antunes, Álvaro Cunhal, Canais Rocha, Carlos Carvalhas, entre outros. Traçou uma análise crua e pungente da economia portuguesa, nomeadamente o funcionamento dos monopólios económicos (destacadamente as "quatro grandes" empresas ou grupos — CUF, Champalimaud, Grupo Espírito Santo e Banco Português do Atlântico), e a forma como o atraso económico e social tornou o país tão atraente para multinacionais e empresas estrangeiras como a Timex, a Grundig ou a Applied Magnetics.

Não sendo Burchett um académico, mas antes um observador extremamente bem informado com um talento para encontrar ângulos que interessassem aos seus leitores, comparou, interessantemente para um geógrafo, o Alentejo à Hungria e Trás-os-Montes à Bulgária, relatando vividamente os seus encontros com pessoas comuns, recorrendo a informadores e tradutores. Sem nunca esconder o seu entusiasmo pelos capitães que lideraram o golpe e o fascínio pelo MFA, Burchett discutiu agricultura, silvicultura, a tragédia dos comuns, a agroindústria, as condições de trabalho e as perspetivas das pessoas sobre as mudanças políticas do país.

Descreveu cenas de pobreza extrema, bem como as lutas por direitos e salários. Discutiu o início da Reforma Agrária, os latifundiários ausentes e as ações da PIDE antes de 1974.

Já no seu trabalho de 1976, Burchett fez um relato detalhado dos episódios que levaram à derrota da ala revolucionária pela social-democracia. Traçou o surgimento de uma narrativa que opôs a "democracia" à "ditadura comunista", com o objetivo de minar e desviar o processo revolucionário, as ações do Grupo dos Nove, que pretendiam uma transição gradual e pacífica para uma sociedade socialista, o VI Governo, o Conselho Revolucionário e as divergências entre Melo Antunes e Otelo Saraiva de Carvalho. Embora não estivesse em Portugal durante o Verão Quente de 1975, Burchett cobriu, com um sentido de desilusão, a história de como, em novembro de 1975, a revolução tinha terminado.

Recentemente, Daniela Melo e Timothy Walker encontraram, na Biblioteca Nacional da Austrália, os manuscritos datilografados de Wilfred Burchett. A partir desses materiais, editaram a primeira versão dos dois livros em inglês, que foi depois traduzida para o português (Melo e Walker, 2025).

O trabalho de Burchett sobre Portugal — um Portugal que se libertava de uma ditadura de quase 50 anos, que se descolonizava —, feito ao mesmo tempo que o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho dava os primeiros passos, encerra muitos aspetos significativos para o futuro das Ciências Sociais: espírito crítico, livre e independente; comprometimento político e ético; vontade de ouvir vozes diversas e comunidades locais marginalizadas; particular atenção a desigualdades sociais, processos de democratização e liberdade; atenção constante ao papel e poder das elites, da política e da captura do comum; e olho na vida quotidiana das comunidades locais na sua articulação e resistência a práticas e processos globais. Num tempo em que a politização da memória se alastra como um polvo, regressar a Burchett é um exercício refrescante.

## Bibliografia


BURCHETT, W.G. (1975). *Portugal depois da Revolução dos Capitães*. Seara Nova.

BURCHETT, W.G. (1976). *Portugal antes e depois do 25 de Abril*. Seara Nova.

BURCHETT, W.G. (2006). *Memoirs of a Rebel Journalist: The autobiography of Wilfred Burchett*, editado por George Burchett e Nick Shimmin. University of New South Wales Press.

BURCHETT, W.G. (2025). *The Captains' Coup. From dictatorship to democracy in Portugal (1974-1976),* editado por Daniela Melo e Timothy Walker. Edições 70.



# 04

## **UM MUNDO SEMPRE NOVO** E AS SUAS VELHAS LUTAS

**RITA RIBEIRO** Vice-presidente do Instituto de Ciências Sociais

As ciências sociais são coetâneas do "mundo novo" a que temos tido direito desde há 250 anos. Nascidas para explicar e compreender a organização social, económica, política e cultural que se estabeleceu com a constelação de revoluções que geraram o mundo moderno, tiveram de forjar uma nova episteme. Depressa se definiram as traves do pensamento científico-social, e com igual rapidez surgiram tendências, escolas e tradições, desdobradas pelas disciplinas emergentes. Para o argumento deste texto, interessam as fundações que seguram o edifício das ciências sociais.

Um eixo epistémico estruturante das ciências sociais é a relação. Como fazemos coisas juntos, como produzimos mundos sociais, tecemos e desfazemos laços nas interações, imaginamos universos simbólicos e negociamos sentidos, pertenças e diferenças. É o fundamento dos processos de significação e, em última análise, a razão por que existem a cultura e as culturas humanas. Mas também, numa aceção metodológica, a relação como associação de variáveis que explicam fenómenos, dependências e causalidades em sistemas complexos.

A ideia de relação não é apenas um conceito; é o dispositivo de conhecimento que permite interpretar a condição humana como caleidoscópio de interdependências e como efeito da iteração quase mágica entre o *frame* da coexistência no aqui e agora e a intangibilidade esmagadora das estruturas (sociopolíticas, socioeconómicas, sociotécnicas) e das suas sedimentações históricas.

Relação e poder são consubstanciais, diz-nos Michel Foucault. Mais do que um recurso, o poder é a relação estratégica entre forças desiguais. Ou seja, o pensamento no campo das ciências sociais é necessariamente orientado também pelo eixo epistémico do poder. Portanto, os mundos sociais e culturais engendrados na relação são dilacerados, ao mesmo tempo, pela força e pelo conflito. Se o poder é estratégia, quase toda a estratégia tem como propósito legitimar o que é arbitrário no desequilíbrio entre recursos e fazer crer na benignidade, até no proveito ou mesmo privilégio, de ser-se submisso e de consentir. E, na sua máxima argúcia, o poder subsiste pela transmutação: converte o dominado em agente da sua própria dominação ao cativá-lo com um sentido para a força que sobre ele se impõe. O que a força da relação une, as operações do poder separam.

Até aqui a prosa foi meramente escolástica. A inquietação chega no momento em que interrogamos os efeitos desta arquitetura epistémica. O que fizemos e o que fazemos com as ideias críticas de relação, cultura, poder? Como estão as ciências sociais a participar nas metamorfoses que moldam o mundo contemporâneo, e que não são menos intensas do que em momentos anteriores de grande transformação?

No mundo novo, ou moderno, dos últimos séculos reproduziram-se lógicas de poder históricas, ora sob formas insuspeitas, como a economia livre ou de mercado e os sistemas democráticos, ora sob formas extremas como os totalitarismos e as mil declinações da

necropolítica. Podemos dizer, sem cinismo, que os pobres continuam a morrer de fome, de doença e da exploração cruel dos seus corpos, e que os mais oprimidos continuam a morrer sob bombardeamentos e atrocidades que destroem vidas com o maior sofrimento possível. E que todos os que não contam são vergados pelo trabalho mortificante, por tufões e ondas de calor implacáveis, pelos produtos narcotizantes da indústria da cultura, pelas agressões quotidianas do racismo e das perseguições às diferenças e condições humanas que estrategicamente silenciam, subjugam e anulam.

A análise da organização social e das suas estruturas económicas e políticas colocou o campo das ciências sociais em face de permanente evidência acerca da desigualdade, violência, injustiça e desumanização e dos efeitos devastadores que geram nas pessoas e nas sociedades. E, como espelho destas fraturas, deparou-se também com a ação política coletiva das massas condenadas a lutar por um mundo novo. Os movimentos sociais foram e são (quase) sempre fragmentos da eterna luta pelos direitos humanos (mesmo que a nomeação fosse outra) e contra os mais sombrios diagnósticos filosófico-sociais: "a lei do mais forte", "a exploração do Homem pelo Homem", "o Homem como lobo do Homem". Que se assegure que todos têm direito à liberdade e à dignidade e a serem tratados como iguais é a mais revolucionária das ideias e pela qual muitos perderam a vida.

Podem, e devem, as ciências sociais tomar parte e tornar-se agentes de transformação nas lutas por sociedades mais equilibradas e justas? Devem transformar o conhecimento sobre a violência estrutural e a reprodução das desigualdades em apelo reivindicativo? Deve o conhecimento social ser intencionalmente mobilizado para "salvar" os mais fracos, os excluídos dos banquetes do poder e do privilégio? Há um dever da ciência de denunciar os mecanismos ideológicos, os dispositivos invisíveis de dominação, o fetichismo da mercadoria? Há um dever da ciência para com a dignidade humana, a justiça, o bem coletivo (aqui incluindo o de outras espécies e da Terra como casa comum)?

Para as ciências sociais, o mundo é sempre novo. Se, num certo sentido, tudo ficou na mesma desde que Marx dissecou o sistema socioeconómico capitalista e inaugurou a episteme social, ao mesmo tempo o mundo social, na sua densidade signo-interpretativa, é a infinitude de que fala Max Weber.

As lutas coletivas, plurais e dialógicas são a práxis da transformação; produzem um sentido de comunidade na procura que muitos empreendem por sociedades mais justas. Mas não basta imaginar mundos novos e projetar formas inéditas e mais felizes de organização social. A conquista da justiça social, dos direitos humanos e de cidadania dependem do seu reconhecimento e legitimidade. Caberá também às ciências sociais, munidas do conhecimento sólido que acumulam e permanentemente reveem, dotadas da sua matriz crítica, contribuir para narrativas confiáveis e mobilizadoras da ação coletiva que traga o mundo novo necessário e desejado. Os mais pessimistas poderão mesmo dizer que o mundo ou será novo, ou não será. E num mundo para todos, a luta terá de ser de muitos. O que o poder separa, a relação une, e a luta faz acontecer.

# 05

# O CALEIDOSCÓPIO

**SARA BALONAS** Vice-presidente do Instituto de Ciências Sociais

Num século em franco retrocesso civilizacional, que papel está reservado às Ciências Sociais? Olhemos em particular para o ICS, de onde se avista o mundo a partir das lentes da Arqueologia, das Ciências da Comunicação, da Geografia, da História e da Sociologia. Cada área contém um inestimável legado de conhecimento acumulado ao longo de cinquenta anos. E também carrega um enorme potencial transformador, seja pela influência na educação das próximas gerações, seja através da construção de projetos que influenciem positivamente as comunidades e a sociedade em geral.

O conhecimento da história, dos territórios, das pessoas e da vida em sociedade, bem como das formas de nos relacionarmos e de comunicarmos, com vista a um mais profundo discernimento do que nos rodeia, é mais necessário do que nunca. Consolidar a relevância das Ciências Sociais é um desígnio cujo tempo chegou. Para isso, urge nutrir o pensamento crítico e a criatividade, ancorados em saberes disciplinares que se cruzam, dando origem a novas soluções.

É sobre este potencial que trata este ensaio, inspirado no texto da missão do ICS, que nos vincula com o compromisso de construir "um modelo de sociedade baseado em princípios humanistas, que tenha o saber, a criatividade e a inovação como fatores de crescimento, desenvolvimento sustentável, bem-estar e solidariedade" (Instituto de Ciências Sociais, s.d.).

Esta é uma missão árdua, sobretudo em tempos inéditos, que nos deixam atónitos perante a perda de memória de acontecimentos e atrocidades dos séculos passados; imobilizados perante a desumanização e o primado do individualismo; perplexos perante fenómenos a que chamaríamos radicais livres (polarização, manipulação, entre outros). A este propósito, diz Domingues: "no meio disto tudo, instalou-se uma enorme crise de representação do mundo, de busca e partilha de sentido" (2019, p. 21). Sentimo-nos impotentes, portanto. Em parte porque, do lugar de onde avistamos — da nossa ilha —, parece que nada conseguimos fazer. Porque não começarmos por olhar para as ilhas vizinhas? Juntar recursos (conhecimento especializado) e construir pontes. Imaginemos, então, um "arquipélago" das Ciências Sociais, oferecendo visões, integradas entre si, ao mundo.

Estarão as Ciências Sociais capacitadas para fornecer tais visões? Parece ser urgente encontrar antídotos, que não estão, decerto, em fórmulas exatas nem em modelos matemáticos, nem tão-pouco numa aplicação ou numa qualquer inteligência artificial generativa, mas na capacidade de pensar criticamente e de estimular o cérebro a aventurar-se em novas sinapses, ligando ideias improváveis e gerando novas soluções para as encruzilhadas da contemporaneidade.

Ora, para isso, é necessário convocar uma nova inteligência coletiva, moldada no cruzamento de disciplinas que contribuem com o seu olhar para depois se misturarem, como um caleidoscópio. E, deste modo, se pode chegar a uma ideia iluminadora, fruto de uma espécie de criatividade coletiva transformadora. A criatividade é aqui entendida

como a capacidade daqueles que, perante a adversidade, procuram soluções, superam preconceitos e ideias feitas, testam limites, arriscando soluções. Afinal, ao longo da história e da evolução das sociedades, a criatividade sempre significou partir em busca de novos caminhos. Nesta ordem de ideias, a criatividade é, reconhecidamente, um recurso inestimável, contínuo, na roda da transformação.

Este ensaio é, em suma, um elogio ao potencial das Ciências Sociais enquanto agente ativo perante os grandes desafios societais, políticos ou ambientais: a sua força está na sua diversidade, capaz de gerar novas combinações improváveis — juntando conhecimento consolidado e ferramentas de intervenção das várias áreas. São cinquenta anos a estudar civilizações, a decifrar o passado, a conhecer povos e culturas, a agir sobre os territórios e sobre as comunidades, a aproximar pessoas e lugares e a partilhar conhecimento através da comunicação. Mas nem sempre partilhamos estas visões entre nós. Combinar todas estas competências em torno de um dilema comum, promovendo o diálogo interdisciplinar, é a ideia que aqui se lança para os próximos tempos. Acredito que a força e capacidade de intervenção das ciências sociais é a sua diversidade e potencial de união em torno de um projeto comum.

O poder das pessoas surge quando agem em conjunto em torno de uma promessa, como defende Arendt (1958).

O ICS — a nossa casa, construída de saberes ao longo de meio século — tem tudo o que é necessário para liderar um movimento que contrarie o rumo atual do século XXI. Uma atuação alicerçada na cooperação, na colaboração e na cocriação. Que influencie e intervenha. Que oriente. Que traga esperança e contrarie a descrença.

E se o desígnio for, suponhamos, a formação para a cidadania? Imaginemos um projeto "caleidoscópico", formado a partir da luz própria de cada área: geógrafos, historiadores, arqueólogos, sociólogos e comunicadores que cooperam e cocriam. Inteligência coletiva em ação. E que até convocam outras lentes se necessário for, alargando a outras ciências da academia. Quão original e inédito seria o resultado?

Afinal, numa sociedade cada vez mais desorientada face à descrença nas instituições tradicionais, "as soluções não virão dos mercados nem das formas estabelecidas de política e administração; a esperança vira-se, em vez disso, para a mobilização de recursos cívicos, sociais", como aponta Innerarity (2006, pp. 197-198). Porém, como defende o mesmo autor, qualquer projeto só é possível num ambiente considerado aberto e "pressupõe uma visão otimista da realidade social e das nossas capacidades para combater o destino" (Innerarity, 2011, p. 66).

Será este o próximo propósito, ancorado nos princípios humanistas que orientam a nossa missão. Poderá parecer utópico, mas, como dizia António Gedeão, "sempre que um homem sonha o mundo pula e avança" (1956).

## Bibliografia


ARENDT, H. (1958). *The Human Condition*. University of Chicago Press.

DOMINGUES, A. (2019). Oh que cousas grandes e raras haverá. *Revista Granta – Futuro*, 3, 15-28.

GEDEÃO, A. (1956). Movimento perpétuo. *Recreio das Letras*. https://recreiodasletras.wordpress.com/2008/11/22/pedra-filosofal-antonio-gedeao/.

INNERARITY, D. (2006). *O novo espaço público*. Editorial Teorema.

INNERARITY, D. (2011). *O futuro e os seus inimigos*. Editorial Teorema.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (s.d.). *Missão e objetivos*. Universidade do Minho. https://www.ics.uminho.pt/pt/Instituto/Paginas/Missao-e-Objetivos.aspx.



Uma das escolas mais antigas da UMinho pelo olhar dos seus **reitores**

# 06

## COMPREENDER O MUNDO É MAIS DO QUE TRANSFORMÁ-LO

**PEDRO AREZES** Reitor da Universidade do Minho

As Ciências Sociais na UMinho percorrem, há 50 anos, um caminho profundamente profícuo, numa história marcada por um inquestionável contributo científico e pedagógico de elevado nível.

Aceitar o desafio de refletir sobre o caminho e valor das Ciências Sociais nesta efeméride representa, por si só, uma grande responsabilidade. Que é ainda maior quando essa reflexão parte de alguém que, como eu, desenvolveu o seu percurso profissional numa área focada em contributos mais quantitativos e tecnológicos, como a Engenharia, num contexto em que os problemas tendem, idealmente, a conduzir a soluções (que julgamos) claras e mensuráveis.

Mas esta reflexão parte de um lugar, agora, distinto. Um lugar que, na responsabilidade que circunstancialmente assumo como Reitor, me permite ter vista privilegiada do modelo de gestão da Universidade do Minho como instrumento de prossecução da sua missão de ensinar, gerar conhecimento e contribuir para o bom funcionamento e progresso da sociedade. Neste contexto, as diferenças no acesso à educação ou às dinâmicas de poder não podem ser lidas como simples incidentes estatísticos. São, antes, produtos históricos e sociológicos muito enraizados. É preciso, por isso e sempre, olhar mais longe, para lá dos modelos exatos, para encontrarmos alguns dos problemas mais decisivos do nosso tempo, porventura menos técnicos e mais profundamente sociais. E muitos dos desafios atuais acentuam, de forma clara, os limites de uma abordagem exclusivamente técnica.

A inteligência artificial, por exemplo, não levanta apenas questões de eficiência ou desempenho, mas também dilemas relacionados com ética, justiça, transparência e impacto social. Do mesmo modo, a transição climática não depende apenas da inovação tecnológica, mas também de comportamentos coletivos, decisões políticas e capacidade de mobilização social. É nestes contextos que, mais que nunca, se impõem as abordagens da malha histórico-filosófico-social, entre outras, como recurso para enformar soluções não apenas tecnicamente sofisticadas, mas humana e socialmente adequadas e eficientes.

A própria ideia de modernidade, muitas vezes associada ao progresso científico e tecnológico, não deve nem pode ser dissociada das transformações sociais que lhe conferem sustentabilidade. A forma como as pessoas reagem, se adaptam ou resistem à mudança constitui um processo dinâmico que ultrapassa qualquer modelo matemático, por mais complexo e sofisticado que se apresente.

Vivemos numa modernidade reflexiva, marcada pela mudança permanente, pela globalização e pela constante redefinição das identidades. Enquanto académico com formação nas ciências ditas exatas, sei que a tecnologia pode acelerar — e acelera — estas transformações, mas não as explica e, menos ainda, compreende e resolve os grandes impactos e problemáticas que decorrem da vertigem desse devir.

Por outro lado, parece-me possível identificar, ainda assim, obstáculos à afirmação plena das Ciências Sociais, como a crescente predominância dos dados quantitativos e dos algoritmos, valorizados pela sua aparente neutralidade, clareza e imediatismo. Paralelamente, a própria diversidade do domínio das Ciências Sociais, que resulta das suas múltiplas abordagens, perspetivas e interpretações, contrasta com a precisão que com frequência é associada a outros domínios da Ciência, complexificando a comunicação do seu rigor e a afirmação da sua relevância junto de certos setores.
De forma necessariamente simplista, do equilíbrio entre a compreensão e transformação do mundo material que nos permite um domínio a que se vulgarizou chamar ciências exatas e a compreensão (e orientação) das relações humanas e das organizações sociais e institucionais, resulta e reside o verdadeiro progresso: na coexistência assente no reconhecimento do valor e irrecusável contributo de cada forma de conhecimento, independentemente da sua matriz científica. A integração de diferentes saberes na análise dos problemas clássicos e emergentes do nosso tempo é hoje, e talvez mais que nunca, uma emergência societal e do progresso civilizacional. Os fluxos migratórios, as alterações climáticas, a inteligência artificial, o envelhecimento demográfico, as desigualdades sociais ou a polarização do discurso político são fenómenos e desafios cuja compreensão e definição de respostas dependem da capacidade coletiva, em particular das instituições produtoras de conhecimento, como esta Universidade, para os problematizar, pensar criticamente e apontar caminhos de futuro.
É este desígnio que, ao longo de 50 anos, através da audácia, persistência e inteligência de todas e todos, as Ciências Sociais têm vindo, de forma empenhada e frutífera, a cumprir na UMinho.

Disso são expressão inequívoca todos os alunos formados ao longo destas cinco décadas nestes domínios na UMinho, com percursos académicos e profissionais que nos orgulham e corporizam o nosso contributo para a sociedade, das mais variadas formas e expressões. Aqui se inclui também a produção científica que resulta da atividade dos nossos professores e investigadores que instalaram e desenvolveram os centros pedagógicos e científicos de sucesso e de atividade de elevado impacto e reconhecimento nacional e internacional.
A dimensão da Missão da Universidade do Minho concretizada através do contributo pedagógico e científico das Ciências Sociais, afirmado diariamente ao longo dos últimos 50 anos, constitui um impulso contínuo de reafirmação dessa mesma Missão, projetando-nos para um futuro em que o conhecimento aqui produzido e difundido continue a crescer e a afirmar-se no país e no mundo.

# 07

# AS CIÊNCIAS SOCIAIS FACE À CRISE DAS DEMOCRACIAS

**RUI VIEIRA DE CASTRO** Antigo Reitor da Universidade do Minho, 2017—2025

**1**.

As ciências sociais são um campo científico cada vez mais atravessado por tensões decorrentes da coexistência de modos diferentes de entender a sua função e legitimidade epistemológica: ora entendidas como exercício crítico sobre a sociedade, cabendo-lhes desocultar estruturas de poder, analisar desigualdades e compreender mecanismos de dominação, exclusão e reprodução social; ora concebidas como lugar de produção de conhecimento verificável, sustentado no uso de dados, na procura de relações de causalidade e na recusa de juízos normativos; ora ainda consideradas como espaço de interpretação cultural, centrado nos símbolos, nas linguagens, nas narrativas e nas identidades, partindo do pressuposto de que o social não pode ser explicado apenas por causalidades.

Independentemente das heranças intelectuais que estas e outras perspetivas reivindicam, das problemáticas que privilegiam e das críticas a que podem ser sujeitas, elas contribuem de modo decisivo para o entendimento do humano e das suas circunstâncias. Percebe-se, por isso, a relevância da sua presença na universidade. Se esta tem no cerne do seu programa "a expansão das fronteiras do conhecimento, de modo a garantir uma melhor compreensão do universo físico e da condição humana" (European University Association, 2021, p. 8), então uma universidade, para ser completa, não pode prescindir das ciências sociais.

**2.**

São as ciências sociais que nos permitem a compreensão da complexidade das sociedades contemporâneas, mesmo quando observadas a partir de um ponto de vista particular, por exemplo, os efeitos da internet e das plataformas digitais na geração de "sociedades em rede" (Castells, 2005).

Nunca como hoje tantas pessoas dispuseram de um acesso potencialmente imediato, direto e contínuo a um volume tão vasto de informações. No mundo, mais de cinco mil milhões de pessoas utilizam a internet; em Portugal, são mais de 8,5 milhões (Ritchie *et al*., 2023). Dispositivos e plataformas digitais tornam acessível um fluxo praticamente ilimitado de textos, imagens, factos, opiniões, dados e interpretações. Hoje é possível percorrer territórios informacionais que, há poucas décadas, estavam reservados a elites culturais, políticas ou académicas.

Durante séculos, a relação entre as pessoas e as fontes de informação foi mediada por instituições e organizações — igrejas, escolas, universidades, associações, partidos, meios de comunicação — que criavam condições para a transformação da informação em conhecimento socialmente partilhado.

Hoje, este tipo de articulação encontra-se em crise. Os algoritmos substituem muitas das intermediações humanas, selecionando informação a partir de padrões de comportamento, interesses prévios e lógicas comerciais ou políticas que poucas vezes conhecemos.

Ao mesmo tempo, o espaço informacional tornou-se profundamente desestruturado: relato, opinião, investigação científica, propaganda, rumor e falsidade coexistem com idêntico valor facial, sem filtros ou hierarquias que permitam estabelecer critérios de valor. Esta horizontalização da informação torna as sociedades mais vulneráveis à manipulação, à desinformação e à fragmentação do espaço público comum.

O resultado é paradoxal: sociedades hiperconectadas podem tornar-se sociedades deslaçadas, compostas por cidadãos simultaneamente ligados em rede e socialmente desligados. Quando desaparecem bases partilhadas de interpretação da realidade, cresce a vulnerabilidade coletiva perante o medo, a manipulação e as soluções autoritárias simplificadoras para problemas complexos.

Ao mesmo tempo, multiplicam-se formas de invisibilidade social. Territórios afastados dos grandes centros de decisão, grupos socialmente fragilizados ou populações sem capacidade consistente de expressão pública tornam-se cada vez menos reconhecidos nas representações dominantes. De modo paradoxal, sociedades saturadas de comunicação produzem novos silêncios sociais.

A velocidade da transformação tecnológica, combinada com a erosão das formas tradicionais de mediação social, está a alterar profundamente as condições de funcionamento das democracias contemporâneas.

A degradação da confiança nas instituições, o empobrecimento do espaço público, a fragmentação cultural, a polarização social e a disseminação sistemática da desinformação alimentam um processo lento de corrosão democrática que atravessa hoje muitas sociedades. À escala global, a democracia está em recuo (Nord *et al*., 2026).

**3**.

É neste contexto que as universidades e os centros de investigação — em particular, da área das ciências sociais — enfrentam novos desafios. É-lhes requerido que sejam lugares de produção especializada de conhecimento e, simultaneamente, observatórios permanentes da vida coletiva, capazes de identificar desigualdades persistentes ou emergentes, compreender perceções sociais, desvelar níveis de confiança institucional, acompanhar dinâmicas de coesão territorial, analisar formas de participação cívica e avaliar os impactos reais das políticas públicas na vida das populações.

Um programa desta natureza não pode, porém, confundir intervenção cívica com ativismo ideológico, nem utilidade social com abandono da exigência científica. A relevância pública das ciências sociais depende precisamente da sua capacidade de assegurar critérios de validação partilháveis, rigor metodológico e consistência analítica, bem como escrutínio crítico. Num tempo marcado pela circulação massiva de opinião e pela fragilidade das fronteiras entre conhecimento e crença, esta exigência torna-se ainda mais importante.

A pertinência das ciências sociais não reside na produção de verdades definitivas, mas na capacidade de construir inteligibilidade coletiva sobre fenómenos complexos que condicionam a vida comum. É justamente dessa capacidade de compreensão que podem decorrer efeitos públicos concretos: democracias mais participadas,

políticas públicas mais inteligíveis e adequadas às necessidades das pessoas e das organizações, maior confiança social, combate mais eficaz às desigualdades territoriais e cidadãos mais preparados para lidar com a manipulação, o medo e a polarização.

Não podemos prever com rigor as características das sociedades do futuro. Subsiste, contudo, um consenso essencial em torno dos princípios que devem estruturá-las: liberdade, dignidade da pessoa humana, participação democrática, justiça social, pluralismo e inclusão.

A questão decisiva consiste em saber se seremos capazes de preservar esses princípios num contexto de transformação tecnológica acelerada, fragmentação social e crescente vulnerabilidade da esfera pública.

As sociedades do futuro não deverão ser definidas apenas pela tecnologia que conseguirem desenvolver, mas pela sua capacidade de interpretar criticamente os seus conflitos e as suas desigualdades, construir sentidos partilhados e imaginar formas mais justas de organização social.

Estes são desafios que as ciências sociais não podem recusar. Num tempo marcado pela fragilidade democrática e pelo poder crescente dos algoritmos, o exercício crítico, a criação de referenciais comuns e a capacidade de devolver complexidade ao debate público permanecerão entre as suas mais importantes e insubstituíveis contribuições.

## Bibliografia


CASTELLS, M. (2005). *A sociedade em rede* (2.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

EUROPEAN UNIVERSITY ASSOCIATION (2021). *Universities without Walls: A vision for 2030*. https://www.eua.eu/publications/positions/universities-without-walls-eua-s-vision-for-europe-s-universities-in-2030.html.

NORD, M., Altman, D., Fernandes, T., God, A.G., & Lindberg, S.I. (2026). *Democracy Report 2026: Unraveling the Democratic Era?* V-Dem Institute, University of Gothenburg.

RITCHIE, H., Mathieu, E., Roser, M., & Ortiz-Ospina, E. (2023). *Internet. Our World in Data*. https://ourworldindata.org/internet.




6 TELEPONTO NDI
(JOÃO) EM
ESPANHA, NA
GALIZA, CENTENAS
DE PESSOAS
REÚNEM-SE PARA
CUMPRIR A
MARATONA DE SÃO
7 RELÓGIO

# 08

## AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ERA DOS “PÓS”

**ANTÓNIO M. CUNHA** Antigo Reitor da Universidade do Minho, 2009—2017

Celebrar 50 anos do Instituto de Ciências Sociais é reconhecer não apenas o seu percurso institucional, mas também a sua capacidade de adaptação a um mundo em mudança. Hoje, esse mundo é frequentemente descrito como a “era dos pós”: pós-verdade, pós-democracia, pós-privacidade, pós-trabalho, até pós-humanidade. Mais do que indicar um “fim”, estes termos apontam para um tempo de transição profunda, em que os quadros conceptuais herdados da modernidade se revelam insuficientes para compreender a contemporaneidade. Este contexto é inseparável da revolução científica em curso, marcada pela convergência de desenvolvimentos em quatro grandes domínios: a transformação digital e a inteligência artificial, as biotecnologias, os novos materiais e as tecnologias quânticas. Estamos ainda no meio deste processo, cujos efeitos são incertos, mas seguramente estruturantes: redefinem economias, reconfiguram relações sociais e alteram as fronteiras da matéria, da vida e do humano. A ideia de “pós-humano”, nomeadamente a de entidades híbridas, deixa de ser apenas especulativa para se tornar um horizonte plausível.

Perante esta metamorfose, as ciências sociais são chamadas a um papel exigente. Muito antes do digital, Hannah Arendt assinalava que a erosão da verdade factual compromete as condições da vida política. Numa era de sobrecarga informacional e de narrativas concorrentes, a universidade — e, em particular, os seus institutos de ciências sociais — deve reafirmar o seu compromisso com a construção de um mundo comum, sustentado em factos, debate e julgamento crítico. Não se trata de defender uma autoridade impositiva, mas de preservar o espaço onde a pluralidade pode emergir sem colapsar em relativismo absoluto.

Mas compreender este mundo exige também novas formas de pensamento. Edgar Morin sublinhou a insuficiência das abordagens fragmentadas face à complexidade contemporânea. A realidade atual, simultaneamente tecnológica, social, cultural e política, dificilmente pode ser captada por disciplinas isoladas. Exige, por isso, formas de diálogo e articulação entre saberes que a investigação disciplinar não assegura. Neste contexto, as escolas universitárias, nomeadamente os seus institutos de ciências sociais, devem assumir a interdisciplinaridade como prática efetiva, promovendo uma inteligência coletiva capaz de combinar diferentes níveis de análise e de lidar com a incerteza como elemento constitutivo do conhecimento.

Num tempo em que o humano se hibridiza com a tecnologia, a cultura adquire uma importância renovada, permanecendo como espaço de produção de sentido, de memória e de identidade, bem como de germinação da criatividade. É através dela que os indivíduos se reconhecem como parte de comunidades situadas em histórias e territórios concretos. O contributo de Moisés Martins é particularmente relevante neste domínio, ao sublinhar a centralidade dos processos simbólicos e comunicacionais na construção do social. A cultura, longe

de ser um adorno, é aquilo que permite resistir à redução do humano a uma dimensão puramente funcional ou tecnológica.

Esta dimensão identitária — cultural, territorial, nacional — ganha acrescida pertinência na era global e digital.

A circulação de informação e de pessoas intensifica-se, mas coexistem dinâmicas de reforço de pertenças e de afirmação de diferenças. As ciências sociais são fundamentais para analisar estas tensões e evitar leituras simplistas que opõem globalização e identidade, ou país e região. Um instituto universitário deve ser, neste sentido, um lugar de estudo rigoroso e de debate crítico destas questões. Mais do que o "sítio das aulas" — conceito atualmente em crise —, deve assumir-se como o local do encontro entre agentes do conhecimento.

A própria universidade encontra-se num momento de reconfiguração. A descentralização do conhecimento e a emergência de novas formas de aprendizagem colocam em causa a sua tradicional posição hegemónica. Falar de uma "pós-universidade" — não necessariamente no sentido crítico de Bill Readings, mas no de uma reinvenção habilitada pela tecnologia, como defendia Charles Vest — não implica o desaparecimento da instituição, mas a necessidade da sua transformação, como tantas vezes ocorreu ao longo da sua história.

As ciências sociais devem contribuir decisivamente para esse processo, ajudando a encontrar um equilíbrio — específico e diferenciador de cada instituição — entre a orientação para o mercado e uma visão de formação integral, centrada no pensamento crítico e na responsabilidade social.

Reinventar a universidade implica reforçar a sua função de serviço público: não apenas formar profissionais, mas cidadãos capazes de compreender o mundo e de nele intervir de forma informada. Implica também uma interação com a sociedade que reconheça a diversidade de experiências e saberes como condição de diálogo. Neste processo, será importante o papel de mediador das ciências sociais, articulando ciência, cultura e vida coletiva.

Por fim, o futuro da democracia dependerá, em grande medida, da vitalidade e da competência deste esforço. Num contexto de desinformação, polarização e desconfiança institucional, torna-se urgente reconstruir o espaço público como lugar de debate informado e de participação ativa. Arendt recorda-nos que a política nasce da ação e da palavra em comum; Morin lembra-nos que essa ação exige pensamento complexo. As ciências sociais têm a responsabilidade de sustentar essas condições.

Celebrar os 50 anos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho é, assim, afirmar um compromisso com o futuro: um futuro em que a cultura, o pensamento crítico e a responsabilidade democrática continuam a definir o humano, mesmo num tempo em que as suas fronteiras se transformam.



**Vozes** da Casa
e **vozes** de fora,
ecos de hoje como
de outrora

# 09

# AS CIÊNCIAS SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PARA UM SONHO DE COMUNIDADE OS ESTUDOS LUSÓFONOS

**MOISÉS DE LEMOS MARTINS** Antigo Presidente do Instituto de Ciências Sociais, 1996—1999, 2004—2010

O mundo da ciência constitui um campo social. Neste entendimento, sigo Pierre Bourdieu e Michel Foucault, que apresentam a ciência como um lugar marcado por relações de força e tomadas de posição conflituais. Com efeito, não são apenas a escola, a economia, a política, o discurso, as culturas, as artes e os média, que constituem campos sociais. Também a ciência conhece relações de força, fenómenos de concentração de capital e de poder, relações sociais de dominação e lutas pelo controlo dos seus meios específicos de produção e reprodução.

Por outro lado, sendo o nosso tempo de translação da palavra e do pensamento para o número, com uma permanente mobilização tecnológica para o mercado, em todos os níveis da atividade humana, a ciência é não só uma ciência de língua única, o inglês, como de permanente mobilização para a competição, o empreendedorismo, o *ranking* e a estatística. E acresce ainda que nesta era tecnológica também se deu a translação do pensamento, que argumenta e persuade, para as imagens digitais e virtuais, que fascinam e seduzem. Neste contexto, a própria retórica passou a ser habitada pelo *design*, pelo *look*, pelo *branding*, pelo *timing*, pelo *marketing*, tudo atividades de retórica da imagem, que nos falam à emoção, e não à razão.

Neste entendimento, as Ciências Sociais também constituem um campo social, de relações de força e luta, seja para a sua manutenção, seja para a sua transformação, com as relações entre os agentes a influenciar os processos de tomada de decisão. Para compreendermos o campo específico das Ciências Sociais, é fundamental identificar a distribuição do capital científico, assim como o local ou a posição dos atores sociais dentro desse campo, o que quer dizer, o lugar a partir do qual é tomada a palavra.

Trabalhando nas Ciências Sociais desde que, há 42 anos, me doutorei em Sociologia, na Universidade de Estrasburgo, acabei por me apaixonar pelos Estudos Culturais, que me permitiram abrir caminho para um sonho de comunidade na ciência, o dos Estudos Lusófonos. Em 2010, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho fundou, com o Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, o primeiro doutoramento do país em Estudos Culturais, doutoramento esse que em 2017 se tornou um projeto independente, em cada uma destas Universidades. Mas logo em 2013, em articulação com o doutoramento em Estudos Culturais, foi criada a *Revista Lusófona de Estudos Culturais*. Na "era das máquinas e das massas", para falar como Ernst Jünger, os Estudos Culturais constroem modelos de descrição e resolução de problemas, elaboram estratégias de abordagem dos dilemas com que o humano se confronta, individual e coletivamente, assim como levantam e formulam as questões essenciais sobre os valores, os objetivos e o sentido da ação humana.

E foi assim que, através dos Estudos Culturais, cheguei ao sonho da ciência de uma comunidade multicultural, transcultural e transnacional lusófona, um sonho que remete para as variedades de uma mesma língua, na multiplicidade e diversidade das suas culturas (Martins, 2006). O imaginário lusófono compreende a memória de um passado colonial partilhado, é certo que um passado contraditório porque feito de colonizadores e colonizados, mas que, ao mesmo tempo, permite as mais diversas "travessias" (Martins, 2015) pelos territórios das culturas e das artes nos países de língua portuguesa e das suas diásporas. Na figura da Lusofonia joga-se também o imaginário de uma luta simbólica pela divisão da comunidade internacional em áreas culturais, o que quer dizer que a figura da Lusofonia compreende o combate pela "ordenação simbólica do mundo", como podemos dizer convocando uma expressão de Pierre Bourdieu, onde se colocam, por exemplo, os problemas de uma língua hegemónica na ciência, o inglês, assim como a subordinação científica de todos os povos que falam uma outra língua.

Mas, sendo tecnológica a condição da época e o ciberespaço um novo contexto de comunicação, coloca-se a possibilidade de a Lusofonia se construir também através de *websites*, portais eletrónicos, aplicações, redes sociais, repositórios digitais e museus virtuais (Martins, 2014, 2018).

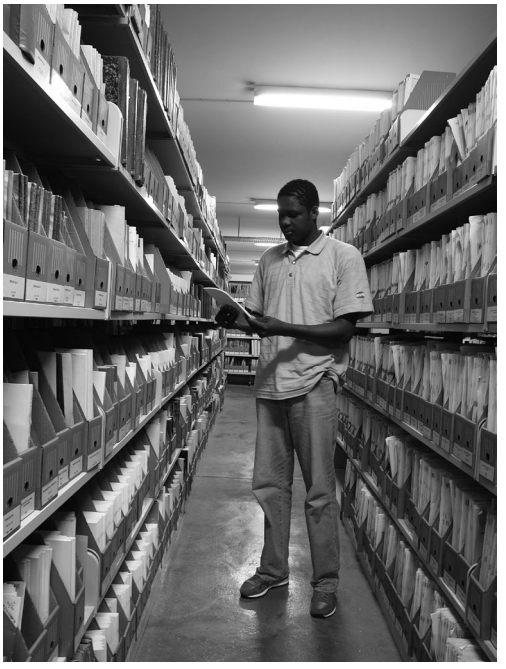
Na era da "sociedade em rede" (Martins, Cabecinhas & Macedo, Eds., 2010) e da "cultura-mundo" (Martins, Cabecinhas & Macedo, Eds., 2012), com as tecnologias da comunicação e da informação a marcarem a época, a figura da Lusofonia abre a novas paisagens, novas atmosferas, novos ambientes, novos territórios, e portanto a novas experiências e novos conhecimentos (Martins, 2014, 2016).

No livro que editei em 2015, com o título *Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia*, fiz o prefácio "Lusofonias – Reinvenção de comunidades e combate linguístico cultural". Este sonho de comunidade lusófona tem hoje possibilidades, entreabertas pelas tecnologias da informação, de que não era sequer possível suspeitar no passado. A "circum-navegação tecnológica" (Martins, 2018) constitui, sem dúvida, uma grande "promessa", como o assinalei no subtítulo do livro assinalado. Mas não deixa de ser, igualmente, uma séria "travessia", cheia de perigos a enfrentar e de riscos a ultrapassar, entre os quais os seus muitos equívocos, pelo que supõe também um combate — um "combate linguístico-cultural". Dada a promessa multicultural, intercultural e transcultural que a Lusofonia contém, intitulei o capítulo que escrevi neste livro "Média digitais e Lusofonia". E é numa secção deste capítulo que pela primeira vez assinalo em título "Um Museu Virtual da Lusofonia — Práticas híbridas de inovação e interação transculturais".

Neste texto, estabeleci uma cartografia do que poderia vir a constituir o Museu Virtual da Lusofonia, na realidade um espaço virtual da língua portuguesa, dedicado à divulgação das culturas e das artes no espaço lusófono, assim como à cooperação académica, pedagógica, cultural e científica. Entretanto, o Museu Virtual da Lusofonia foi inaugurado em 2017. E uma vez colocado no Google Arts and Culture, em 2020, foi convertido em Unidade Cultural da Universidade do Minho, em 2021[1].
O Museu Virtual da Lusofonia tem em conta as grandes transformações de ordem tecnológica que conduziram às profundas alterações, não apenas das estruturas sociais, mas também da organização das comunidades humanas. E é inspirado pelo ativismo linguístico, cultural e científico contra-hegemónico da decolonialidade que o Museu Virtual da Lusofonia se propõe desconstruir a episteme ocidental, sem dúvida descolonizando a língua e a cultura portuguesa, e descolonizando igualmente o pensamento e o conhecimento (Martins, 2018, 2022).

Nestas circunstâncias, os Estudos Lusófonos, e sobretudo o Museu Virtual da Lusofonia, colocam hoje um desafio à Universidade do Minho, e em particular ao Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade desta Universidade. Inspirado nos Estudos Culturais e nos Estudos Pós-coloniais e Decoloniais, o Museu Virtual da Lusofonia consiste num aprofundamento e numa grande concretização dos Estudos Lusófonos. Na realidade, pensar hoje em dia as culturas, as artes e as ciências no espaço de língua portuguesa consiste em debater as possibilidades do humano numa sociedade eletrónica, o que quer dizer numa sociedade digital, e especificamente em debater o humano numa "cultura em rede" e numa "cultura-mundo", estando os povos em competição permanente num mercado global.

1 www.museuvirtualdalusofonia.com.



## Bibliografia


MARTINS, M.L. (2022). A construção de uma cartografia transcultural no espaço da língua portuguesa. In R. Brito, A.L. Trevisan & M.L. Martins (eds.), *Linguagens, Sociedades e Culturas: Interfaces* (pp. 17-30). Editora LiberArs. https://hdl.handle.net/1822/79737.

MARTINS, M.L. (2018). Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica. *Comunicação e Sociedade*, 34, 87-101. https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2937.

MARTINS, M.L. (2016). Os estudos lusófonos como campo de investigação. In N. Bastos (ed.), *Língua portuguesa e lusofonia: História, cultura e sociedade* (pp. 29-46). Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EDUC). https://hdl.handle.net/1822/42613.

MARTINS, M.L. (ed.) (2015). *Lusofonia e interculturalidade — Promessa e travessia*. Edições Húmus. https://hdl.handle.net/1822/39693

MARTINS, M.L. (2014). Língua portuguesa, globalização e lusofonia. In N. Bastos (ed.), *Língua portuguesa e lusofonia* (pp. 15-33). Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EDUC). https://hdl.handle.net/1822/29178

MARTINS, M.L. (2006). A lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico. In M.L. Martins, H. Sousa & R. Cabecinhas, *Comunicação e Lusofonia – Para uma abordagem crítica da cultura e dos média* (pp. 79-87). Campo das Letras. https://hdl.handle.net/1822/29957.

MARTINS, M.L., Cabecinhas, R., & Macedo, L. (2012). *Lusofonia e Cultura--mundo 2011* [Volume temático]. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Grácio Editor.

MARTINS, M.L., Cabecinhas, R., & Macedo, L. (2010). *Lusofonia e Sociedade em Rede*. [Volume temático]. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Grácio Editor.

MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA. www.museuvirtualdalusofonia.com

# 10

## TUDO FLUI

**MIGUEL S. M. BANDEIRA** Antigo Presidente do Instituto de Ciências Sociais, 2010—2013

Eis-nos, pois, aqui nobilitados de *antigo*, gratamente desafiados a discorrer sobre o futuro, sob a égide celebrativa de meio século de continuidades. É verdade, uma recorrência prospetiva, como nos cauciona Eduardo Lourenço, para o qual, diz mesmo, só ser possível imaginá-lo por não se poder dispor de mais nada do que unicamente o passado. Mais a mais, no nosso percurso ativo, em que, vai para uma dúzia de anos, mudámos de rumo e trilhámos novos caminhos. Isto é, também, sem dispormos de momento presente, longe da casa que celebramos, todavia, sem nunca deixar de levar na equipagem as *ciências sociais* e humanas. Daí que qualquer perspetiva que façamos do Instituto de Ciências Sociais estará sempre ancorada nessa intensa vivência de mais de três décadas que entendemos só fazer sentido se estendida a toda a Universidade e à relação com esse Minho que a identifica. Mais agora, porque estamos de saída, ainda que auspiciosamente aposentados num tempo em que o aumento da esperança de vida nos promete com mais futuro.

Saber sair é uma arte! Contar histórias é um dom, sobretudo agora, quando a hegemonia do algoritmo, que tudo absorve, ameaça reduzir o quotidiano académico a uma questão hermenêutica de autoridade e/ou mero exercício político administrativo. A "produção" de conhecimento, como constante estratégica dominante, imbricada a essa visão utilitária do industrialismo moderno, deixou de ser uma exclusividade das universidades. A própria instituição tornou-se numa outra coisa que, não sendo necessariamente boa ou má, esgotou em superação a contradição entre a persistência de querer conservar o que a distinguia e o risco de quem tem de sujeitar a sua própria existência para justificar a excecionalidade. Numa sociedade desejavelmente aberta, a universidade emanada do Estado tem os dias muito difíceis pela frente.

Discorrer por um futuro que já não nos pertence pode parecer uma veleidade ou uma inconsequência, sobretudo para nós e, certamente, para muitos leitores celebrantes que não têm tempo a perder, os quais, cumprida a liturgia destas ocasiões, volverão à abstração das quantidades para prosseguir as finalidades contabilísticas que o seu quotidiano impõe.

Por isso, do contexto existencial do observado, recuperamos a epígrafe do doutoramento de há quase 25 anos, na evocação poética de J. Luis Borges, dessa personagem fabulosa que é Ulisses, o sempiterno viajante, "ao divisar a Ítaca/ verde e humilde. [...]/ de verde eternidade e não prodígios./ [...] como o rio interminável/ que passa e fica/ [...] Heraclito inconstante"...

Inspiração para um futuro em que já não faz sentido vaticinar o *homem novo*. Em pregar aos outros, desde a *torre de marfim*, o que eles devem ou não fazer, de saber ou não ser... Pela hiperinformação, a IA e outros desafios conexos, vai-se dissolvendo tudo o que foi canónico até aqui, muito em particular, nas ciências sociais. Quiçá, voltaremos mais rápida e convictamente à epistemologia da ação, ao trabalho de campo, à observação participante;

e no ensino, decerto, à reabilitação da oralidade, dando primazia ao presencial. Ao insubstituível valor das relações humanas em *direto e ao vivo*...

Agora, à distância e já desafetados de compromissos, embora cintados ao reduzido espaço que dispomos, poderíamos discorrer sobre vários cenários. Por exemplo, começar por reconhecer que estávamos enganados em subestimar a antropologia aos *media studies*. Precisamos mais de Política do que de correntes teóricas. Estamos convictos de que é uma perda de tempo o *policiamento das fronteiras* disciplinares. Do mesmo modo, já não farão sentido as escolas de militantes, tanto para detratores como para apaniguados, como derivou do tempo de Sedas Nunes (o patriarca seminal que não era doutorado, nem propriamente um radical!). Nem mesmo o desígnio das escolas e dos cursos temáticos penhorados à espuma dos dias, em ciclos cada vez mais apertados.

No plano organizacional da UMinho, passados estes anos, pensamos que vale a pena revisitar o conceito de massa crítica das ciências sociais e humanas, que tanto podem ter por atrator as letras e as artes, como reverter em parceria com a economia, a política e as relações internacionais, ou ambas, e que só dependerão da ambição política da academia. Até porque as ciências sociais e humanas, por si só, não têm vocação de *arte liberal* para conviver em proporção com outros grémios.

Escrutinar o futuro serve sempre para excitar a ousadia e a criatividade, apelar aos méritos ensaísticos e reflexivos de cada um, para que o contexto comemorativo promova o tão necessário quanto genuíno debate.

Mas, futuro por futuro, não poderíamos deixar de exortar o que consideramos ser o princípio angular de tudo o queiramos concluir. A afirmação privilegiada e indeclinável da língua materna como uma prioridade ambiental de sustentabilidade, de garantia efetiva de futuro, contra a qual nunca seremos mais do que uma periferia colonizada.

**E, no entanto, *tudo passa*!**



Cinquenta anos de continuidades são sobretudo tempos de pessoas, de memórias e de afetos, que ocasiões como esta têm obrigatoriamente de convocar. E cada um de nós, mais do que tudo, tem de tomar consciência de que somos o seu garante. Não nos iludamos, as instituições são por natureza ingratas, apesar de disporem dos dispositivos rituais para confortarem o inexorável esquecimento. Mas aceitemo-lo sem drama, a vida é mesmo assim!

Há histórias da história do ICS que estão por fazer, para lá das homenagens aos Mestres laureados, das cerimónias de júbilo e de outras expressões mais ou menos formais do universo académico. Sem distinção de funções, categoria ou modo de estar, falta ainda contar as histórias pessoais. Sejam estudantes, docentes, toda a variedade de técnicos, administrativos e auxiliares, bem como os mais recentemente proletarizados investigadores.

São vidas consumidas ao serviço da instituição. Todas incontornáveis e fundamentais: desde os que já partiram, passando por aqueles que, ainda que por pouco tempo, estiveram por cá, até aos que fazem hoje o Instituto. Todos, mesmo aqueles mais esquecidos, que cada um a seu modo se lembrará e guardará na memória como mais sentir. Recordem-se também os estudantes que mudaram ou desistiram do curso, os que limparam o edifício, os que não fizeram o doutoramento, os que vieram de *Erasmus*, os que atendiam o telefone, todos os que acederam à mobilidade, os bolseiros de vã memória… Ou até mesmo os que deixaram o ICS por amor, que também os há. Lembramo-nos, pelo menos, de três… A toda esta gente o ICS deve recordar e estar grato!

Enfim, contemplamos o futuro pelo modo de estar do velho nauta napolitano, na perspetiva heraclítica de que tudo flui e ao mesmo tempo nada muda, com a única certeza de que tudo passa…

Quando chegámos ao ICS, no início de 1990, herdámos o cacifo de Luís Polonah, um antropólogo dos trópicos, com quem tivemos ainda a breve oportunidade de trocar mundos e colher sabedoria, e que nos inscreveu nessa dimensão inalienável de nos sentirmos um elo desta corrente constante.

**P.S.:** Um dos melhores motivos que tenho para celebrar meia centúria do ICS resulta de ter casado com uma das Estudantes do primeiro ano das Ciências Sociais de há 50 anos, a partir do qual iniciou aqui todo o seu percurso académico (bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento). Testemunho direto do sucesso da instituição, que não esmorece a principal obra desta "união das ciências sociais" — sei que é banal dizê-lo! —, o facto de termos criado dois amados filhos.



# 11

# ICS MAIS 50 ANOS COM SENTIDO DE FUTURO

**HELENA SOUSA** Antiga Presidente do Instituto de Ciências Sociais, 2013–2019

É bom celebrar! O Instituto de Ciências Sociais (ICS) faz 50 anos e o caminho feito é motivo de alegria e orgulho para todos nós. Dar sentido a este percurso é construir, em conjunto, futuros.

Uma escola é um quadro de relações, saberes múltiplos que se cruzam. Alunos, funcionários, docentes e investigadores edificaram este lugar que a todos pertence. Somos feitos de generosos contributos, incluindo de colegas e amigos que já não estão hoje connosco, mas que continuam a iluminar os nossos caminhos.

Nestes 50 anos de procura, reflexão e combate, o ICS não fugiu à clássica trilogia da investigação, ensino e relação com a comunidade. Não podia, aliás, deixar de o fazer. Mas fê-lo de modo muito particular, procurando sempre promover o ensino e a investigação em prol do bem comum.

Este caminho de liberdade, justiça social e redução de assimetrias foi feito com preciosos contributos de outras escolas e centros de conhecimento, dentro e fora da Universidade do Minho, em ricos diálogos interdisciplinares e com forte articulação com inúmeras entidades locais, regionais, nacionais e internacionais. Promoveu-se a ligação da academia aos serviços e aos mercados, garantindo sempre a autonomia de pensamento e a vigilância crítica. O ICS fez um caminho profundamente comprometido com a melhoria das condições de vida das comunidades, com a compreensão das suas histórias, com a qualificação das suas ofertas culturais e com a preservação e a qualificação das suas paisagens.

O ICS desenvolveu os seus projetos com sentido de futuro, percebendo que o futuro não é uma fatalidade, mas o resultado de escolhas coletivas e individuais que decorrem de leituras sobre o passado e de expetativas sobre o lugar onde queremos estar no tempo que virá.

O ICS foi e será lugar de procura, de experiência, de tentativa. Um lugar que vive da multiplicidade de saberes, respeitando de igual modo as artes, as engenharias, as ciências naturais, as ciências sociais e as humanidades, sem submissões e servindo uma sociedade democrática e plural.

Foi neste quadro que o ICS se afirmou, na absoluta necessidade de defender coletivamente uma universidade que se cumpre em diversas temporalidades, com autonomia para se pensar a médio e a longo prazo e para reagir a exigências de curto prazo.

Vivemos hoje num tempo especialmente duro, marcado pela incerteza e pela imprevisibilidade. Os medos parecem agudizar-se com a falta de respeito sistémica pela verdade, com a multiplicação de conflitos e de problemas ambientais e ainda com a desvalorização dos direitos humanos fundamentais em diversas geografias.

O futuro do ICS exigirá, por isso, uma profunda racionalização dos medos e uma promoção viva da esperança. Diagnosticar, explicar e compreender, constituindo a base estruturante das ciências sociais,

já não parece ser suficiente nesta fase de alto risco para as democracias liberais.
É, por isso, fundamental promover um sentido de futuro que faça com que as novas gerações se sintam comprometidas com as gerações vindouras. Um futuro com esperança é um futuro capaz de promover a criatividade, lidando — de frente — com a agudização dos problemas ambientais, políticos e da participação cidadã.
Se formos firmes numa visão de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais sustentável e mais fraterna, estamos a promover a esperança numa sociedade melhor, mais humanista e mais capaz de responder às necessidades individuais e coletivas, num tempo em que o absurdo se tornou banal.
O ICS imagina o seu futuro numa universidade que responde à sociedade, promovendo o conhecimento científico, tendo sempre em consideração o bem comum.
E não há bem comum sem cultura e sem memória. É este sentido do coletivo que nos faz comunidade, porque a comunidade é a consciência do que a todos pertence e do que a todos faz falta.
A comunidade que somos e as comunidades que servimos precisam dessa tomada de consciência: do que temos em comum e do que não temos mas desejamos. É nesta teia de memórias, afetos e desejos que a comunidade se faz, promovendo solidariedades inesperadas à luz da razão.

O desafio hoje é perceber o que realmente conta, deslassar o ruído. É respeitar a memória dos que, antes de nós, contruíram uma universidade baseada em princípios humanistas e promover uma visão de futuro alicerçada na dignidade humana.
Não há dignidade humana sem liberdade, não há dignidade humana sem justiça social, não há dignidade humana sem educação, não há dignidade humana sem sustentabilidade ambiental, não há dignidade humana sem pensamento utópico.
O ICS imagina o seu futuro numa universidade humanista, que coloca a pessoa no centro da procura, no centro de todas as inquietações. Esta é a base fundadora do ICS e a sua razão de ser para os próximos 50 anos.

# 12

# **O CIBORGUE AFETIVO** DO HÍBRIDO AO CORPO INTERPRETADO

**HELENA MACHADO** Antiga Presidente do Instituto de Ciências Sociais, 2019–2022

Posicionando-me numa perspetiva de reflexão crítica sobre a plataformização da sociedade e dos valores públicos (Van Dijck *et al*., 2028), gostaria de propor que talvez o futuro das ciências sociais não resida, em primeira instância, na sua capacidade de acompanhar as transformações tecnológicas do presente. Talvez dependa, antes, da sua capacidade de reformular aquilo que conta hoje como problema, como poder e como crítica. A meu ver, isso exige repensar a produção técnica, digitalmente mediada e traduzida, do sensível, da experiência e da legibilidade. Por isso, proponho a figura do *ciborgue afetivo* para pensar a captura e o extrativismo computacional da conduta, a colonialidade das infraestruturas digitais e as políticas de classificação da vida e do humano.

Cada vez mais, algoritmos e sistemas de inteligência artificial atuam como ambiências, infraestruturas distribuídas, mediações contínuas e quase impercetíveis, configurando-se, em conjunto, como condição de possibilidade da própria experiência social. Já não estão apenas "em" dispositivos; estão nos ritmos do quotidiano, nas arquiteturas de escolha, nos sistemas que coordenam ação e decisão, nos sensores que captam vestígios, nos sistemas de predição que condicionam comportamentos e nas formas de interface que tornam certas respostas e "verdades" mais prováveis do que outras (Lupton, 2016). Talvez por isso uma linguagem centrada apenas no dispositivo, no artefacto ou mesmo na infraestrutura precise hoje de ser complementada por uma capacidade analítica atenta às condições percetivas e afetivas através das quais alguns dos processos sociotécnicos mais decisivos do presente se tornam operativos: formas de atenção, ansiedade, avaliação contínua e conversão das emoções em dados comercializáveis (Zuboff, 2019).

Ao propor a ideia de ciborgue afetivo, parto, evidentemente, de uma herança teórica importante. A figura do ciborgue, em Donna J. Haraway (2016), foi decisiva para desafiar dualismos, acentuar a constituição híbrida do social e desestabilizar fantasias de pureza ontológica. Essa herança continua a ser fértil. O que me interessa no ciborgue afetivo não é simplesmente a hibridez entre humano e máquina. Essa constatação, por si só, já não nos leva muito longe. O que me importa é o modo como o corpo expressivo e afetivo se torna cada vez mais objeto de interpretação técnica e algorítmica. Não apenas de monitorização externa, mas de produção de verdade. O ciborgue afetivo é, portanto, menos a fusão entre organismo e máquina do que a figura de um corpo atravessado por dispositivos que pretendem saber algo sobre ele: a sua dor, a sua atenção, o seu *stress*, a sua emoção, a sua intenção, a sua credibilidade, a sua propensão ao risco, a sua normalidade ou anomalia.

A figura do ciborgue afetivo parece-me analiticamente poderosa porque condensa vários deslocamentos do presente: da técnica e do algoritmo entendidos como ferramentas para os regimes hermenêuticos que lhes estão associados; da automação do trabalho ou da decisão para a automação da interpretação;

e da racionalidade instrumental para a produção técnica e algorítmica da presença e da experiência. E aqui as ciências sociais têm uma tarefa decisiva: estudar como certos estados do corpo se tornam tecnicamente cognoscíveis; como se fabrica a plausibilidade de que uma face, uma voz, um gesto, uma frequência cardíaca, um padrão de sono ou uma microexpressão possam dizer a verdade sobre o humano.

O ciborgue afetivo permite, portanto, reabrir a questão do corpo e da corporeidade de uma forma talvez mais exigente. Já não o corpo apenas como suporte material, nem o corpo apenas como construção discursiva ou agente relacional; mas o corpo como interface governável, como superfície de computação, como arquivo involuntário, como lugar onde se jogam promessas de conhecimento e de controlo. Obriga-nos a perguntar: Que economias morais de normatividade corporal e afetiva são reforçadas? Que corpos são mais vulneráveis a estas interpretações? Que histórias de racialização, medicalização, patologização e policiamento são reinscritas em novos formatos técnicos (Benjamin, 2019)? Isto requer, a meu ver, uma versão particularmente exigente de crítica. Não crítica como denúncia genérica ou como superioridade moral em relação à tecnologia.

O que eu espero das ciências sociais daqui para a frente? Que estejam menos fascinadas com a novidade e mais atentas às continuidades da violência e da desigualdade; e, sobretudo, que sejam capazes de mostrar que aquilo que hoje se apresenta como inovação inevitável é, na verdade, uma arena disputada de normatividades, interesses e formas de vida. Porque o futuro não deve apenas ser antecipado; deve ser criticamente disputado.

## Bibliografia


BENJAMIN, R. (2019). *Race After Technology: Abolitionist tools for the New Jim Code*. Polity Press.

HARAWAY, D.J. (2016). *Manifestly Haraway*. University of Minnesota Press.

LUPTON, D. (2016). *The Quantified Self: A sociology of self-tracking*. Polity Press.

VAN DIJCK, J., Poell, T., & de Waal, M. (2018). *The Platform Society: Public values in a connective world*. Oxford University Press.

ZUBOFF, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. PublicAffairs.

# 13

# CINQUENTA ANOS DE AMBIÇÃO, CINQUENTA ANOS DE CONSTRUÇÃO

**PAULA REMOALDO** Antiga Presidente do Instituto de Ciências Sociais, 2022—2025

**Memórias dos cinquenta anos**

Tendo acompanhado 37 anos da evolução do ICS, muitas experiências podiam ser recordadas neste encontro de memórias do Instituto. Cingir-me-ei, neste pequeno testemunho, a alguns momentos desta instituição, que foi uma das escolas fundadoras da Universidade do Minho (UMinho), tendo emergido em 1976, logo a seguir à fundação da própria universidade, num momento fogoso da vida política, económica e social de Portugal.

Assistimos a três períodos marcados por desafios diferentes, mais visíveis no domínio de construção de ciência e que as Ciências Sociais do ICS acompanharam. O período inicial revelou um caminho maioritariamente atomizado, com menos expressão de investigação realizada em equipa, refletindo o que acontecia na comunidade académica em Portugal. A produção era sobretudo difundida à escala nacional. A transição para uma segunda fase ocorreu por volta dos anos 2000, não através da substituição do paradigma vigente (na senda do pensamento da evolução da ciência de Thomas Kuhn), mas da inclusão de uma forma de investigação mais suave e mais "entrelaçada". A terceira fase emergiu nos últimos anos, num momento de viragem do ICS, com mudanças geracionais em quase todas as áreas científicas, que reivindicam diferentes leituras do território e do social e abordagens mais holísticas de novas e tradicionais (revigoradas) temáticas.

No primeiro período, *grosso modo*, até ao início dos anos 2000 (Remoaldo, Esteves, Caldeira & Melo, 2024), o caminho operacionalizou-se de forma mais individualizada, proporcionando uma grande diversidade de temáticas de investigação, apesar do número ainda reduzido de docentes. Desde o seu início foram acauteladas diferentes escalas geográficas de análise, desde a local até à nacional. A produção científica emanou, nos seus primórdios, sobretudo do corpo de docentes ligados à Arqueologia, à História e à Antropologia, matizada com a criação progressiva dos diversos cursos de ensino. As temáticas vertidas para os vários números publicados da revista *Cadernos do Noroeste* acompanharam o que emergiu da instituição da Democracia em 1974, e não podiam ser mais inovadoras. Recordo-me de ter publicado alguns artigos nessa revista, logo após a minha entrada no ICS, em outubro de 1989. Também coincidiu com o início da Licenciatura em Sociologia das Organizações, tendo-me juntado ao grupo de sociólogos e antropólogos que estavam a alicerçar o ICS (a seguir à oferta da Licenciatura em Ensino de História e Ciências Sociais). A abertura das Ciências Sociais do ICS ao território e à comunidade local e regional foi uma das caraterísticas que, desde cedo, cunharam os nossos cientistas sociais.

Um emergente *status* científico desviou, entretanto, a nossa atenção, e outros horizontes foram criados, passando a língua inglesa a ser mais atrativa. O fascínio por alcançar novos territórios e novas línguas era inevitável. Coincidiu com um segundo momento, herdeiro da ação política desenvolvida pelo ministro José Mariano Gago, em que se operou uma maior exigência em ciência, mais competitiva e centrada, em padrões de formação mais elevados (modelo da primeira geração de universidades) e na necessidade de realização de investigação de qualidade, transitando para um segundo modelo de universidades (Remoaldo, Esteves, Caldeira & Melo, 2024).

Por outro lado, inicialmente, a vida pedagógica era mais frutífera, e o nosso "tempo mais alargado" permitia um acompanhamento próximo dos estudantes e uma interação construtiva, de tal forma que o mais jovem Departamento de Geografia (constituído nos anos 2000) chegou a ter equipas mistas de futebol de salão (compostas por professores, estudantes e técnicos).

Os últimos vinte anos obrigaram-nos a redirecionar-nos, convocando novos enfoques. Na realidade, passou a ser muito difícil sobreviver no mundo académico investigando de forma isolada. Por isso, desde meados dos anos 2000, na senda da terceira geração de universidades, tornámo--nos mais "internacionais" na nossa produção científica. Mas o modelo que parecia ser mais democrático e com *outputs* mais sólidos não se adaptou às políticas de ciência existentes em Portugal. A elevada carga administrativa, fruto maioritariamente de um ultrapassado mecanismo burocrático, tem dificultado a consolidação das equipas que se vão formando. Urge uma alteração no modelo de avaliação dos docentes e dos investigadores, que valorize o desempenho, por exemplo, em atividades de extensão universitária.

**O somar de anos revigorados**

Depois de um caminho de complemento a outras ciências (apelidadas de mais exatas) e de um menor reconhecimento político e social, as Ciências Sociais da UMinho têm conseguido afirmar-se como *corpus* científico que lhes permite alcançar o estatuto de ciências medulares. De facto, sem aquelas, passou a ser mais difícil analisar e entender as várias dimensões da vida quotidiana, assim como do ambiente político, social e ambiental. Mas tal pressupõe uma reflexão aprofundada sobre o que se quer continuar a investigar, de forma sustentável e concertada no futuro próximo. Talvez este tenha sido um "vício" instituído, muito difícil de contrariar, *i.e.*, o de não pensarmos em conjunto. Mas importa trabalhá-lo.

As Ciências Sociais continuam a afigurar-se como um espaço de encontro da diversidade e mostram-se preocupadas com temáticas recentes e com outras reinventadas ou mesmo "embrulhadas" em novas roupagens.

Têm emergido várias dimensões de força, acompanhando os principais desafios societais que devem ser aproveitados pelas Ciências Sociais do ICS. A sustentabilidade deve perpassar todas as temáticas investigadas. Deixámos de ter tempo, como cidadãos e investigadores, para refletir sobre a nossa sustentabilidade individual e, logo, sobre o nosso contributo para a sustentabilidade da sociedade. Se não nos focarmos nas questões e nos desafios da sustentabilidade,

continuaremos a ignorá-la, embora o nosso discurso em público seja o de que temos tod@s de contribuir para a mesma.

Ainda que o aviso da sua ocorrência tenha surgido há mais de 25 anos, a degradação dos *habitats*, a ameaça à biodiversidade global e as alterações climáticas, só agora, num momento tão crítico, nos obrigam a dedicar uma atenção redobrada. Portugal e Espanha são e serão dos países mais fustigados a nível internacional com as alterações climáticas.

Como o ambiente urbano influencia o processamento cognitivo e emocional humano (contribuindo para a felicidade do ser humano), o modo como estamos a lidar com a intensificação de riscos climáticos, a erosão da biodiversidade, a agricultura regenerativa e a crescente desigualdade socioespacial têm de despertar, de forma mais organizada, os membros do ICS, em estreita interação com os agentes públicos.

Os limites de modelos tecnocráticos de ordenamento e de sustentabilidade, frequentemente assentes em soluções universalistas e em métricas descontextualizadas, tornaram-se cada vez mais visíveis. Que mais contributos podem dar as Ciências Sociais do ICS para contrariar a universidade da cultura de métricas e da competitividade individualista (Fleming, 2021), que tanto tem fragilizado a missão pública da universidade?

Uma das temáticas investigadas no ICS, e que merece a continuação da sua abordagem, é a desigualdade de género. Ironicamente, tem-se escutado no ambiente académico e público a menção de que muito se alterou a este respeito em inúmeras vertentes da vida política, económica e social. Não obstante, o *status quo* vigente continua a revelar um processo lento, muito visível no caso português, em que a cultura enraizada persiste em perturbar a evolução do processo de igualdade.

No campo da pedagogia, a ação das Ciências Sociais terá de ser mais aplicada, crítica, transformadora, com forte inter-relação com a sociedade e com forte comprometimento social.

O saber deve ser vertido em responsabilidade, em ação. Metodologias mais participativas, como o *Problem-Based Learning* e o *Team-Based Learning*, proporcionando espaços de debate na sala de aula e a autoaprendizagem, têm de ser mais usadas, preparando os estudantes para o desenvolvimento de um pensamento crítico e argumentativo. E temos de aprender a trabalhar a atenção fragmentada dos estudantes e a construir um ICS mais adaptado aos novos desafios!...

## Bibliografia

FLEMING, P. (2021). *Dark Academia: How Universities Die*. Pluto Press.

REMOALDO, P., Esteves, A., Caldeira, M.J., & Melo, A.D. (2024). O papel das Ciências Sociais na promoção de uma sociedade mais inclusiva. In P. Bandeira, S. Gaudêncio & J. Rosas (coord.), *Evidência Futura. Universidade do Minho: Projetos e planos em devir no âmbito de um desenvolvimento sustentável* (pp. 129-142). UMinho Editora. https://doi.org/10.21814/uminho.ed.186.



# 14

# IDEIA PEREGRINA PARA UM LABORATÓRIO SOBRE A PAZ E A GUERRA

**MANUEL PINTO** Professor Emérito, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais

Desafiado pelos meus colegas do Instituto de Ciências Sociais (ICS) a contribuir para sonhar o futuro desta unidade da Universidade do Minho, nos 50 anos da sua criação, pareceu-me justificado e desejável propor um contributo que fomente interações e colaborações de novo tipo, entre os departamentos e centros de investigação e, sobretudo, entre as e os académicos que o compõem.

Dada a vastidão do tema proposto — "Mais Ciências Sociais, melhor futuro" —, entendo ser prudente sugerir que nos coloquemos, enquanto escola, perante uma problemática que se caraterize pela sua atualidade, relevância, multidimensionalidade e viabilidade. Antes de entrar nessa problemática, julgo necessário exprimir-me sobre alguns fenómenos que hoje nos afetam a todos e que, enquanto académicos, nos devem desafiar.

Se há marcas que se destacam na vida das sociedades ocidentais, em que nos situamos, o risco, a fragilidade e a vulnerabilidade encontram-se entre elas. Ao longo das últimas décadas, e apesar das revoluções tecnológicas, as desigualdades socioeconómicas agravaram-se; a multilateralidade e a cooperação refluíram; os nacionalismos e populismos singraram; as democracias retrocederam; o direito e as organizações internacionais são diária e ostensivamente espezinhados; as diferentes formas de violência e de guerra eclodiram. Em síntese, pode dizer-se que os motivos de esperança num futuro de bem-estar para todos encurtaram.

Neste quadro, o valor da busca da verdade surge cada vez mais comprometido e vilipendiado; a velocidade crescente da vida social deixa pouco tempo e disponibilidade para a reflexão e o discernimento; e a confiança, que é crucial para as relações sociais e para a vida social no seu conjunto, sai abalada. Não será de espantar que a gritaria, a ameaça, o abuso de poder e a violência estejam à flor da pele e constituam formas de relacionamento mais ou menos aceites, incluindo nos parlamentos. Como advertiu Edgar Morin, "o regresso da barbárie é possível".

A emergência das redes e plataformas digitais e seus desenvolvimentos como a algoritmização e a inteligência artificial, que poderiam constituir significativos contributos para uma efetiva "ecologia comunicacional", têm evoluído de forma desregulada e sob controlo de poderosos interesses económicos oligopolistas e vêm-se tornando em fatores de risco e em ameaças à qualidade da informação circulante no espaço público e mesmo à segurança e à paz.

Concordaremos que muitos cidadãos, comunidades e instituições continuam, perante as tendências que se vêm desenhando e consolidando, a acreditar na possibilidade de encontrar caminhos novos e de os percorrer, de modo a que sejam salvaguardados valores como a liberdade, a dignidade e direitos básicos de todas as pessoas, a justiça social e a paz.

Perante um quadro que coloca desafios existenciais à escala micro e meso, com evidentes interações à escala

global, há vários caminhos que podem ser seguidos. Parto da convicção de que não é solução pretender manter-se arredado ou alheio ao que se passa à nossa volta. Se seguirmos por alguma forma de *fuga mundi*, a realidade se encarregará de vir ter connosco, nem que seja através das feridas e dores que infligimos ao planeta Terra, nossa casa comum.

Um caminho é continuar a fazer o que até aqui temos feito, já que a magnitude e complexidade dos problemas do mundo nos ultrapassam e nos sentimos com frequência impotentes para influenciar ou interferir no que se passa. Outro caminho será "fazer o que ainda não foi feito" em terrenos, mesmo que familiares, a que não temos prestado atenção.

Quando as responsáveis pelo Instituto de Ciências Sociais nos convocam para refletir sobre "Mais Ciências Sociais, melhor futuro", estão a colocar-nos na esteira do segundo caminho apontado, sugerindo esta pergunta: como podem as ciências sociais praticadas no ICS, nas vertentes da investigação fundamental e aplicada e no ensino-aprendizagem nos seus vários ciclos, contribuir para um mundo melhor?

A resposta, que aqui trago de forma sucinta, quer reconhecer o contributo fundamental de cada uma das ciências sociais incluídas no ICS, considerando que esse reconhecimento ocorre no trabalho específico de cada uma, mas também — e sobretudo? — na capacidade de trabalhar em conjunto em projetos específicos.

A proposta que faço é a da criação de um laboratório interdisciplinar para o estudo da prevenção da violência e da guerra e da promoção da paz. O caráter laboratorial tem um duplo alcance. Permite promover iniciativas junto de (e com) grupos e comunidades específicas e, ao mesmo tempo, ser um viveiro quer de novos projetos de investigação, quer de ofertas formativas formais e informais. A natureza interdisciplinar tem em conta o papel liderante dos centros de investigação do ICS ou aqueles de que é parceiro, bem como a cooperação com outros centros, em especial no âmbito das ciências humanas, direito, economia, educação…

Justificar teórica e empiricamente a pertinência e relevância do objeto do laboratório é necessário. Aqui, porém, fico-me pelas evidências empíricas que todos os dias nos entram pelos olhos através dos *smartphones*, das redes sociais ou da televisão e outros *media*, para não falar da nossa carteira ou conta bancária, se pensarmos nos orçamentos galopantes da Defesa.

Reconheço que a problemática da guerra e da paz é extremamente vasta e poderá ser necessário fazer recortes e *zoom in*. São múltiplas as formas de violência — estrutural, simbólica, comunicacional, política e geoestratégica — a considerar. Por outro lado, contribuir para a construção de ecologias de convivialidade e de paz requer que se observem e considerem as manifestações de convivência e de violência a diferentes níveis da vida social, desde as relações interpessoais e grupais às


Universidade do Minho
Jornalismo e cidadãos em interacção:
Estudo de caso da rubrica Nós por Cá
Da Universidade às Redacções
Lucrana Gabriela Moura Fernandes
Março|2007

institucionais, às que dizem respeito a sociedades e as relativas ao plano internacional.
Importa, assim, clarificar concetualmente de que se fala quando se fala de conflito, de violência, de autodefesa, de agressão, de abuso de poder, e observar as suas manifestações e processos de desenvolvimento, nos seus respetivos contextos, sejam os analógicos sejam os digitais.
Por outro lado, será de considerar o desenvolvimento de métodos de transformação não violenta de conflitos, particularmente em climas crispados e polarizados, articulando os contributos das várias disciplinas das ciências sociais. A não violência ativa, tomada como forma avançada de resistência, encontra na experiência histórica de povos e culturas um manancial de conhecimentos e métodos que interessa conhecer e promover.
Competências de mediação, negociação, resistência civil e práticas restaurativas podem configurar aprendizagens fundamentais. Num plano mais geral, estas competências articulam-se com a aprendizagem da escuta ativa e consequente, que é crucial neste terreno.
Trata-se, em síntese, de observar e cartografar as manifestações da violência e da convivência a diferentes níveis e de desenhar estratégias de desintoxicação, desarme e superação — na linguagem, nas interações, nos encontros e nas mediações em geral, na convicção de que a paz é a ecologia das relações não violentas.

Estas são, por outro lado, bases para chegar a questões mais gerais e igualmente exigentes como: violência doméstica, terrorismo, criminalidade organizada, violência política e geoestratégica, indústria global de armamento, comércio internacional de armas, estratégias nacionais de defesa e respetivos orçamentos, etc.
Tome-se este contributo como um repto — antes de mais, de exercício de cidadania. Era agora necessário desenvolver os fundamentos, os eixos, os possíveis métodos e os resultados potenciais que tal caminho requer. Se preparado por uma equipa motivada e se participado pelo conjunto dos interessados, admito que este projeto possa ser de relevante interesse público e contribuir, até, para lidar com comportamentos institucionais suscetíveis de revestirem acentuada violência.

# 15

# **ARQUEOLOGIA** UMA CIÊNCIA EM RECONSTRUÇÃO?

**MANUELA MARTINS** Professora Emérita, Departamento de História, Instituto de Ciências Sociais

A afirmação da arqueologia como disciplina científica teve a sua génese na segunda metade do século XIX, no contexto da generalização do método experimental a novas áreas, em que se incluíram as ciências sociais e humanas. Enquanto disciplina que elabora sobre o tempo e a evolução cultural, a arqueologia beneficiou dos extraordinários avanços registados na geologia, ao longo do século XIX, associados tanto à idade da terra, como da humanidade, tendo adotado os seus métodos, com destaque para a estratigrafia, que se constituiu como a trave mestra da interpretação arqueológica, fundamentando a sequenciação e a datação relativa dos estratos e seus conteúdos. Mas a evolução da disciplina foi bastante lenta, tendo-se mantido como uma prática essencialmente descritiva e classificatória, que produzia explicações histórico-culturais do passado, bem enquadradas no determinismo positivista e no nacionalismo dominante, que se mantiveram até à II Guerra Mundial. À semelhança do presente, o passado era então explicado pelos particularismos étnicos que definiriam a identidade dos povos, que a arqueologia se propunha demonstrar e documentar através dos artefactos. A dominante perspetiva tipológica, bem como as explicações particularistas e culturalistas, viriam a ser questionadas na década de 1960, na origem de um movimento que visou a sua transformação numa ciência social empírica, fundamentada no positivismo lógico. Falamos da arqueologia processual americana e da arqueologia analítica britânica, que procuraram sistematizar o método científico e criar modelos de carácter explicativo, baseados na estatística, na ecologia cultural e na teoria de sistemas que deveriam sustentar as hipóteses explicativas relativas ao comportamento humano e à sua adaptação e interação com o meio ambiente. Embora se reconheça o contributo da nova arqueologia para a normalização metodológica da disciplina e para a afirmação de uma abordagem sistémica e multidisciplinar da relação com o meio ambiente, o modelo explicativo proposto viria a ser profundamente questionado nas décadas seguintes, em resultado da revolução epistemológica que afetou as ciências sociais e humanas, caracterizada pela rutura com o positivismo e pela chamada viragem interpretativa, por influência, sobretudo, da fenomenologia, da hermenêutica e da teoria crítica.

O segundo ciclo da arqueologia científica inicia-se nas décadas de 1970 e 1980, associado a um movimento crítico contra a aspiração cientificista da nova arqueologia e o seu determinismo processualista, representado pela chamada arqueologia pós-processual, ou interpretativa, emergente no Reino Unido. Inspirado na linguística e no estruturalismo, o pós-processualismo enfatizou o carácter subjetivo da interpretação arqueológica, que deveria focar-se nos indivíduos e na sua condição (emoções, crenças, identidades, género), o que concedeu maior centralidade à leitura contextual das materialidades arqueológicas, perspetivadas enquanto símbolos sociais significantes.

Distanciando-se da sua tradicional perspetiva classificatória, que persistiu, mas não mais como um fim em si mesma, a arqueologia procurou recriar o tempo e o espaço do passado, para neles inscrever as pessoas e os seus comportamentos, uma ambição que tem beneficiado dos avanços científicos de outras disciplinas, que muito têm contribuído para sofisticar o desempenho e imagem da arqueologia, que se tornou numa voraz consumidora de conteúdos e tecnologias. Esta tendência acompanhou algumas mudanças profundas nos objetivos da disciplina, que cresceu na sua dimensão *inter* e *trans* disciplinar, em resultado da diversidade dos registos facultados pela arqueologia e da complexidade inerente ao seu estudo, que visa a compreensão da cultura material e da vida social, mas também da ecologia e das interações ambientais de diferentes períodos históricos. Estas novas perspetivas foram potenciadas pelo desenvolvimento científico do pós-guerra, associando-se ao aprofundamento do conhecimento do tempo, possibilitado pela datação por radiocarbono, cuja crescente precisão alterou a compreensão das sociedades e das suas mudanças culturais. Fundamental foi ainda o desenvolvimento de duas novas disciplinas, que usam os métodos das ciências exatas e naturais e partilham metodologias e abordagens comuns.

Falamos da paleoecologia, orientada para a compreensão dos ambientes, e da arqueometria, que estuda diferentes categorias de vestígios arqueológicos, permitindo conhecer a origem das matérias-primas e a tecnologia de fabrico dos objetos, mas também as patologias e causas da morte, através dos ossos, ou ainda o parentesco e a evolução e mobilidades das populações, tendo por base o ADN. Um outro domínio da arqueometria associa-se ao desenvolvimento de procedimentos de deteção e registo, através do uso de sistemas remotos, como a fotografia aérea, os *drones* e a tecnologia LIDAR, ou de métodos geofísicos, como o georradar (GPR), o magnetómetro ou a prospeção elétrica, que permitem localizar e registar vestígios soterrados sem necessidade de escavação. Para além de uma sofisticação no conhecimento, a arqueologia tem vindo a beneficiar do desenvolvimento das TIC, com destaque para os sistemas de informação (bases de dados, sistemas operativos e *cloud*), que facilitaram a integração e a gestão dos dados arqueológicos e a geração de novas interpretações e conhecimentos. Ao transformar os métodos de trabalho, desde a escavação à análise e interpretação, sistematizando e cruzando dados, capazes de colmatar hiatos de conhecimento territorial, usando modelos preditivos, as TIC permitiram que a arqueologia se transformasse numa disciplina produtora e consumidora de dados.

A evolução da arqueologia no seu segundo ciclo de vida ampliou enormemente o conhecimento sobre o passado, tendo deixado de ser uma mera área académica para passar a ser também uma profissão, em resultado da generalização da consciência preservacionista no que respeita ao património arqueológico, mas também das profundas transformações decorrentes do desenvolvimento económico e da urbanização que afetaram profundamente as paisagens, o que conferiu uma enorme centralidade à arqueologia, sobretudo preventiva. Por sua vez, a profissionalização e a presença dos seus profissionais em diferentes contextos favoreceram o seu reconhecimento social e político, na origem da arqueologia pública, orientada para a educação patrimonial e arqueológica, que reivindica o envolvimento das comunidades locais na identificação e interpretação dos sítios, bem como na sua preservação, um objetivo promovido pela ciência cidadã.

As profundas alterações da arqueologia registadas no século XXI, que assinalam a sua transição para as agendas digital e biomolecular, acelerada pelo uso de IA, legitimam que se possa considerar que a disciplina vive já um novo ciclo de desenvolvimento, que se associa ao crescente peso das tecnologias, a novos objetivos e conceitos e a uma crescente valorização da ação presente e dos contextos da contemporaneidade, face ao passado, o tradicional enquadramento temporal da disciplina.

As relações sociais, as práticas do quotidiano, a adaptação ambiental ou as éticas decolonialistas tornaram-se temáticas correntes na literatura arqueológica, assinalando uma crescente desvalorização da experiência e do conhecimento do passado, apenas mantido quando se abordam questões de particular complexidade, como a evolução humana e as migrações, que recorrem ao ADN, ou o estudo de ecologias transformadas, potenciado pelo uso da tecnologia LIDAR, ao permitir criar mapas 3D do solo que revelam com extraordinária acuidade as estruturas ocultas e a microtopografia associada.

A arqueologia tornou-se uma disciplina metodologicamente sofisticada e cara em componentes tecnológicas, que não estão ao alcance de todos, o que está na origem de desiguais práticas e resultados. Por sua vez, a proliferação de tecnologias cada vez mais precisas dispensa grande parte dos profissionais de arqueologia, bem como a própria metodologia arqueológica, o que exige uma reavaliação crítica dos atuais modelos de formação académica da disciplina, um desafio que urge enfrentar. E exige também uma reflexão crítica sobre o futuro da arqueologia, sobre as condições presentes da atividade arqueológica, sobre a crescente proletarização dos arqueólogos formados nas universidades, que dispõem de uma base de conhecimentos que não os habilita a tirar partido das tecnologias já disponíveis no mercado sem uma formação complementar. A questão da formação académica deve também ser repensada tendo em conta os avanços da IA, cujo uso deve ser incorporado na aprendizagem da arqueologia.



# 16

## A TORTO E A DIREITO

**ALBERTINO GONÇALVES** Professor, Departamento de Sociologia,
Instituto de Ciências Sociais

O "modelo clássico" do processo de investigação em ciências sociais preconiza, *grosso modo*, as seguintes etapas: 1) identificação e delimitação do problema de investigação; 2) revisão da literatura; 3) definição do quadro teórico e conceptual; 4) formulação de questões de investigação ou hipóteses; 5) elaboração do plano da investigação; 6) recolha de dados; 7) tratamento e análise de dados; 8) interpretação dos resultados; e 9) conclusões, contributos, limitações e sugestões. Cada etapa contempla várias atividades.

Este modelo consolidou-se nos anos 1930 e 1940, designadamente no âmbito da sociologia e da psicologia social, coincidindo com o desenvolvimento da investigação aplicada direcionada para o mercado de que são exemplos a fundação, nos Estados Unidos, do American Institute of Public Opinion, em 1935, por George Gallup, e do Bureau of Applied Social Research (BASR), em 1944, por Paul F. Lazarsfeld, ou, em França, do Institut Français d'Opinion Publique (IFOP), em 1938, por Jean Stoetzel. Trata-se de uma estrutura que facilita a formação de equipas, a divisão do trabalho, a padronização, o planeamento e a previsibilidade. Pode sofrer adaptações, consoante os atores e as circunstâncias.

Embora existam abordagens alternativas apreciáveis (de inspiração compreensiva ou fenomenológica; teoria fundamentada; investigação-ação; etnografia), o "modelo clássico" prevalece ao nível institucional, inspirando, por exemplo, os guiões das candidaturas a concursos, bolsas, dissertações e chamadas de artigos. Resulta, deste modo, constrangedor mesmo para quem não o adota.

Interpretado literalmente, o modelo clássico pode ser fonte de falácias. Quando esquecemos que a ordem das etapas pode manifestar-se lógica, mas não necessariamente cronológica. Cada momento pode estar, aliás, presente nos demais. Com avanços, recuos, desvios, atalhos, rotundas e ruturas, a figura geométrica que mais se aproxima da dinâmica de investigação não é o vetor, mas a espiral com descontinuidades e momentos críticos. Fenómenos inesperados, mas relevantes e estratégicos (Robert K. Merton), podem subverter o roteiro e o rimo da investigação, conduzindo, eventualmente, a uma reformulação da própria problemática, senão do quadro teórico. Contratempo e contrariedade ou oportunidade e promessa? Um dos problemas do modelo clássico reside numa menor predisposição para o discernimento e o aproveitamento destas "anomalias". A situação torna-se perversa quando um sinal de perspicácia, uma promessa, é entendido como um sintoma de incompetência, um insucesso, com o conseguinte desalento. Esta "adversidade" propende a agravar-se no caso de investigadores iniciantes disciplinados, convertendo-se numa fonte de bloqueio ou, até, de desistência. Nestas contingências, a supremacia do modelo clássico, além de constrangedora, assevera-se confrangedora.

Uma das atividades iniciais consiste na delimitação do objeto do estudo, do seu âmbito temporal, espacial e conceptual, de preferência claramente definido e operacional. Sabe-se que a perceção de um fenómeno varia consoante a escala adotada. Algumas delimitações são suscetíveis de gerar ilusões insuspeitas. Trata-se, portanto, de uma deliberação com sérias repercussões.

Vejamos o seguinte exemplo. São habitualmente reconhecidas cinco caraterísticas à *Pietà* (1499) de Miguel Ângelo: forma piramidal, desproporção dos corpos, volume do manto, apaziguamento de Cristo e juventude da Virgem. Mas estas especificidades evidenciam-se apenas quando nos atemos ao Renascimento da Europa do Sul. Se alargarmos a escala, verificamos que estes atributos já se encontram presentes em *pietàs* (*vesperbilder*) mais antigas do Norte e do Centro da Europa. São, nesta ótica, originalidades relativas.

Esta asserção justificou um estudo comparado de cerca de oitenta esculturas da *pietà* dos séculos XIV e XV, durante o qual foi possível vislumbrar três particularidades adicionais na *Pietà* do Vaticano:

1) Um pé de Cristo está pousado no solo e o outro no ar; nas demais esculturas, os pés estão ao mesmo nível, ora no ar, ora no solo;
2) Em quase todas as esculturas, a mão esquerda da Virgem está pousada no seu peito ou no corpo de Cristo. Está suspensa no ar em apenas quatro. Entre estas, a *Pietà* do Vaticano é a única em que a palma está virada para cima e os dedos encolhidos, incluindo o polegar, excetuando o indicador;
3) A *Pietà* de Miguel Ângelo é também a única escultura em que a palma e os dedos da mão direita da Virgem não tocam no corpo de Cristo, interpondo-se o manto.

Estes reparos não sobrevieram simultaneamente. Cada um implicou, a seu tempo, um retorno, uma re-visão, focada, de toda a série.

Miguel Ângelo é um artista obsessivo e meticuloso. Os mais ínfimos pormenores, sobretudo distintivos, transbordam de sentido. Ao ensaiar interpretá-los, insinuou-se uma intuição: tudo parece concorrer para que a mão esquerda da Virgem funcione como um nó de sentido (Maurice Merleau-Ponty) ou um *punctum* (Roland Barthes): uma parte que diz o todo. Com esta nova chave de acesso, importa reler a obra no seu conjunto. Não se trata apenas de uma mudança de foco, mas do próprio olhar, uma passagem do *noema* para a *noese* (Edmund Husserl), que desemboca na conjetura de que a originalidade da *Pietà* de Miguel Ângelo radica menos nas cinco caraterísticas referidas e mais nos pormenores e no efeito de conjunto.

Como vemos, uma investigação não necessita de seguir um percurso programado com etapas sucessivas. Pode enveredar por uma deambulação em que, como diz o poeta, “faz-se o caminho ao andar”.


ARQUEOLOGIA
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
GEOGRAFIA E PLANEAMENTO
HISTÓRIA
SOCIOLOGIA
O TEU FUTURO
COMEÇA AGORA
ELEVADOR
www.ics.uminho.pt

Em meados do século XX, o modelo clássico aproximou a investigação da racionalidade burocrática; hoje, aproxima-a da lógica algorítmica. No quinquagésimo aniversário do Instituto de Ciências Sociais, a academia encontra-se numa encruzilhada. Ao subordinar-se à racionalidade burocrática e à lógica algorítmica, torna-se vulnerável à concorrência das entidades que as desenvolvem e dominam (empresas, fundações, laboratórios, plataformas, bases de dados e sistemas de Inteligência Artificial). Em contrapartida, talvez importe continuar a investir nas qualidades mais humanísticas que historicamente a distinguem: riqueza humana, autoria, criatividade, imaginação, errância, diversidade, imprevisibilidade, descoberta, lentidão, tradição e maturidade. Não pode, porém, dar-se ao luxo de desvalorizar ou desguarnecer a perspetiva alternativa.

A emenda poderia revelar-se pior do que o soneto. É certo que qualquer desígnio de conciliação representa uma ambição desmedida, mas, como sustenta Blaise Pascal, "não mostramos nossa grandeza ficando numa extremidade, mas tocando as duas ao mesmo tempo e enchendo todo o intervalo". Talvez importe andar a torto e a direito em várias direções, sem hipertrofias nem hipotrofias. Será possível? Talvez dependa precisamente da capacidade de preservar aquilo que as máquinas dificilmente reproduzem: a curiosidade, a imaginação e o discernimento.

# 17

## CRIANDO PONTES, REINVENTANDO CUMPLICIDADES

**CARLOS VELOSO DA VEIGA** Professor, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

Parabéns, ICS! Completar 50 anos de vida não pode deixar de ser motivo de orgulho para todos e todas que ao longo destes 50 anos contribuíram para o seu crescimento e afirmação na Universidade do Minho, na Região, no País e mais além. Tive o privilégio de fazer parte da sua caminhada, na companhia de tantos outros e outras, companheiros e companheiras de viagem, pelos territórios de que o Instituto de Ciências Sociais foi fazendo parte. Foram milhares, alguns já partiram deste mundo e deixaram-nos as saudades da sua presença.
Pedem-me que este seja um texto com sentido de futuro, para integrar o livro *50 anos, 50 ideias: mais Ciências Sociais, melhor futuro*, partilhando contributos úteis para o futuro das ciências sociais, onde o ICS inscreve a sua missão. Antes de prosseguir, com os olhos postos no futuro, não posso deixar de olhar para o passado de que fiz parte, não por mim, mas por todos e todas cujo trabalho e dedicação levaram e continuam a levar o ICS aos 50 anos de vida que este ano se celebram. Sejamos justos: parabenizar o ICS é sobretudo parabenizar todos e todas que estiveram na sua formação, asseguraram e asseguram a sua continuidade.

Estou "desligado" do ICS desde finais de 2023, por motivo de aposentação. Porém, à medida que o tempo vai passando, vou sentindo uma espécie de tentação de experimentar voltar, não como profissional, mas como cidadão que assume a sua vontade de participar voluntariamente, cruzando novas pontes que podem (re)unir os professores aposentados com as ciências sociais religando-os às instituições a que pertenceram, alguns durante várias décadas.
As ciências sociais evidenciam que pouco ou nada controlamos do futuro. Quem pertence ao campo das ciências sociais sabe perfeitamente que o futuro não é algo de que se fique à espera que aconteça, é algo que se constrói. Assim sendo, o seu futuro, que se espera auspicioso, tem de continuar a ser construído com empenho e dedicação de todos aqueles e aquelas que nas mais diversas instituições de Ensino Superior, em cada momento, a elas se vão dedicando, especialmente professores, investigadores e estudantes.
No essencial, o futuro das ciências sociais, que é também o futuro do ICS, tem a sua essência no acreditar que as universidades e demais instituições do Ensino Superior não são lugares onde apenas se ensina e investiga.
Essa crença quer que sejam agentes promotores de conhecimento feito por uma cultura de paz, que busque o bem-estar e a qualidade de vida para todos os seres que habitam este nosso e único planeta Terra.
Vivemos tempos desafiadores, voláteis, perigosos, que não perspetivam futuros risonhos para a saúde do nosso

planeta, deste, parafraseando Carl Sagan, "pálido ponto azul" perdido na imensidão do espaço que o cerca. Por essas razões, mais do que criar e transmitir conhecimento, o Ensino Superior deve ser um agente formador de gente de paz, gente capacitada e competente na criação de soluções humanistas que controlem e direcionem a componente tecnológica, que a um ritmo alucinante vai influenciando, cada vez mais, o mundo em que vivemos, as nossas vidas, pessoais e coletivas.

Se não queremos um mundo em disrupção permanente, com o humano, o social e a natureza colonizados por ditaduras sustentadas na força do poder tecnológico, então as ciências sociais têm de se afirmar como um relevante agente, ao mesmo tempo de contenção e mudança. Compete ao ICS, enquanto instituição de Ensino Superior, dar o seu contributo. Para tal, precisará de criar novas pontes e reinventar velhas cumplicidades.

Em meu entender, o futuro das ciências sociais, que é também o futuro do ICS, não exige apenas entrada de "sangue novo", exige também a presença da experiência acumulada, do património científico e social de todos os que, por força do avançar das suas vidas, deixaram de lhes estar profissionalmente ligados.

Nesse sentido, deixo aqui uma ideia que pode ser incluída nas "novas formas de participação cidadã", fazendo jus ao desafio proposto para o livro de comemoração dos 50 anos do ICS. Uma dessas novas formas de participação cidadã deverá ser feita reinventando a ligação dos professores aposentados às ciências sociais, por via das instituições que delas se ocupam. Essa reinvenção permitirá criar novas pontes para uma cooperação ativa entre quem saiu e quem permaneceu ou chegou.

Em termos práticos, a cooperação dos professores aposentados poderá acontecer, por exemplo, via participação em projetos de aconselhamento ou mentoria a estudantes, docentes e jovens investigadores, esclarecendo dúvidas, debatendo ideias, estratégias e, muito importante, partilhando e legando o seu património científico e social acumulado, para que não se perca tudo o que foi obtido ao longo de muitos anos de resiliência e trabalho árduo, como atualmente acontece.

Essa participação cidadã também deverá incluir o envolvimento regular dos professores aposentados em atividades em que possam ir partilhando a sua visão sobre o que acontece num mundo em acentuada disrupção e acelerada transformação tecnológica, reforçando, através do exercício de uma cidadania responsável, o papel transformador das ciências sociais.

Deixo claro que não se trata de substituir professores ou investigadores nas suas funções profissionais. Ou seja, esta participação cidadã tem de ser livre, voluntária, mas responsável e vinculada num contrato não burocrático entre a pessoa e a instituição, o que implica que tem de ir para além do exposto no artigo 83.º do ECDU.

Seja como for, agradeço, reconhecido, terem-me convidado a integrar a Comissão de Honra para as comemorações do 50.º aniversário do ICS. Estou imensamente grato por tudo o que este convite transporta consigo.

Termino este texto como o comecei: Parabéns, ICS!

# 18

# DINÂMICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

**MARIA ENGRÁCIA LEANDRO** Professora, Departamento de Sociologia,
Instituto de Ciências Sociais

As ciências sociais emergem entre os séculos XVIII e XIX num contexto de grandes convulsões económicas, sociais e políticas. O termo "ciência social" aparece pela primeira vez em 1767, num artigo de Mirabeau, "Éphémerides du citoyen". Na enciclopédia de Diderot, os trabalhos de Rousseau e de outros pioneiros nestas matérias são eloquentes. No atinente à sociologia, esta é influenciada pelo positivismo de Comte, procurando distinguir-se das especulações metafísicas. Para descrever a sua abordagem, Comte utiliza a expressão "ciência social", que vai buscar a Charles Fourier. Classifica a sua abordagem de "física social", ideias teóricas e metodológicas de ordem macrossociológica. Marx, tendo em conta a economia e a política, dá conta das dicotomias sociais. A última via antipositivista surge com Weber ao dar azo à "sociologia compreensiva". Tonnïes e Durkheim interessam-se pela questão do laço social que se afigura bastante fragilizado.

No século XIX, as ciências sociais afirmam-se de maneira mais significativa. São tempos de mudanças rápidas e profundas, em que se registam duas grandes revoluções: a revolução industrial e a revolução democrática. Atingem, particularmente, a maneira como os indivíduos se integram nas sociedades modernas numa nova ordem económica e social. A ordem da sociedade europeia tradicional assenta na família, na religião, na monarquia, na comunidade local, na pertença a um Estado ou uma a classe social. Estas instituições, durante o século XIX, são objeto de transformações sem precedentes. Se não desaparecem, transformam-se profundamente. Assiste-se, identicamente, à transformação da natureza da propriedade, à emergência das cidades industriais, à nova organização do trabalho nas fábricas, ao desenvolvimento de estruturas sanitárias, ao combate às doenças letais e a descobertas científicas de grande alcance.

Quanto ao trabalho, sai do quadro protetor das corporações, da aldeia e da família e torna-se objeto de mais exploração num contexto de grande pobreza e miséria. Operários e artesãos transformam-se em operários fechados nas fábricas durante longos horários de trabalho em condições infra-humanas. O estatuto de trabalhador sem qualificação é objeto de muitas inseguranças e incertezas.

É nestes contextos que as ciências sociais se propõem estudar a sociedade, não do ponto de vista da teologia como acontecia anteriormente, mas procurando aplicar métodos racionais de investigação das ciências da natureza ao estudo dos humanos em sociedade.

No conjunto, as ciências sociais (economia, sociologia, antropologia, demografia, geografia, ciência política...) estudam o social humano, os comportamentos sociais, as interações entre os indivíduos, grupos e seus contextos sociais, as estruturas sociais, os conflitos, as inseguranças, as crises económicas, as incertezas que grassam pelo mundo... Em qualquer circunstância, analisam fenómenos complexos como as instituições, a cultura, o trabalho, as classes sociais, a integração social, a educação, a família,

o poder, a saúde..., socorrendo-se de dados rigorosos qualitativos e quantitativos.

Temos de constatar que vivemos, hoje, em sociedades de profundas mutações sociais, económicas, políticas, profissionais e culturais, que trazem consigo muitas inseguranças e incertezas. Ora, o papel das ciências sociais é crucial para analisar e explicar fenómenos sociais complexos. Não se pode ficar por explicações sumárias, mas procurar compreender o âmago das questões sociais que nos assolam, e ao mesmo tempo analisar as lógicas institucionais e fornecer elementos essenciais de compreensão aos cidadãos e aos decisores.

Entre outras problemáticas que consideramos importante estudar, relevamos algumas que, pela sua grande incidência, suscitam análises aprofundadas. Uma delas prende-se com a importância que o numérico e a Inteligência Artificial (IA) têm vindo a alcançar. As ciências sociais analisam o impacto da IA, desmitificando a tecnologia. Ao debruçarem-se sobre a conceção dos algoritmos, a produção de dados e a cultura organizacional, estão a contribuir para melhor reconhecer a IA como uma criação humana e social.

Uma outra área de estudo de grande relevo prende-se com o debate acerca das políticas e das medidas públicas quando surgem tantos populismos e tantas ultradireitas. Importa também fornecer conhecimentos racionais para esclarecer os processos de decisão política ou os debates de sociedade. Acresce a necessidade de analisar as crises da modernidade, mormente desde a segunda metade do século XX (Pavageau *et al*., 1997; Bauman, 2020), estudando assuntos como a coesão social, as desigualdades sociais, as migrações, o aumento das violências de toda a ordem e os movimentos sociais emergentes. Vai no mesmo sentido o estímulo à inovação, visando transformar descobertas ou apontar para soluções concretas, esclarecendo as dimensões culturais, económicas e sociais. Enfim, com dados da investigação, podemos contribuir para formar cidadãos esclarecidos, capazes de compreenderem as estruturas sociais e as governabilidades da sociedade, conduzindo a uma cidadania responsável.

Em síntese, permitir colocar-se o diapasão da nossa humanidade num mundo em constante mutação, lança novos desafios às Ciências Sociais.

## Bibliografia


BAUMAN, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge University Press.

PAVAGEAU, J., *et al*. (1997). *Le Lien social et l'inachèvement de la modernité*. L'Harmattan.

# 19

# DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO CÍVICA E CULTURAS POLÍTICAS

**MANUEL CARLOS SILVA** Professor, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

Embora etimologicamente democracia remeta para a superação da oligarquia na cidade grega de Atenas, a democracia era restrita a cidadãos homens "livres", excluindo escravos, mulheres e estrangeiros (*metecos*) — a maioria. A democracia representativa de hoje é um produto do Iluminismo e das revoluções de finais do século XVIII, superando velhos sistemas esclavagistas, feudais, despóticos, autocráticos. Porém, ainda hoje a democracia moderna não é sinónimo de poder do povo e está amputada devido às desigualdades sociais (de classe, étnico-raciais, de género), à desinformação e à manipulação tecnológica, as quais comprometem a democracia social, económica, cultural e política em termos locais-regionais, nacionais e globais. Com efeito, se a democracia representativa, com separação formal de poderes, constitui um ganho histórico em relação a anteriores sistemas despóticos e autocráticos, raramente e só de modo subalterno ela representa os interesses dos mais destituídos, além de ser permeável a esquemas informais de corrupção, descredibilizando a política e favorecendo a abstenção ou soluções extremistas, nomeadamente da ultradireita classista, xenófoba, racista, homofóbica e misógina. Por outro lado, tem-se assistido, nas sociedades ditas democráticas e Estados capital-imperialistas, a uma evolução marcada não só por golpes nas (semi)periferias como pela ditadura dos mercados mundiais, controlados por grandes corporações transnacionais, suas estratégias extrativistas de exploração e dominação e novas tecnologias das *bigtechs* — de modo algum axiológica e politicamente neutras.

Perante insuficiências e/ou "patologias" da democracia formal (burocracia, tecnocracia, peritocracia), poder-se-á perguntar: Como minorar os efeitos perversos do mercado e de formas político-ideológicas manipuladoras (v.g., a imensa intoxicação mediática pelas *fake news)*? Até que ponto é possível melhorar a democracia representativa e conjugá-la com a democracia direta, participativa, associativa?

Relativamente ao conceito e às práticas de democracia, torna-se necessário aferir a linha dos princípios à realidade, pois o conceito de democracia é elástico e banalizou-se ao ponto de, salvo fascistas ou nazis confessos, todos se assumirem ou se arvorarem em defensores dos valores democráticos. No entanto, há conceções e práticas diferenciadas sobre democracia. Assim, a conceção liberal (cf. Dahl, 1989), separando a sociedade civil e o Estado, o político como expressão de poder e a economia como matéria de relações de propriedade ou laborais, sustenta que a democracia ocorre no âmbito dos diversos Estados como resultando da soma de decisões de eleitores autónomos e "livres", capazes de, através da pluralidade de partidos e de outras organizações, escolherem os seus representantes e alcançarem os seus objetivos.

Segundo Silva (2006), abordagens críticas, distinguindo mas não separando economia e política, sociedade civil e Estado, assumem contudo a existência

de interesses antagónicos entre capital e trabalho e outras formas de desigualdade (territoriais, étnico-raciais, de género).

Todos os considerandos (neo)liberais perdem de vista que a distribuição de recursos é bem desigual; a não realização duma democracia económica e social diminui fortemente a credibilidade científica e política da conceção (neo)liberal de democracia, que reduz o conceito de cidadão a simples votante e consumidor "livre". Basta comparar a situação de milhões de pobres e excluídos no mundo com as somas dos investimentos e dividendos das corporações transnacionais, fundos de pensões, bancos e companhias de seguros. A concentração de capital nas multinacionais e numa elite restrita (acionistas e gestores) é a maior ameaça não só à democracia participativa, mas inclusivamente à livre concorrência económica e à própria democracia representativa, gerando a desconfiança dos cidadãos/ãs.

Na atual época do neoliberalismo triunfante e da meritocracia como nova ideologia do capitalismo, articulam-se, segundo Bader (2025), velhos e novos fatores de crise da democracia representativa, a saber:

i. predomínio dos mercados sobre o Estado (privatizações de empresas e serviços públicos, austeridade orçamental, desregulação financeira, evasão fiscal e acumulação de grandes fortunas);
ii. enfraquecimento dos direitos civis e sociais com a emergência de Estados penais e securitários;
iii. acentuada vaga de neonacionalismo e populismo, manipulando ressentimentos de classes populares autóctones, clivagens interétnicas e/ou religiosas, reais ou imaginárias, "culpabilizando" como "bodes expiatórios" minorias étnicas (ciganos, imigrantes negros e asiáticos);
iv. crise social, económica, política e ambiental, nomeadamente alterações climáticas, posse e disseminação de armas nucleares com prévia definição sobre quem podem ser os seus detentores.

São apontadas quatro saídas:

i. inevitabilidade neoliberal (TINA —*There is no alternative*) em nova roupagem tecnocrática;
ii. regresso ao nacionalismo regressivo, populista e xenófobo;
iii. acomodação social-democrata à lógica neoliberal;
iv. criação de "contrapontos contra-hegemónicos" na base da participação cívica e associativa por uma sociedade ecossocialista.

Só esta última permite superar contradições do sistema, na medida em que, para além de instrumentos de melhoria da democracia representativa, pressupõe a concretização de ações coletivas e o reforço da democracia participativa e associativa por uma utopia realista. Considerando os desequilíbrios e/ou injustiças sociais no acesso a determinados recursos básicos, só a emergência de reais atores coletivos, com base em culturas e valores políticos de solidariedade, organizados e com lideranças democráticas, poderão contrariar ideologias neoliberais individualistas e meritocráticas que legitimam os interesses de classes e grupos dominantes no passado ou no presente.

Por ocasião da celebração dos 50 anos do Instituto de Ciências Sociais (ICS), resgatando a memória e o legado de muitos/as para a afirmação e o reconhecimento das ciências sociais, saudamos todos e todas que, enquanto trabalhadores/as docentes e investigadores/as, trabalhadores/as não docentes, técnicos/as e estudantes, deram o melhor de si no contexto do ICS e da Universidade do Minho, contribuindo certamente para o avanço científico e a formação de jovens, para uma sociedade mais justa e solidária justamente na base da democracia participativa e associativa.

## Bibliografia


DAHL, R. (1989). *Democracy and Its Critics*. Yale University Press.

BADER, V. (2025). *Democracia associativa e crises das democracias representativas*. Edições Húmus.

SILVA, M.C. (2006). Entre o infraestatal e o supra-estatal: o Estado-Nação e a democracia em perda. In M.C. Silva (org.), *Nação e Estado. Entre o global e o local* (pp. 129-149). Afrontamento.


Stay Lit

# 20

# A CONSTRUÇÃO DO FUTURO A PARTIR DA HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

**CARLOS MANUEL FAÍSCA** Universidade de Coimbra
**BRUNO LOPES** Universidade de Évora
**ANA RITA ROCHA** Universidade de Coimbra
**ROGER LEE DE JESUS** Leibniz Universität Hannover
**ANA PAULA PIRES** Universidade Nova de Lisboa
**DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL**

A História Económica e Social tem entre os seus principais objetivos a determinação das causas e a análise dos impactos do desenvolvimento económico e da desigualdade social. A sua principal abordagem assenta em análises interdisciplinares, que aliam construções teóricas e metodologias rigorosas, de disciplinas como a Economia ou a Sociologia, à compreensão do passado de longa duração, cujo alcance é apenas possível através da História, da Arqueologia e dos campos de estudo afins. Não obstante o olhar cruzado acerca do passado, a História Económica e Social tem procurado contribuir para a construção da sociedade atual, a partir do conhecimento de experiências anteriores. Da mesma forma, os problemas das sociedades contemporâneas, não amiúde, geram novas questões de investigação, que procuram as raízes do presente em tempos recuados.
Tal não significa, linearmente, que a História e o passado sejam *mestres* da vida, mas muitas vezes a sua interpretação ajuda a compreender o presente.
Muitos dos desafios contemporâneos estão longe de constituir uma novidade, tal como as soluções encontradas para os ultrapassar.

Centrando esta pequena reflexão no caso português, alguns dos grandes projetos de desenvolvimento económico e social atuais contam já com décadas, por vezes séculos, de discussão, cujas tentativas de aplicação têm e tiveram resultados diversos. A lista seria infindável, mas as preocupações com a expansão e a intensificação da agricultura, como fator de aumento da riqueza e de atenuação das desigualdades, constituem um bom exemplo. A agricultura pode servir de ponto de partida para encontrar problemas historiográficos mais amplos, cruzando espaços e cronologias, que têm ocupado várias gerações de historiadores e historiadoras.
Entre estes temas "clássicos" está, certamente, a preocupação com a origem e as causas do atraso económico de Portugal. A partir daqui, pode também, mas não só, questionar-se a organização, a transformação e o quotidiano das sociedades, a sua relação com o território — europeu e não europeu —, as condições materiais de vida, a demografia, a urbanização, as mobilidades, a riqueza e a pobreza, as desigualdades económicas e sociais, o comércio interno e externo, os consumos privados e culturais, a literacia e a alfabetização,

o desenvolvimento da tecnologia e da medicina, ou a criação de projetos industriais, que procuraram a projeção de Portugal na Europa e no mundo. Outros desafios são relativamente recentes, como seja a adaptação e mitigação das alterações climáticas, que parecem surgir a um ritmo sem precedentes. No estudo do passado encontram-se informações com potencial relevante para enfrentar este tremendo desafio: a redescoberta de práticas, espécies e variedades agrícolas altamente resilientes a contextos climáticos exigentes, entretanto abandonadas, em virtude da maior produtividade de outras em contextos edafo-climáticos estáveis, mas que parecem agora estar a desaparecer. Pode estender-se esta reflexão ao uso técnico, mas também social e económico, de sistemas sustentáveis de aproveitamento da água, ou, ainda o regresso ao recurso a matérias-primas endógenas, com menor impacto ambiental e provavelmente menos dispendiosas a médio prazo, para as mais diversas finalidades industriais e da construção civil. A História Económica e Social, longe de estar exclusivamente fechada nos arquivos e bibliotecas, acompanha de perto estes debates, à medida que se faz sentir com maior intensidade o impacto das alterações climáticas.

Nas últimas décadas, estes temas foram estudados, debatidos em fóruns académicos, mas também com o grande público, publicados e difundidos por dezenas de historiadores/as económicos/as e sociais, constituindo um vasto potencial informativo para o desenho e a implementação de políticas públicas, em todos os níveis geográficos de atuação: do plano internacional às soluções locais. No entanto, poucas vezes este intenso e pertinente trabalho é considerado, o que é visível quando os decisores políticos abordam estes problemas, seja por desconhecimento, seja pela perceção pública da reduzida importância da História Económica e Social, que é, aliás, extensível a outras Ciências Sociais e Humanas.

É profunda a convicção da direção da APHES — Associação Portuguesa de História Económica e Social, esperando representar a larga maioria da opinião dos seus associados, de que o trabalho que centenas de investigadores/as têm desenvolvido acerca dos mais variados problemas económico-sociais representa um imenso potencial para a construção da sociedade do futuro. O seu papel pode e deve ser devidamente considerado.

Cabe-nos, enquanto investigadores/as e cidadãos/ãs, continuar a promover a investigação nestas áreas, em parceria com todos os organismos nacionais e internacionais que partilham dos mesmos objetivos. É o caso do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, que, em novembro de 2026, acolherá o XLV Encontro da APHES, dedicado ao tema das "Economias de guerra/Sociedades em guerra". Uma reflexão do presente, mas também do passado.

# 21

# CONHECIMENTO PÚBLICO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA TEMPOS DE POLICRISE O IMPERATIVO DA CIÊNCIA ABERTA E O DESAFIO DOS LABORATÓRIOS DE COCRIAÇÃO

**LÍGIA FERRO** Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia; Universidade do Porto

As Ciências Sociais são hoje uma forma de inteligência pública. Num tempo de policrise, em que alterações climáticas, desigualdades sociais, migrações forçadas, guerras, desinformação, precariedade laboral e fragilização democrática se cruzam, é preciso compreender o mundo por dentro. É preciso lê-lo nas suas tensões, conflitos e possibilidades. As Ciências Sociais são mais indispensáveis do que nunca: não porque ofereçam respostas simples, mas porque ajudam a fazer melhores perguntas, a compreender problemas complexos e a dar respostas ajustadas a essa complexidade.

A investigação desenvolvida no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade do Minho inscreve-se precisamente nesse contexto. Ao reunir áreas como a sociologia, a antropologia, a comunicação, a história, entre outras, o ICS-UMinho contribui para compreender as transformações contemporâneas nas suas várias escalas: as desigualdades sociais para as quais concorrem diferentes oportunidades e recursos de acordo com o território de origem e residência, a classe social, o género, a etnia, entre outras variáveis; os modos de participação cívica; a memória e o património; os *media* e a esfera pública; as culturas juvenis; as dinâmicas urbanas e rurais; as instituições democráticas; as formas de exclusão social e de resistência. Esta pluralidade é uma força: permite compreender aprofundadamente, a partir de diferentes teorias e aplicando robustas metodologias, os problemas coletivos, nomeadamente nas suas vertentes social, política, cultural e histórica.

Todavia, o futuro das Ciências Sociais não pode limitar-se a analisar e compreender. Esta tarefa é vital para a resolução dos problemas atuais, mas revela-se insuficiente por si só. Chegamos a um ponto em que nos questionamos: como podemos transformar conhecimento em capacidade coletiva de agir? Para isso, as Ciências Sociais têm reforçado a sua relevância pública, aproximando investigação, cidadania e decisão política, a partir de um lugar de crítica rigorosa e de independência.

Uma das vias mais promissoras e para as quais a investigação e o ensino realizados nas Ciências Sociais em Portugal, incluindo no ICS-UMinho, têm dado um importante contributo passa pela inovação metodológica e pela implementação do modelo de ciência aberta (UNESCO, 2021). Durante muito tempo, a investigação foi pensada como um processo em que os cidadãos/ãs eram sobretudo "objetos" de estudo. Hoje, esse modelo tem vindo a ser alargado, em grande parte graças ao trabalho realizado no campo das ciências sociais. Em diversos contextos, os cidadãos/ãs, tornaram-se participantes na produção de conhecimento: definindo problemas, recolhendo dados, interpretando resultados, discutindo soluções e avaliando impactos juntamente com os investigadores/as, numa lógica de cocriação científica (Thomas *et al.*, 2021).

A cocriação assenta em saberes situados de moradores, trabalhadores/profissionais, estudantes, jovens e mais velhos, atores associativos, autárquicos, dos movimentos sociais, entre outros, os quais se tornam essenciais para compreender a realidade que construímos quotidianamente e na qual vivemos. As crises que assolam o nosso mundo exigem a implicação de quem as vive para que os problemas sejam solucionados de forma eficaz. A resolução da crise da habitação, por exemplo, precisa da experiência concreta de quem vive nas cidades, de quem enfrenta rendas incomportáveis, de quem trabalha no planeamento urbano e de quem investiga as desigualdades territoriais. O mesmo se aplica à crise da democracia, às grandes transformações digitais ou à crise climática, apenas para dar alguns exemplos.

Neste sentido, uma proposta com horizonte para as Ciências Sociais passa pela criação de laboratórios permanentes de cocriação social, articulando investigação, ensino e engajamento público, na senda da proposta de Burawoy para a sociologia pública (Burawoy, 2005). Estes laboratórios poderiam funcionar em torno de desafios concretos (por exemplo, juventude e futuro do trabalho, envelhecimento e cuidado, mobilidade sustentável, qualidade democrática, literacia mediática), envolvendo investigadores/as, estudantes, cidadãos/ãs, escolas, municípios, organizações da sociedade civil e decisores/as públicos.

O objetivo não consiste apenas em "transferir conhecimento" da universidade para a sociedade, como se a universidade fosse o único lugar onde o conhecimento habita. É antes construir ecossistemas de conhecimento: espaços de encontro, de confronto e de teste de diferentes saberes, que permitam a produção de respostas mais justas e contextualizadas. A universidade continuará sempre a garantir rigor metodológico e ético, análise crítica e capacidade de comparação.

Os cidadãos/ãs trazem experiência, urgência, criatividade e conhecimento vivido. Dessa combinação podem emergir ciências sociais mais abertas, mais democráticas e mais úteis à resolução dos problemas das pessoas.

A ciência aberta é central neste processo. Disponibilizar publicações, dados, metodologias e resultados é um imperativo democrático da ciência. Quando o conhecimento financiado publicamente circula de forma acessível, aumenta a confiança social na ciência e reforça-se a capacidade de os cidadãos/ãs participarem no debate público e na produção de conhecimento. Contudo, a abertura deve ser responsável: a Universidade tem todas as condições para ser um baluarte da confiança neste processo, protegendo dados sensíveis, evitando a exposição de grupos vulneráveis e garantindo que a participação não se transforme em exploração simbólica.

O presente das Ciências Sociais é exigente, porque o mundo parece acelerar mais depressa do que a nossa capacidade de o compreender. O seu futuro, porém, pode ser profundamente transformador se souber combinar três compromissos: rigor científico, imaginação democrática e compromisso público. Perante a policrise, as Ciências Sociais podem oferecer instrumentos para pensar em conjunto, para escutar conflitos, para desvelar desigualdades sociais e para imaginar futuros mais justos socialmente, lado a lado com os cidadãos/ãs.

Nesse caminho, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho tem vindo a desempenhar um papel muito relevante ao longo dos últimos 50 anos. O ICS-UMinho tem construído um bom caminho para se afirmar fortemente como um espaço de conhecimento público: uma casa onde investigar é também cuidar da democracia, onde compreender é também criar possibilidades e onde a ciência se faz, não apenas sobre a sociedade, mas com a sociedade.

## Bibliografia


BURAWOY, M. (2005). For Public Sociology. *American Sociological Review*, 70(1), 4-28.

UNESCO (2021). *Recommendation on Open Science*. UNESCO.

THOMAS, S., Scheller, D., & Schröder, S. (2021). Co-creation in citizen social science: the research forum as a methodological foundation for communication and participation. *Humanities and Social Sciences Communications*, 8, 244.



# 22

# REENCONTRAR O SOCIAL EM TEMPOS *HIPER*FRAGMENTADOS E *HIPER*COMPLEXOS

**CARLOS CAMPONEZ** Presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação; Universidade de Coimbra

A criação do Instituto de Ciências Sociais (ICS), três anos após a fundação, em 1973, da Universidade do Minho, que o acolhe, fala por si acerca da centralidade das Ciências Sociais e Humanas no contexto do saber e das universidades: não podemos perceber, esclarecer e elucidar o mundo contemporâneo sem os instrumentos conceptuais de análise e de crítica que nos fornecem as Ciências Sociais e Humanas.

A crítica é um elemento tanto mais fundamental nas Ciências Sociais quanto elas não dispõem dos instrumentos de experimentação aplicáveis noutras áreas científicas: é um meio essencial de distanciação, em que o próprio sujeito se põe em causa sobre o modo como (pre)concebe o objeto que se propõe analisar; está presente na construção metodológica e na leitura dos dados recolhidos na investigação; é condição para a discussão entre os pares e no momento de difusão pública dos resultados alcançados; e, mas não menos importante, é fundamental na reflexão sobre a forma como se faz e como se constrói ciência social.

A crítica não é um exclusivo das Ciências Sociais. Porém, ela é o meio decisivo de que dispomos para abordar essa realidade indeterminada, incerta, imprevisível, inesperada e fugidia que denominamos de "social" e de "humana", e em que sujeito e objeto se procuram apreender, simultaneamente, na sua previsibilidade e na sua liberdade. É isso que torna as Ciências Sociais tão necessárias, problemáticas e, por vezes até, tão perigosas, do ponto de vista político, para os poderes instituídos.

Hoje, é recorrente associarmos as Ciências Sociais a um contexto de crise ou, na melhor das hipóteses, de profunda mutação. O mais conhecido sentido dessa crise expressa-se na denominada carência de financiamentos das Ciências Sociais e Humanas, uma área científica tradicionalmente subvencionada quando comparada às Ciências da Vida e da Saúde, às Engenharias, às Tecnologias e às Ciências Naturais e do Ambiente.

Em 2015, por ocasião da 37.ª Conferência Marc Bloch, em Paris, Andrew Abbott, professor da Universidade de Chicago e então diretor da *American Journal of Sociology*, iniciou a sua intervenção com estas palavras que aqui transcrevo, a partir de uma tradução minha:

> Parece-me que as Ciências Sociais conhecem um estado de crise desde há uma vintena de anos. As nossas disciplinas, apesar de distintas, experienciam hoje um conjunto de transformações que lhes estão ligadas. A ocorrência simultânea dessas transformações torna o seu futuro incerto de uma forma quase inquietante. Tantas são as possibilidades que se nos abrem, a nós que temos de fazer escolhas, que os hábitos intelectuais que hoje nos animam podem desaparecer nos próximos trinta anos.

O balanço de Abbott tem por referência não apenas o caso específico das Ciências Sociais, mas todos os elementos do ecossistema de que faz parte também o saber contemporâneo. De entre esses elementos, detenho-me sobre dois deles: a gestão das Universidades que tendem a privilegiar lógicas neoliberais de produtividade, em detrimento do trabalho intelectual; e, relacionada com essas lógicas, a estandardização de formas de conhecimento, alinhadas com uma discursividade própria do saber científico, que se impôs para melhor responder a modelos que têm como núcleo as avaliações sistemáticas, os *rankings* e as decisões sobre a progressão de carreiras científicas.
O diagnóstico de Abbott faz com que as Ciências Sociais se tornem parte do problema do mundo contemporâneo, ao invés de serem um instrumento de saber e de compreensão desse mesmo mundo.
Resulta deste raciocínio que os problemas nas Ciências Sociais não se limitam a questões de política científica. São também desafios epistémicos. Talvez resida aí a resposta para a ausência de grandes teorias contemporâneas na área das ciências sociais; ou a razão do progressivo desaparecimento de uma tradição de grandes autores e intelectuais que marcaram as primeiras gerações de cientistas sociais.

Estamos longe de defender um regresso ao passado — e às suas formas unidimensionais e ocidentalizadas de compreender o mundo. Essa abordagem pode ser apenas uma resposta imediata para fugirmos à responsabilidade de responder aos desafios próprios do nosso presente e do futuro. Apesar disso, é importante que o pensamento crítico das Ciências Sociais e Humanas seja usado também como instrumento para a sua autocompreensão e para entender o seu modo de estar no mundo.
Com efeito, algumas dificuldades se colocam a essa tarefa de elucidar a opacidade desse social, tal como ele se nos coloca hoje. Se, por um lado, o mundo contemporâneo tende a apresentar-se-nos como hiperfragmentado, quase como um somatório de decisões individuais e voluntaristas, por outro lado, é-nos dado discursivamente como o resultado de processos mundializados, cuja complexidade é difícil de compreender. Dir-se-ia que, perante isso, o social torna-se politicamente impotente e, no limite, a sua compreensão ilusória.
Não receio o meu viés resultante de um olhar sobre as Ciências Sociais e Humanas a partir das Ciências da Comunicação. Retiro, aliás, desse olhar os instrumentos críticos que me ajudaram a distanciar-me de fenómenos hiperbólicos contemporâneos, tais como a *hiper*concorrência e a *hiper*comunicação. Com efeito, as Ciências da Comunicação evidenciam quanto o *hiper* não é a expressão de uma realidade ou uma comunicação que se revela no seu excesso.



Pelo contrário, é no aparente excesso de realidade e de comunicação que o mundo contemporâneo constrói a sua opacidade e novas formas de poder.
É nesse quadro de pensamento que me pergunto se, nas transformações a que assistimos, as Ciências Sociais não são, hoje, chamadas a reencontrar o seu objeto de estudo, no exato lugar onde o discurso procura dar-se na sua opacidade enquanto realidade *hiper*fragmentada e *hiper*complexa.
A resposta não será simples. Mas arriscar formulá-la poderia constituir-se numa prenda de aniversário da geração atual de investigadores do ICS para preparar comemorações futuras. Dito de outro modo: o ICS poderia dar-se, a si próprio, o projeto de proceder ao diagnóstico sobre o estado das Ciências Sociais, em Portugal.
Julgo que o desafio das Ciências Sociais reside em conseguir articular duas dimensões importantes: por um lado, pensar modelos políticos mais humanos, justos, inclusivos, participativos, em que todos se revejam; e, por outro lado, uma compreensão desse objeto que denominamos de social.

Nas Ciências da Comunicação, já vivi o tempo suficiente para perceber quanto podem ser enganadores os prognósticos sobre o fim das coisas — nomeadamente o fim do jornalismo tal como ele era pensado no início da última década do século XX. Ainda assim, e por maior que possa ser a nossa capacidade de regeneração, o fim é talvez dos conceitos de que a Humanidade mais tem consciência. E embora mantenha as minhas esperançosas reservas quanto ao prognóstico de Andrew Abbott acerca das Ciências Sociais, esse diagnóstico sobre as Ciências Sociais que aqui sugiro parece-me essencial e afigura-se-me com dupla vantagem: no cenário mais pessimista, sabemos por que razão desaparecemos; no mais otimista, talvez possamos encontrar nesse diagnóstico os fundamentos para a regeneração necessária.

# 23

# AS CIÊNCIAS DA NATUREZA NO QUADRO INSTITUCIONAL DO ESTUDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

**LÚCIO CUNHA** Professor Emérito, Universidade de Coimbra

Habituámo-nos a ver a Geografia como uma ciência de articulação entre estudos da Natureza e da Sociedade, com separação entre uma Geografia Física, que agrega estudos da evolução do relevo, dos corpos de água, da distribuição dos seres vivos e das dinâmicas atmosféricas, e uma Geografia Humana, que estuda os modos de organização social nas suas diferentes configurações e territórios, donde as particularidades da Geografia Rural, Geografia Urbana, Geografia Industrial, Geografia Social, Geografia Cultural, entre outras designações disciplinares. Servindo estes dois grandes grupos, as técnicas de recolha de informação, o tratamento quantitativo de dados e a necessidade de uma cartografia cada vez mais complexa, mas de elaboração mais rápida, que atenda à criação de modelos mais que aos "simples" pontos de situação para diagnósticos territoriais, deram corpo a um terceiro grupo dentro da Geografia, que responde pelas disciplinas de Informação Geográfica e/ou de Geoprocessamento.

O modelo de desenvolvimento do Ensino Superior em Portugal fez com que, com base na tradição francesa, os Grupos (ou Departamentos) de Geografia tenham estado, desde o seu início formal, ligados a Faculdades de Letras (Coimbra, Lisboa[1] e Porto) ou a Faculdades e Institutos de Ciências Sociais, como é o caso do Departamento de Geografia e Planeamento Regional da Universidade Nova de Lisboa ou do Departamento de Geografia da Universidade do Minho, que se insere no Instituto de Ciências Sociais. Tanto quanto é do nosso conhecimento, apenas o grupo de Geografia da Universidade de Évora não corresponde a este modelo, pois está enquadrado no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, portanto numa Escola de Ciências e Tecnologia.

No entanto, quer pelo objeto de estudo, quer pelos métodos e técnicas utilizados, quer ainda pelos parceiros escolhidos no processo interdisciplinar de integração do conhecimento, os estudos de Geografia e, particularmente, os estudos de Geografia Física parecem estar, muitas vezes, deslocados das correntes maiores das Escolas de Ciências Sociais em que se integram. Mas será mesmo assim?

No momento em que o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho completa os seus 50 anos de atividade de investigação e ensino, gostaria de deixar como testemunho neste livro duas ideias complementares para justificar a articulação do Departamento de Geografia da Universidade do Minho e, em especial, da sua área de Geografia Física, com a sua casa-mãe, tentando dar resposta a duas questões:

1 No ano de 2008, no quadro da alteração estatutária da Universidade de Lisboa, o Departamento de Geografia autonomizou-se da Faculdade de Letras, tendo sido criado o IGOT — Instituto de Geografia e Ordenamento do Território.

**Qual o contributo da Geografia Física para o desenvolvimento do ICS?**

Para além do aprofundamento teórico e metodológico de cada uma das disciplinas principais de Geografia Física (Geomorfologia, Climatologia, Hidrologia e Biogeografia), com o desenvolvimento de novas técnicas de recolha e tratamento de informação, quase sempre apoiadas em metodologias próprias das Ciências da Terra e da Vida, as preocupações ambientais a diferentes escalas vão trazendo para a Geografia Física questões cuja resposta cabal apenas se encontra na relação com as Ciências Sociais. A articulação entre Natureza e Sociedade ou, de modo mais amplo e complexo, entre Território e Ambiente, está cada vez mais presente nos estudos de Geografia Física, particularmente ao nível da aplicação. Dois exemplos simples: a chamada Geomorfologia Cultural, ao atribuir significado patrimonial e valorização geoturística a territórios e paisagens com características geomorfológicas específicas, e o estudo dos riscos naturais, com a importância fulcral da exposição de pessoas e bens e da vulnerabilidade social nas manifestações de risco. Assim, os estudos de Geografia Física vão ao encontro das Ciências Sociais, buscando fundamentos para entender uma perspetiva social e culturalmente aplicada dos estudos sobre a Natureza e as suas dinâmicas próprias. Também as necessárias práticas e técnicas de conservação, e mesmo de gestão, da Natureza assentam hoje em estudos das dinâmicas económicas, sociais e culturais dos territórios. Daí a importância que a Geografia Física está a assumir no estudo e na análise de alguns problemas sociais que comandam as mudanças ambientais no mundo de hoje.

**Porque é que a integração no ICS ajuda a fazer mais e melhor Geografia Física?**

Nos dois casos atrás referidos, estudos de Geomorfologia Cultural e estudos de Riscos Naturais, e noutros, como os estudos de impactos ambientais e de ordenamento do território, as técnicas de auscultação das populações com vista à preparação de políticas públicas nos seus diferentes sentidos, as técnicas de análise de dados e, mesmo, as técnicas de representação cartográfica integram os métodos habitualmente utilizados nas Ciências Sociais. Este encontro é também muito importante para perceber como a utilização de diferentes métodos nos pode conduzir a novas procuras e a novos caminhos.

Mesmo que nada mais houvesse para justificar a presença da Geografia Física e dos seus investigadores numa Unidade de Ciências Sociais, penso que os meus colegas da Universidade do Minho terão todas as razões para se sentirem felizes por desenvolver o seu trabalho de investigação e ensino no seio do ICS.

Desejo, pois, ao ICS e ao seu jovem Departamento de Geografia, que os próximos 50 anos sejam anos muito produtivos, com reforço das condições de inovação, desenvolvimento e cooperação em Ciências Sociais e, dentro delas, de um desenvolvimento dos estudos que contribuam para um equilíbrio sustentável do ambiente na Terra, enquanto casa-mãe de todos nós.

# 24

# ANOS DE VIDA SAUDÁVEL APÓS OS 65 ANOS CONCEITO, DISPARIDADES EUROPEIAS E O PARADOXO PORTUGUÊS DE GÉNERO

**PAULO NOSSA** Professor, Universidade de Coimbra

**Introdução**

O envelhecimento das populações europeias reorientou o foco da saúde pública da longevidade para a qualidade dos anos vividos. O conceito de *Healthy Life Expectancy* (HLE) ou *Health-Adjusted Life Expectancy* (HALE) combina dados de mortalidade e morbilidade, expressando o número médio de anos vividos em plena saúde (WHO, 2021). Ao contrário da esperança de vida convencional, que ignora a dimensão qualitativa, o HLE posiciona a funcionalidade como variável central na avaliação da saúde populacional (Tsuji, 2020; Mathers *et al*., 2004).

**Disparidades europeias: compressão *versus* expansão da morbilidade**

A comparação europeia revela uma heterogeneidade considerável nos anos de vida saudável após os 65 anos, irredutível às diferenças de esperança de vida total. Suécia e Noruega, e também Malta, registam os valores mais elevados da UE (≥ 14 anos), enquanto Portugal, a República Eslovaca e a Letónia figuram entre os mais baixos, frequentemente abaixo dos 8 anos (Eurostat, 2023; OCDE, 2024). Esta variabilidade remete para o debate entre compressão da morbilidade (Fries, 1980) e expansão da morbilidade (Gruenberg, 1977; Kramer, 1980). Os países nórdicos aproximam-se do primeiro modelo; os do Sul e Leste europeu tendem para o segundo, onde se verifica pior desempenho e onde o estado de saúde das mulheres é mau durante quase três quartos dos anos adicionais (OCDE, 2024).

A vantagem nórdica assenta num sistema coerente de fatores estruturais: (i) proteção social universal consolidada desde o pós-guerra (GBD Nordic Countries Collaborators, 2019); (ii) cuidados integrados de saúde e apoio social com acesso baseado na necessidade (Modig *et al*., 2022); (iii) elevada prevalência de atividade física na população idosa (Wennberg *et al*., 2022); (iv) iniquidades de saúde reduzidas, com apenas 9% dos 65+ anos a reportar saúde má ou muito má (OCDE, 2023).

**O caso português: longevidade com menor funcionalidade**

Portugal apresenta uma contradição conhecida: detém uma das esperanças de vida mais elevadas da Europa (81,17 anos; INE, 2024), mas uma das mais baixas proporções de anos saudáveis nas idades avançadas (Eurostat, 2023; Santana, 2000; Fernandes, 2007).

---

1 O estudo EpiDoC estrutura-se uma coorte nacional de base populacional concebida para fornecer dados sobre doenças crónicas não transmissíveis para utilização em investigação socioeconómica e biomédica, gerada pela NOVA Medical School. A coorte EpiDoC incluiu 10 661 adultos residentes em Portugal (continente, Açores e Madeira).

A carga de morbilidade da população idosa é o fator mais diretamente documentado: dados da coorte EpiDoC[1] (n=2.393 adultos com ≥ 65 anos) revelam uma prevalência de multimorbilidade de 78,3%, com hipertensão (57,3%), doença reumática (51,9%) e hipercolesterolemia (49,4%) como condições mais frequentes, e 66,6% de inatividade física (Rodrigues *et al*., 2018). Num seguimento longitudinal de 10 anos (n=4.135), a incapacidade física aumentou em média 0,263 unidades e a qualidade de vida declinou 0,074 unidades por ano, com deterioração acelerada nas idades mais avançadas; escolaridade e exercício regular foram os principais fatores protetores (Rodrigues *et al.*, 2023).

A dimensão territorial agrava o quadro: o impacto da morbilidade é assimetricamente distribuído, sendo mais pronunciado nas regiões rurais do interior, onde a pobreza, a baixa acessibilidade aos serviços de saúde e a dureza de trabalhos manuais estão frequentes vezes associadas (Santana, 2000). A baixa escolaridade média da geração atualmente idosa constitui um terceiro eixo explicativo: o Inquérito Nacional de Saúde de 2014 mostrou que menor instrução e menor rendimento aumentam de forma significativa o risco de autoperceção de saúde má ou muito má (Rodrigues *et al*., 2022). Acresce que Portugal estabeleceu o Serviço Nacional de Saúde apenas em 1979 (Guardado Moreira & de Castro Henriques, 2016), pelo que a geração atualmente idosa beneficiou dessas estruturas durante um período bastante mais curto quando comparado com os países nórdicos.

**A inversão do padrão de género: o paradoxo saúde-sobrevivência**

No padrão europeu predominante, as mulheres vivem mais anos, mas acumulam mais incapacidade, mantendo ainda assim uma vantagem líquida em HLE. Em Portugal, essa vantagem inverte-se: os homens com 65 anos têm uma esperança de vida saudável de 7,8 anos, contra 6,3 anos para as mulheres (INE/Eurostat, 2023). Di Lego, Nepomuceno e Turra (2025), utilizando dados de 24 países com decomposição contínua pelo método de Sullivan, demonstraram que o *gap* de género na *Disability-Free Life Expectancy* (DFLE) em Portugal é de -0,37 anos (desvantagem feminina): a mortalidade contribui com +2,3 anos a favor das mulheres, mas a incapacidade contribui com -2,7 anos contra elas. Portugal e a Índia são os únicos países da amostra com desvantagem líquida feminina. Dois mecanismos explicam esta inversão. O primeiro é a seleção biológica diferencial: os homens que sobrevivem até idades avançadas constituem um grupo mais selecionado, enquanto as doenças que predominam nas mulheres (artrite, osteoporose, depressão, dor crónica), são altamente incapacitantes, mas não fatais (Oksuzyan *et al*., 2019). O segundo mecanismo é sociocultural: as mulheres portuguesas reportam com mais frequência pior saúde autopercecionada, mais dor crónica, ansiedade e depressão (Perelman *et al*., 2012), reflexo tanto de maior sensibilidade ao sofrimento como de desvantagem real em funcionalidade, amplificada por desigualdades de género em rendimento e autonomia (Leão, 2022) e pela feminização do envelhecimento, em que as mulheres constituem a maioria da população com ≥ 80 anos desde 1970 (Fernandes, 2007).

**Conclusão**

Portugal encontra-se numa confluência de desvantagens estruturais: (i) alta multimorbilidade numa população com baixa escolaridade e rendimento, (ii) iniquidades territoriais marcadas, um sistema de saúde estabelecido tardiamente e uma inversão do padrão europeu de género que penaliza em especial as mulheres idosas.

O caso nórdico demonstra que investimento continuado nos determinantes sociais da saúde ao longo de gerações é capaz de garantir compressão da morbilidade para a maioria da população. A diferença nos anos de vida saudável após os 65 entre Portugal e a Suécia é a expressão quantitativa de décadas de divergência nas políticas públicas e nas condições de vida.

## Bibliografia


DI LEGO, V., Nepomuceno, M.R., & Turra, C.M. (2025). Gender gaps in healthy life expectancy as indicators of inequality for disability and chronic disease: Cross-sectional evidence from 24 countries, years 2014-2019. *BMJ Open*. https://doi.org/10.1136/bmjopen-2024-096968.

EUROSTAT (2023). Healthy life years statistics. *Statistics Explained. European Commission.* https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Healthy_life_years_statistics.

FERNANDES, A.A. (2007). Determinantes da mortalidade e da longevidade: Portugal numa perspectiva europeia (EU-15, 1991-2001). *Análise Social*, XLII(183), 419-443.

FRIES, J.F. (1980). Aging, natural death, and the compression of morbidity. *New England Journal of Medicine*, 303(3), 130-135. https://doi.org/10.1056/NEJM198007173030304.

GBD NORDIC COUNTRIES COLLABORATORS (2019). Life expectancy and disease burden in the Nordic countries: Results from the Global Burden of Diseases, Injuries, and Risk Factors Study 2017. *The Lancet Public Health*, 4(12), e658-e669. https://doi.org/10.1016/S2468-2667(19)30224-5.

GUARDADO MOREIRA, M.J., & de Castro Henriques, F. (2016). Envelhecimento e saúde em Portugal: Trajectórias recentes. *Ler História*, 69, 131-152.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2024). Life expectancy at 81.17 years at birth. *Statistics Portugal*. https://www.ine.pt.

KRAMER, M. (1980). The rising pandemic of mental disorders and associated chronic diseases and disabilities. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 62(Suppl. 285), 382-397.

LEÃO, T. (2022). The role of gender equity in healthy life expectancy in 27 European countries. *European Journal of Public Health*, 32(Suppl. 3). https://doi.org/10.1093/eurpub/ckac129.163.

MATHERS, C.D., Iburg, K.M., Salomon, J.A., Tandon, A., Chatterji, S., Ustün, B., & Murray, C.J.L. (2004). Global patterns of healthy life expectancy in the year 2002. *BMC Public Health*, 4(66). https://doi.org/10.1186/1471-2458-4-66.

MODIG, K., Talbäck, M., Torssander, J., & Ahlbom, A. (2022). Trends over two decades in life expectancy with complex health problems among older Swedes: Implications for the provision of integrated health and social care. *BMC Geriatrics*, 22, 311. https://doi.org/10.1186/s12877-022-02980-z.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (2023). *Health at a Glance 2023: OECD Indicators*. OECD Publishing. https://doi.org/10.1787/7a7afb35-en.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (2024). *Society at a Glance 2024: OECD Social Indicators — Life Expectancy*. OECD Publishing. https://doi.org/10.1787/918d8db3-en.

OKSUZYAN, A., Dańko, M.J., Caputo, J., Jasilionis, D., & Shkolnikov, V.M. (2019). Is the story about sensitive women and stoic men true? Gender differences in health after adjustment for reporting behaviour. *Social Science & Medicine*, 228, 41-50. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.03.002.

PERELMAN, J., Fernandes, A., & Mateus, C. (2012). Gender disparities in health and healthcare: Results from the Portuguese National Health Interview Survey. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(12), 2339-2348. https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012001200015.

RODRIGUES, A.M., Gregório, M.J., Sousa, R.D., Dias, S.S., Santos, M.J., Mendes, J.M., Coelho, P.S., Branco, J.C., & Canhão, H. (2018). Challenges of ageing in Portugal: Data from the EpiDoC cohort. *Acta Médica Portuguesa*, 31(2), 80-93. https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/9817.

LOPES, D.G., Mendonça, N., Henriques, A.R., Branco, J., Canhão, H., Rodrigues, A.M. (2023). Trajectories and determinants of ageing in Portugal: insights from EpiDoC, a nationwide population-based cohort. *BMC Public Health*, 23(1), 1564. https://doi.org/10.1186/s12889-023-16370-8.

RODRIGUES, I.B., Adachi, J.D., Beattie, K.A., & MacDermid, J.C. (2022). Factors associated with self-perceived health status in Portugal: Results from the National Health Survey 2014. *Frontiers in Public Health.* https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.904663.

SANTANA, P. (2000). Ageing in Portugal: Regional iniquities in health and health care. *Social Science & Medicine*, 50(7-8), 1025--1036. https://doi.org/10.1016/S0277-9536(99)00352-4.

TSUJI, I. (2020). Epidemiologic research on healthy life expectancy and proposal for its extension. *Journal of the Japan Medical Association*, 3(4). https://doi.org/10.31662/jmaj.2020-0027.

VILHELMSON, B., Thulin, E., & Elldér, E. (2022). Time change in the distribution of physical activity and its correlates among retired older Swedish adults: a repeated cross-sectional study from a national survey. *BMC Public Health,* 22(1), 2055. https://doi.org/10.1186/s12889-022-14554-2.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (2021). *Healthy life expectancy (HALE) — Indicator metadata*. Global Health Observatory. https://www.who.int/data/gho/indicator-metadata-registry/imr-details/7752.

# 25

## **IDENTIDADES CRUZADAS** ELOGIO DA COMPREENSÃO

**JOÃO TEIXEIRA LOPES** Professor, Universidade do Porto

Há muito tempo que a sociologia e a antropologia conhecem, por um saber de experiências feito, que as identidades apenas se declinam no plural, nas pertenças múltiplas e na relação com a alteridade. Longe de serem substâncias, essências ou monólitos, vivem da dialética, da intersubjetividade e dos cruzamentos. Por isso, convivem mal com duas tendências hoje muito em voga, a saber:

i) A absolutização das identificações, erigidas em concursos de averiguação do "grau de pureza", exercício essencialista de fechamento em "gavetas", tantas vezes a coberto de uma agenda progressista (pretenso resgate de vivências oprimidas e silenciadas). O capitalismo emocional (Illouz, 2007) enfatiza histrionicamente esta disposição, ao reivindicar o exclusivo da fala para quem é "autêntico" na posição que ocupa, criando uma obrigação de *ser verdadeiro* e estimulando uma exacerbada cruzada contra os ímpios da mestiçagem simbólica e cultural;
ii) A tribalização dos repertórios identitários, numa espiral de ensimesmamento em que apenas se confirma o que de antemão se conhece e se pensa, impedindo qualquer exercício de cosmopolitismo, tendência amplamente reforçada pela digitalização da experiência e pela regressão cognitiva induzida pela lógica algorítmica.

Não admira, por isso, que estes sejam tempos difíceis para um conhecimento que só é possível no interconhecimento e na interpretação metódica do comportamento situado. No século antissocial, como proceder se só o autoconhecimento é legitimado?

A sociologia apenas sobreviverá pelo exercício compreensivo da empatia, pela aproximação metódica ao outro, protocolizada em regras científicas, mas devedora também, sabe-se hoje, da estruturação neuronal do cérebro humano. Ao contrário da "simpatia", que consiste em sentir "com o outro", proporcionando, por imitação, uma fusão e experimentando o mesmo estado emocional, a empatia equilibra a relação com a alteridade, pois nenhuma das identidades se dissolve na comunhão simpática. Através dos circuitos empáticos, temos acesso ao outro enquanto outro, sem ter de impor-lhe a nossa forma de estar no mundo ou importar acriticamente a sua (Berthoz & Thirioux, 2020). O seu exercício supera tanto a hipertrofia quanto a hipotrofia do eu e do outro, estabelecendo uma relação de equilíbrio e de cruzamento. Assim, a compreensão permite experimentar o ponto de vista do outro, mas para voltar ao nosso, ainda que transformado e com melhores níveis de auto e heteroconhecimento. A diferença não ameaça a identidade, antes a complexifica e a enriquece.

Por isso, compreender é a base do cariz relacional das identidades. Elas fazem-se por e contra, em estado de impureza e complexidade, impassíveis de acomodação nas gavetas categoriais e nos exercícios simplórios de

classificação e autoglorificação. A diferença relaciona, acrescenta, é, nas palavras de Audre Lorde "uma reserva de polaridades necessárias, entre as quais a nossa criatividade pode irradiar como uma dialética [...] uma interdependência de diferentes forças, reconhecidas e em pé de igualdade" (Lorde, 2019).

Sem a sociologização do sofrimento e da vida, sem a historicização do processo concomitante de identificação (integração em coletivos de pertença) e de identização (diferenciação relativamente a outros grupos), sem o entendimento das disputas e das desigualdades que se geram em torno do reconhecimento, a sociologia será mera gestão sentimental e morrerá às mãos de qualquer literatura de autoajuda, tão plástica quanto o individualismo que a engendra. Analisar sociologicamente as identidades como relações sociais abre as alamedas da imaginação metódica: sem ser o outro, posso, todavia, compreendê-lo, acrescentando-lhe, pelo conhecimento acumulado e partilhado, novos horizontes de expetativa.

## Bibliografia


BERTHOZ, A., & Thirioux, B. (2020). Identités et intersubjectivité: bases neurales. In J. Gayon (dir.), *L'Identité: Dictionnaire encyclopédique* (pp. 87-101). Gallimard.

LORDE, A. (2019). *Irmã Outsider*. Autêntica Editora.

ILLOUZ, E. (2007). *Cold Intimacies: The making of emotional capitalism*. Polity Press.

# 26

# **DE MALRAUX E SARTRE A BAUMAN E COLLINS** COMO AS CIÊNCIAS SOCIAIS E O ICS ME FIZERAM QUEM SOU

**HELENA MENDES PEREIRA** *Alumna*, Gestora Cultural, Curadora e Professora
Diretora-Geral do MUZEU e da ZET, Galeria de Arte

*Um homem é a soma dos seus atos, daquilo que fez e daquilo que pode fazer.*
ANDRÉ MALRAUX, *A Condição Humana.*
Livros do Brasil, 1958, p. 45

*A Condição Humana* (1933), de André Malraux (França, 1901-1976), e *O Existencialismo é Humanismo* (1946), de Jean-Paul Sartre (França, 1905-1980), foram obras que li muito cedo, muito antes das aulas de Filosofia do 10.º e do 11.º anos do ensino secundário, por se encontrarem disponíveis na estante lá de casa e por serem parte da formação política e académica do meu pai. São dois autores aos quais recorro muitas vezes e que foram essenciais na construção da minha *coluna vertebral* de referências.
André Malraux não teve uma formação académica universitária formal. Na verdade, abandonou os estudos secundários por volta dos 18 anos e nunca concluiu o equivalente ao ensino secundário francês (o *baccalauréat*). A sua formação foi essencialmente autodidata. Frequentava museus, bibliotecas e era *habitué* do meio intelectual e artístico de Paris desde muito jovem. Estudava literatura, arte, arqueologia, filosofia e culturas orientais. Assistiu também a algumas aulas e conferências ligadas à arte e ao Oriente, sem se matricular formalmente numa universidade.
É curioso que um dos maiores escritores franceses do século XX, autor também de *O Museu Imaginário* (1947), tenha sido praticamente um autodidata. A sua reputação intelectual nasceu mais das suas leituras, viagens, experiência política e atividade cultural do que de diplomas académicos. Aliás, Malraux é um exemplo clássico de um intelectual formado pela experiência: viveu na Indochina, participou na Guerra Civil Espanhola, integrou a Resistência Francesa e foi ministro de Estado para os Assuntos Culturais da França (1959-1969), sendo o presidente da República Francesa Charles de Gaulle (França, 1890-1970).
Por sua vez, Jean-Paul Sartre teve uma formação académica muito mais tradicional e prestigiada do que André Malraux: estudou no famoso liceu parisiense Lycée Henri-IV; em 1924, entrou na École Normale Supérieure, uma das instituições mais seletivas de França, onde estudou filosofia; em 1929, obteve a *agrégation de philosophie*, um concurso de altíssimo nível que qualificava para o ensino da filosofia, tendo ficado em primeiro lugar; em segundo lugar ficou Simone de Beauvoir (França, 1908-1986), que viria a ser sua companheira intelectual e de vida. Depois, Sartre trabalhou como professor de filosofia em vários liceus franceses antes de se dedicar por inteiro à escrita e à reflexão filosófica. A sua formação incluiu um estudo aprofundado de diversos filósofos e foi precisamente o contacto com a fenomenologia de Edmund Husserl (Chéquia, 1859-1938) e Martin Heidegger (Alemanha, 1889-1976) que o levou a desenvolver o existencialismo pelo qual ficou famoso.

A diferença entre Sartre e Malraux é interessante: o primeiro foi um filósofo de formação universitária rigorosa; o segundo foi sobretudo um intelectual autodidata moldado pela ação, pela política e pela experiência histórica. Refletiram ambos sobre a condição humana, partindo de trajetórias muito diferentes.
Nesta comparação, a partir de uma experiência pessoal de leitura, talvez consiga metaforicamente posicionar as Ciências Sociais e a sua importância para o estudo dos seres humanos, enquanto indivíduos e membros de grupos, sociedades, instituições e culturas. Uma visão holística da importância das Ciências Sociais mostra que áreas como a Sociologia, a Economia, a Ciência Política, a Antropologia, a Psicologia ou a Geografia Humana são fundamentais para compreender não apenas como as sociedades funcionam, mas também como podem evoluir de forma mais justa, sustentável e humana.
As Ciências Sociais ajudam a integrar diferentes dimensões da realidade humana e a desenvolver pensamento crítico e reflexivo. É sabido que não oferecem apenas respostas, mas ensinam-nos antes a formular melhores perguntas; promovem a análise crítica, a avaliação de evidências, a compreensão de múltiplas perspetivas, sendo essenciais na consciência dos nossos próprios preconceitos; e aumentam a nossa capacidade, enquanto indivíduos e parte do coletivo, de lidar com a complexidade.
Eu comecei por me licenciar em História da Arte (FLUP), seguindo a escolha do meu pai pelas Humanidades, na mesma instituição em que ele tinha estudado poucos anos depois do 25 de Abril de 1974. Frequentei ainda o mestrado em Museologia (FLUP) e a pós-graduação em Gestão das Artes (UC), mas percebi cedo que, como Malraux, era na ação e no estreito contacto com o meio artístico que desenvolveria o meu caminho. O caminho pela programação cultural, nomeadamente, pela arte contemporânea e pela curadoria, foi-se adensando e havia muitas lacunas na minha formação de base que limitavam o entendimento das políticas culturais e das práticas artísticas do meu tempo. Faltava-me juntar mais livros aos da estante do meu pai que tinha lido cedo demais.
Foi nesta sede que escolhi e ingressei no Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura do ICS, em outubro de 2012, quando dirigia uma das áreas de programação da Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012 — um projeto de território, que tinha como inspiração a tese de doutoramento em Sociologia de Augusto Santos Silva (Portugal, 1956-). Este Mestrado e os seus professores foram determinantes na abertura do meu campo conceptual e do meu léxico e são responsáveis, ainda hoje, por aquilo que vou definindo como a marca curatorial e política dos meus projetos de programação cultural e curadoria. As Ciências Sociais deram-me uma voz, deram um corpo à minha voz. Concluí o Mestrado e fui diretamente para o Doutoramento em Ciências da Comunicação, que defendi a 6 de janeiro de 2021, com uma tese intitulada *A Curadoria (expandida) como processo de comunicação da Arte Contemporânea*, que é uma reflexão que parte de um cruzamento entre uma abordagem teórica e aquela que foi a minha práxis profissional ao longo dos anos.
Em 2026, assinalam-se os 50 anos do ICS da Universidade do Minho, aquela que também é a minha casa principal em termos de formação académica, onde me encontrei entre Malraux e Sartre e me apaixonei por Zygmunt Bauman (Polónia, 1925-2017) e Patricia Hill Collins (EUA, 1948). As ciências sociais e o ICS contribuíram decisivamente para quem sou hoje e para o que quero ser, e não há nada mais ilustrativo, sobre passado e futuro, que possa ser dito.

# 27

## ENTENDER O MUNDO PARA O PODER TRANSFORMAR

**NÁDIA REIS** *Alumna*, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais

Falar do futuro das Ciências Sociais é, no fundo, falar do futuro da própria sociedade. Sempre que tentamos perceber porque cresce a desconfiança nas instituições, porque persistem desigualdades, como a tecnologia transforma a forma como comunicamos ou de que modo podemos enfrentar as alterações climáticas, estamos a lidar com questões que pertencem a este campo. Talvez por isso, num tempo marcado pela aceleração tecnológica e pela incerteza, estas áreas sejam hoje mais necessárias do que nunca.

Quando a Universidade do Minho abriu portas, em meados dos anos 1970, Portugal dava ainda os primeiros passos na consolidação da democracia. Era um país em transformação, a construir instituições, a alargar o acesso à educação e a afirmar uma sociedade mais livre e mais justa. Foi nesse contexto que as Ciências Sociais ganharam relevância, ajudando a interpretar o presente e a apoiar o desenho do futuro.

Ao longo destas cinco décadas, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho afirmou-se como um espaço de pensamento crítico e produção de conhecimento, com uma forte ligação à realidade social e aos desafios concretos do país — da comunicação e dos *media* à participação cívica, das dinâmicas territoriais às questões da democracia e da cultura.

Meio século depois, muitos dos desafios de então foram superados, mas surgiram outros, mais complexos e interligados. Vivemos numa sociedade onde a informação circula a uma velocidade inédita, as fronteiras se tornaram mais permeáveis e a inteligência artificial começa a transformar dimensões centrais da vida quotidiana. Paradoxalmente, nunca tivemos tantos dados e nunca foi tão difícil construir compreensão.

Perante este cenário, é frequente ouvirmos que "o futuro pertence à tecnologia". Mas essa ideia, embora compreensível, é incompleta. A história mostra que os grandes desafios da humanidade nunca foram apenas técnicos — foram sempre, antes de tudo, desafios humanos. Nenhum algoritmo resolve sozinho a pobreza. Nenhuma plataforma digital substitui a confiança entre cidadãos. Nenhum avanço tecnológico elimina os conflitos de valores inerentes às sociedades democráticas. Por detrás de cada problema coletivo há pessoas, interesses, comportamentos e relações sociais. É nesse espaço que as Ciências Sociais se tornam indispensáveis.

Os grandes autores deste campo perceberam isso cedo. Durkheim (1858-1917) procurou compreender o que mantém unidas sociedades cada vez mais complexas. Weber (1864-1920) interrogou-se sobre o poder, as instituições e a ação individual. Não deixaram respostas fechadas, mas perguntas que continuam surpreendentemente atuais: como construir comunidades coesas num mundo fragmentado? Como equilibrar

liberdade individual e bem comum? Como garantir que o progresso beneficia a maioria e não apenas alguns? Estas questões ganham ainda mais relevância numa época em que a tecnologia redefine a forma como comunicamos e participamos na esfera pública. Castells (1996) descreveu este fenómeno através da ideia de sociedade em rede, onde a informação se torna um recurso central. No entanto, a realidade recente mostra-nos que mais informação não significa necessariamente cidadãos mais informados. A desinformação, a polarização e a fragmentação do debate público evidenciam que os desafios atuais são tão sociais e culturais quanto tecnológicos.

Na minha experiência profissional na área da comunicação, marketing e responsabilidade social, estas dinâmicas tornam-se particularmente visíveis. A forma como as narrativas são construídas, como a confiança é gerada — ou perdida — e como as organizações se relacionam com a sociedade demonstra que compreender comportamentos, valores e expectativas é hoje um fator crítico. Mais do que nunca, comunicar não é apenas transmitir informação, é construir significado.

É aqui que as Ciências Sociais desempenham um papel estruturante. Compreender porque determinados discursos ganham força, porque alguns cidadãos se afastam da participação democrática ou porque a confiança nas instituições diminui é essencial para encontrar respostas. Como defendia Habermas, a qualidade da democracia depende de uma esfera pública capaz de promover diálogo e deliberação. Num contexto marcado pela rapidez e pela simplificação do digital, esta reflexão é particularmente urgente.

Outro desafio central do nosso tempo é a desigualdade. Apesar dos avanços económicos e tecnológicos, milhões de pessoas continuam condicionadas pelo acesso à educação, pelo rendimento ou pelo contexto em que nasceram. Giddens (2009) lembra-nos que a globalização trouxe oportunidades, mas também novas formas de exclusão. As Ciências Sociais ajudam-nos a perceber que as desigualdades não resultam apenas de escolhas individuais, mas também de estruturas que moldam oportunidades e trajetórias de vida.

O mesmo se aplica às alterações climáticas. Frequentemente tratadas como um problema técnico ou ambiental, são também um profundo desafio social. Beck (1992) descreveu as sociedades contemporâneas como sociedades do risco, confrontadas com ameaças globais que exigem respostas coletivas. A transição para modelos mais sustentáveis depende do avanço científico, mas também da capacidade de mobilizar comportamentos, alinhar interesses e construir compromissos duradouros.

Talvez seja precisamente aqui que reside a maior força das Ciências Sociais: a capacidade de colocar as pessoas no centro. Num mundo cada vez mais orientado por dados, algoritmos e automação, estas disciplinas lembram-nos que as sociedades não são apenas sistemas ou mercados. São comunidades humanas feitas de relações, valores, expectativas e conflitos.

Celebrar 50 anos de Ciências Sociais na Universidade do Minho é, por isso, mais do que assinalar um percurso académico. É reconhecer o seu contributo contínuo para a compreensão dos grandes desafios do nosso tempo e para a construção de respostas com impacto real na sociedade.

Se os próximos 50 anos serão moldados pela inovação tecnológica, dependerão igualmente — e talvez sobretudo — da nossa capacidade de compreender pessoas, fortalecer a confiança e renovar a vida democrática. Num mundo onde tudo acelera, compreender torna-se um ato decisivo. E compreender a sociedade continua a ser o primeiro passo para a transformar.

## Bibliografia


BECK, U. (1992). *Risk Society: Towards a new modernity*. Sage.

CASTELLS, M. (1996). *The Rise of the Network Society*. Blackwell.

DURKHEIM, É. (2014 [1893]). *Da divisão do trabalho social*. Martins Fontes.

GIDDENS, A. (2009). *Sociology* (6th ed.). Polity Press.

HABERMAS, J. (1989). *The Structural Transformation of the Public Sphere: An inquiry into a category of bourgeois society*. MIT Press.

NUSSBAUM, M.C. (2010). *Not for Profit: Why democracy needs the humanities*. Princeton University Press.

WEBER, M. (2005 [1905]). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Companhia das Letras.





Quem coordena hoje,
também guarda
a **memória**

# 28

# HISTÓRIA E TEMPO, TEMPORALIDADES DA HISTÓRIA

**ARNALDO SOUSA MELO** Diretor do Departamento de História, Instituto de Ciências Sociais

A História, no sentido do conhecimento científico sobre o passado (incluindo as diversas Ciências Históricas, como história, arqueologia, história da arte e estudos do património), pode definir-se como "ciência dos Homens [Humanidade] no tempo", na clássica definição de M. Bloch. A sua metodologia desenvolve-se a partir do estudo das fontes documentais, ou seja, os vestígios do passado que se preservaram. Estes são constituídos por documentos escritos, visuais, materiais, edificados, paisagens e até testemunhos orais, que requerem a utilização de diferentes metodologias e técnicas de análise muito especializadas para a sua compreensão. Estas, por seu turno, permitem conhecer esses documentos, os seus contextos históricos e veracidade, com o rigor interpretativo que constitui condição essencial da dimensão científica da investigação.

No entanto, simultaneamente, o historiador deve assumir-se como um especialista do tempo, ou dos tempos e suas especificidades, não esquecendo que todo o conhecimento produzido pela história, ou sobre a história, é sempre relativo a um tempo cronológico e a um espaço concretos, sendo apenas válido nesse contexto histórico-geográfico: portanto, a história é ciência dos homens no tempo, *num espaço*. Ao assumir o tempo e as temporalidades como elemento essencial da construção do saber histórico, torna-se fundamental fazer a distinção entre diferentes temporalidades de desigual duração, evolução e características, como marca metodológica e analítica essencial.

Efetivamente, enquanto matriz de análise e interpretação da história, devem distinguir-se, pelo menos, três níveis de temporalidade: um *tempo curto*, da ação concreta e do acontecimento fugaz, de reduzida duração, correspondendo a períodos de anos, meses, dias, ou até horas; um tempo intermédio, que tradicionalmente se designa por *conjunturas*, correspondendo a décadas, grupos de anos, por vezes meios séculos; por fim, o tempo da *longa duração,* das *estruturas* que podem manter-se vários séculos ou mesmo um tempo ainda mais lento de *muito longa duração*. Por vezes, designamos estas realidades como diferentes *civilizações*, ou *complexos culturais*.

Na realidade, essas diferentes temporalidades correspondem a diferentes ritmos de mudanças e permanências de diversos aspetos da realidade social. Faltando a consideração destas dimensões temporais múltiplas e distintas na sua duração, bem como a articulação entre si, é mais difícil compreender as dimensões mais profundas e complexas do passado humano e das suas implicações no presente. Por seu turno, estas perspetivas são particularmente potenciadas e contribuem para uma visão de *história global* ou *história do mundo*, que se afirmam como visões mais recentes da historiografia.

A título de exemplo, apliquemos estes princípios a algumas situações dramáticas muito atuais. É conhecido como, nos últimos anos, o Mediterrâneo tem constituído uma terrível fronteira Norte/Sul, fronteira que alguns diriam *civilizacional* ou *cultural* muito forte, entre "nós"

e “eles”, representando, em larga medida, espaços que se sentem distintos e fechados entre si, podendo parecer que “sempre foi assim”. Mas será importante lembrar que o Mediterrâneo apenas se transformou nessa fronteira civilizacional a partir do século VII e que no período anterior, em particular greco-romano, este mar foi o centro da *civilização*, as suas margens, norte e sul, partilhavam o mesmo espaço cultural, civilizacional e até político, quando o Mediterrâneo unia e não separava. E saber como, porquê e quando — e em que temporalidades e ritmos — essa mudança se verificou assume-se como essencial e urgente. E isso está estudado, em parte, mas pouco divulgado fora do mundo dos especialistas e ausente do debate público e político.

Por outro lado, a ideia de *Europa* como entidade e identidade cultural e civilizacional, que hoje tende a ser percecionada como um facto natural e um dado adquirido, está longe de o ser (não falamos do conceito geográfico, obviamente). De facto, não é e nunca foi uma identidade cultural “óbvia”, tal como o espaço que se pretende associar a essa identidade cultural europeia variou e continua a não estar estabilizado. Com efeito, dentro dessa suposta identidade cultural europeia, existem várias matrizes, com frequência opostas, em particular uma *Europa ocidental* (ou *Cristandade latina*) e uma *Europa de Leste*, de matriz cristã grega/bizantina e eslava, mas também turca e islâmica, historicamente muito distintas e que continuam a sê-lo no presente, não obstante diversas tentativas de as unificar ao longo dos tempos, em geral pela via da conquista militar, que acabaram sempre por falhar. A Europa como matriz identitária única, como afirmação política, conhece novo fulgor recente, que tenta materializar-se desde os finais da União Soviética e da expansão da União Europeia para Leste, nos anos 90 do século XX, mas ainda não se cumpriu. Persistem duas Europas e assim continuará a ser, previsivelmente, durante muito tempo.

Em todo o caso, a criação destes três espaços civilizacionais ou culturais — Europa ocidental latina; Europa de Leste (bizantina grega, eslava e depois turca); mundo islâmico no Sul e Este do Mediterrâneo e Balcãs — verificou-se durante a Idade Média, entre os séculos VI e XV, continuando nos séculos seguintes e mantendo-se ainda hoje sob diversos aspetos. Tal evolução desenvolveu-se naquele período, na sequência do fim da centralidade e identidade cultural mediterrânica dos séculos anteriores, quando não existia sequer a ideia de *Europa* como uma identidade cultural.

Concluindo, estes breves exemplos servem para demonstrar a importância destas análises de longa duração temporal e de amplas espacialidades (*história do mundo*), que permitem aprofundar as discussões e perceções, relacionando-se com as durações médias e curtas. Infelizmente, em geral, elas estão ausentes da maioria dos debates públicos e académicos, ou de relatórios e pareceres técnicos e políticos, que não consideram as suas implicações, influências e significados na ação concreta atual.

## Bibliografia


BRAUDEL, F. (1995). *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*. 2 vols. Publicações D. Quixote.

FRANKOPAN, P. (2018). *As rotas da seda. Uma nova história do Mundo*. Relógio d’Água.

LE GOFF, J. (1995). *A Velha Europa e a Nossa*. Gradiva.

THOMAZ, L.F. (2022). *Ucrânia — As Lições da História e Outros Estudos sobre o Oriente Cristão*. Gradiva.

WICKHAM, C. (2019). *Europa Medieval*. Edições 70.

# 29

## PALANTIR

**FERNANDO BESSA RIBEIRO** Diretor do Departamento de Sociologia,
Instituto de Ciências Sociais

O desafio proposto pelos editores do livro *50 anos, 50 ideias: mais ciências sociais, melhor futuro* não tem solução fácil. O que escolher? Como responder? Vivendo numa nova era de catástrofes, podendo mesmo admitir-se como possibilidade o colapso no horizonte das novas vidas, em vez de uma ideia, escolhi uma palavra: Palantir. Como argumentarei, sendo uma palavra que dá nome a uma empresa de tecnologia, Palantir projeta também uma ideia de futuro. Um futuro distópico, é certo, mas nem por isso menos futuro.

Peter Thiel e Alexander Karp foram dois dos fundadores mais conhecidos da Palantir, em 2003, em Palo Alto, no Vale do Silício californiano. Em 2025, Karp e Nicholas Zamiska publicaram *The Technological Republic: Hard Power, Soft Belief, and the Future of the West* (Karp & Zamiska, 2025). Neste ano de 2026, em abril, retomam os argumentos do livro, com um manifesto de 22 pontos (Palantir, 2026). Podendo ser lido a partir das mais diversas perspetivas políticas, filosóficas e morais, o manifesto da Palantir contém uma ideia-farol sobre como o mundo deve ser. Em contraponto às teses dos que sugerem que a elite desistiu de governar o mundo (*v.g.*, entre outros, Douglas Rushkoff, 2022, e Bruno Latour, 2018), Karp e Zamiska apresentam um programa sobre o que deve ser feito.

Logo no primeiro ponto do manifesto escrevem que "o Vale do Silício tem uma dívida moral para com o país [Estados Unidos] que tornou possível a sua ascensão [, pelo que] a elite da engenharia do Vale do Silício tem a obrigação inequívoca de participar na defesa da nação". Para conter a China, o inimigo implicitamente nomeado no ponto 15, o manifesto da Palantir propõe acabar com o chamado poder brando, substituindo-o pela intensificação da militarização do Ocidente.

No dispositivo argumentativo de Karp e Zamiska, a hegemonia é legitimada pelo que designam por excecionalismo moral dos Estados Unidos (ponto 13) e pela hierarquização das culturas (ponto 21). Como bem compreendeu Yanis Varoufakis (2026), os capitalistas do Vale do Silício californiano, obliterando qualquer expressão de decência moral, propõem um programa político para a preservação da hegemonia ocidental sob o comando do imperialismo norte-americano, legitimado por uma narrativa tingida de valores próprios do fascismo: militarismo, guerra, rejeição do pluralismo e hierarquização das culturas.

Face à crise ecológica, aos impactos da revolução biogenética, aos desequilíbrios do próprio sistema, exacerbados pelos conflitos em torno dos recursos naturais, alimentos e água, e à expansão das exclusões e divisões sociais, definidos por Slavoj Žižek (2010) como os "quatro cavaleiros do Apocalipse" do capitalismo, o manifesto da Palantir responde a estas ameaças elaborando uma ameaça geral para a humanidade.

A defesa do excecionalismo norte-americano só pode ser concretizada através da guerra ancorada na utilização da Inteligência Artificial (IA) e da aplicação do estado de exceção, segundo o sentido dado por Carl Schmitt, o jurista do nazismo, também objeto da atenção de Walter Benjamin e, mais recentemente, de Giorgio Agamben.

A proposta de Karp e de Zamiska exige a imaginação de uma "contra-ideia". A bem dizer, é o antídoto que podemos aplicar à ideia-farol do manifesto da Palantir. Se Karp e Zamiska indicam ao tecnofascismo o caminho para fazer a guerra permanente no intuito de prolongar a hegemonia do Ocidente, a resposta das ciências sociais não pode ser o silêncio ou, pior ainda, a cumplicidade com esta distopia trágica (*v.g.*, participando em programas de ciência orientados para a guerra)[1]. A contraideia deve eleger a proteção do planeta e do humano, colocando a IA sob controlo comum e democrático.

O que pode fazer a sociologia? De pouca utilidade para prever o futuro, atendendo à força do imprevisto, e contendo a projeção alimentada por muitos de nós na sua potência para participar na transformação do mundo, a sociologia pode desempenhar um papel fundamental para nos defendermos, como dizia Pierre Bourdieu no documentário *La Sociologie est un sport de combat*. Perante um manifesto que celebra o tecnofascismo e as suas expressões mais sórdidas, como a guerra e o racismo, os sociólogos e os cientistas sociais deverão preservar a pulsão crítica que contribui para a imaginação de um outro futuro, mais decente e justo. Necessariamente contra a indiferença, hoje uma das forças socialmente mais devastadoras do capitalismo, degradando as condições em que se realiza quer o trabalho sociológico, quer a luta política.

## Bibliografia


KARP, A.C., & Zamiska, N.W. (2025). *The Technological Republic: Hard Power, Soft Belief, and the Future of the West*. Crown Currency.

LATOUR, B. (2018). *Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime*. Polity Press.

PALANTIR (2026, 18 abril). https://x.com/PalantirTech/status/2045574398573453312 (acedido em 12/5/2025).

RUSHKOFF, D. (2022). *Survival of the Richest: Escape Fantasies of the Tech Billionaires*. Scribe.

VAROUFAKIS, Y. (2026, 22 abril). Varoufakis analisa o manifesto distópico da Palantir. *Outras Palavras*. https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/varoufakis-analisa-o-manifesto-distopico-da-palantir/.

ŽIŽEK, S. (2010). *Living in the End Times*. Verso.


1 É o caso do programa Defesa+Ciência da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

# 30

## A EMPATIA COMO ANTÍDOTO

**MADALENA OLIVEIRA** Diretora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade,
Instituto de Ciências Sociais

As ciências sociais constituíram-se no século XIX como um ramo do conhecimento fundado na necessidade de diagnosticar patologias sociais e na crença de que seria possível construir um mundo melhor. Não nasceram, portanto, de uma curiosidade abstrata, mas antes de uma urgência prática, a de tratar as questões sociais criadas pelo capitalismo — o conflito de classes, a exploração do trabalho, as relações de poder, a anomia, a alienação e a sociedade de massas. A noção de que as dinâmicas sociais não seriam redutíveis à soma de indivíduos ou de instintos exclusivamente biológicos estava, portanto, na base epistemológica de um campo de saber que autores como Durkheim, Marx, Simmel e Weber, por exemplo, promoveram para decifrar um mundo que se tinha tornado demasiado complexo e exigia um diagnóstico científico, com métodos específicos.

Numa era de *big data*, algoritmos preditivos, inteligência artificial, fluxos globais de informação, plataformização e hiperconectividade, as ciências sociais refundam-se numa nova urgência prática: a de interpretar as consequências sociais da chamada revolução digital — a polarização social, a exploração de dados, o poder algorítmico, a atomização, a erosão da solidariedade e a sociedade de bolhas. Os fantasmas do século XIX reencarnaram no código do século XXI. Mantém-se uma estrutura de exploração — agora também do tempo e não apenas do trabalho, aquilo que se passou a referir como a economia da atenção. As relações de poder persistem, ainda que mais opacas e automatizadas.

O novo mundo globalizado, cibernético e robotizado não criou um paraíso pós-capitalista; transformou, sim, os problemas de outrora em novos desassossegos. Os fenómenos da pós-verdade, das *deep fakes,* dos *bots* e das narrativas conspiratórias, de realidade baseada em infocracia que confunde comunicação com manipulação de fluxos informacionais (Han, 2022) conjugam-se com manifestações de individualismo, de indiferença e de desafeição. Enquanto cada um se fecha na redoma intocável do que entende ser os seus direitos individuais inegociáveis, a articulação tantas vezes estéril do politicamente correto com a cultura do cancelamento vai corroendo os vínculos do comum, fundamentais à luta por uma sociedade decente.

Nesta perspetiva de ruína (social, política, ambiental), a mais inquietante interpelação que se coloca às ciências sociais é a da necessidade de, ainda assim, continuar, como os fundadores, a projetar um futuro. Com a mesma vocação para compreender (*verstehen*) que Weber apontava à sociologia ou que Pierre Bourdieu defendia como atitude no recurso a técnicas de pesquisa social (2007), as ciências da comunicação, enquanto ramo das ciências sociais, manterão o compromisso de interpretar os efeitos da máquina mediática, as condições de produção discursiva e a construção de sentidos a partir da análise das práticas comunicativas. Aquilo, porém, que as poderá distinguir será menos a resposta ao imperativo de inovação e mais a busca do impacto na projeção da comunicação como vetor de empatia social.

A ideia particularmente utilitarista da comunicação, muito mais mercante do que comunitária, favoreceu, sobretudo nas últimas duas décadas, um paradigma de crescente individuação das práticas comunicativas, mais orientadas para a expressão (contraditoriamente indicada como partilha) do que para a receção (publicar sem ler, falar sem escutar). A comunicação pode, no entanto, ser o lugar de uma ética compreensiva, devendo, para isso, ser, antes de mais, um lugar de escuta. Porém, como bem assinalou o Papa Francisco, "não se comunica se não se escutou", porque, "para fornecer uma informação sólida, equilibrada e completa, é necessário ter escutado prolongadamente" (Francisco, 2022). A escuta exige a virtude do silêncio e implica também uma suspensão do protagonismo. É nessa medida que, enquanto ouvir corresponde sobretudo a uma capacidade física de captar um estímulo, a escuta supõe uma tendência para um significado possível (Nancy, 2002), porque se abre ao outro e à possibilidade do espanto da descoberta.
A comunicação para a empatia é a que reabilita, sem preconceito, a raiz latina de *communicare,* como um 'tornar comum' ou 'estar em comunhão', aquilo que Manuel Chaparro e Susana Andrès designaram como "comunicação radical" (2022). Num tempo que privatizou a experiência com a oferta de *playlists* pessoais, *newsletters* personalizadas, perfis à medida de cada um e customização das próprias notícias, o reforço da empatia enquanto capacidade de sentir e ser com o outro será não apenas um ato de resistência, mas também parte de um processo de promoção de uma nova ecologia da comunicação. Exigindo tempo para nos demorarmos com o outro, a empatia será o contraveneno da pressa e do autocentrismo que desumanizam.

## Bibliografia


BOURDIEU, P. (1993). Comprendre. In *La Misère du monde* (pp. 903-939). Seuil.

CHAPARRO ESCUDERO, M., & Andrés del Campo, S. (2022). *Comunicación radical. Despatriarclaiar, decolonizar y ecologizar la cultura mediática.* Gedisa.

FRANCISCO (2022). *Escutar com o ouvido do coração. Mensagem do Papa Francisco para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais.* Santa Sé.

HAN, B.C. (2022). *Infocracia*. Relógio d'Água.

NANCY, J.L. (2002). *À l'écoute.* Éditions Galilée.

# 31

# **E SE?** PERGUNTAS SOCIOLÓGICAS SOBRE PUNIR E PRENDER

**MANUELA IVONE CUNHA** Diretora do CRIA-UMinho, Instituto de Ciências Sociais
Presidente do Conselho Cultural

Quando se comemora meio século de existência do Instituto de Ciências Sociais, ocorre-me que dentro de poucos anos talvez se assinale como efeméride outra data: um século desde a publicação de um pequeno texto no início dos anos 1930, que redundaria mais tarde nesse marco de imaginação sociológica que é *Punição e Estrutura Social*[1]. Refiro-me à imaginação que vira do avesso um modo de pensar e persiste em perguntar "e se...?" perante a mais férrea aparência de obviedade. Da autoria de dois cientistas sociais alemães exilados da Alemanha nazi, este livro fundaria uma nova tradição de investigação ao perguntar: "E se" a punição não fosse uma reação mecânica ao crime? "E se" o castigo não fosse uma simples consequência do crime? Hoje, pouco importa que não tivesse vingado a explicação que então propuseram para o intrigante desalinhamento entre a evolução dos volumes da população prisional e da criminalidade. Importa, sim, a pergunta em si e o seu legado.

Foi ela que resgatou o questionamento da punição da estreiteza do paradigma crime-castigo e permitiu passar a estudá-la como um fenómeno social por direito próprio. A via que então abriu seria retomada, reformulada, mais tarde, quando se revelou particularmente profícua para decifrar a chamada "viragem punitiva" quase global em finais do século XX, em especial a acentuada subida dos índices de encarceramento apesar de os índices de criminalidade terem estagnado ou mesmo descido. E se o que aumenta é a punitividade, mais do que a criminalidade, o próprio "sentimento de insegurança" que se imagina motivar a punitividade pública tão-pouco surge alinhado com a probabilidade de se ser vítima de um crime[2]. Esse medo é também ele um fenómeno social mais vasto, alimentado por outras ansiedades sociais e por um sentimento de desproteção mais amplo.

Todas estas questões ganham, pois, em ser tecidas, e sobretudo entretecidas, noutro quadro de inteligibilidade, atento a transformações políticas, económicas, sociais e culturais que se afirmaram na viragem do século, incluindo nos modos de ação pública e na relação entre políticas penais, políticas sociais e estruturas de desigualdade. Vários dos aparentes paradoxos evocados acima desvanecem-se e ganham sentido à luz desta combinatória.

---

1 Rusche, G., & Kirchheimer, O. (2003 [1939]). *Punishment and Social Structure*. Transaction Press.

2 O "paradoxo de insegurança" português tem sido, aliás, citado a este propósito e destacado em inquéritos como o *Internacional Victim Crime Survey* por apresentar o mais pronunciado contraste entre elevados níveis de sentimento de insegurança e baixos níveis de criminalidade.

O estudo das instituições — esses lugares-charneira entre a ordem das interações individuais e a das estruturas sociais — oferece-nos uma lente suplementar, mais fina, para acompanhar a evolução daquelas tendências e para compreender a partir do terreno as mutações da governamentalidade contemporânea. A instituição prisional é um desses lugares, e o contexto português uma janela privilegiada para elas — tão fértil é em paradoxos. Entre eles:

— elevados índices de encarceramento desde finais do século XX face a baixos índices de criminalidade (acima e abaixo da média europeia, respetivamente), redobrados com o contraste entre a elevadíssima duração média do tempo de prisão (à cabeça dos 47 países Conselho da Europa, com o triplo da média) e a reduzida proporção da criminalidade grave e violenta[3];
— se tal parece uma ilustração saliente da "viragem punitiva" na modernidade tardia, por outro lado, o país foi pioneiro em políticas em contramão dessa tendência, como a descriminalização do consumo de drogas ilícitas no início do século, tendo o "caso português" sido realçado internacionalmente como um desafio a generalizações apressadas sobre tal viragem e como contraexemplo de populismo penal;
— se persistem no país barreiras institucionais tipicamente protetoras contra o punitivismo embutidas no funcionamento das burocracias do campo jurídico-penal, por outro lado, a desigualdade social e económica e o baixo investimento estatal em funções sociais redundam na fragilidade das barreiras estruturais à expansão penal. Também à luz da identificação internacional comparada destes fatores o caso nacional é atípico;
— o contraste entre, por um lado, a filosofia progressista e, à época, internacionalmente avançada que presidiu ao desenho do parque prisional português em pleno regime ditatorial e, por outro, a forte deterioração da sua habitabilidade em plena democracia, a ponto de suscitar reiteradas censuras por instâncias internacionais para a prevenção da tortura e do tratamento desumano e degradante;
— o desenvolvimento de políticas de "normalização" relativamente avançadas, procurando aproximar o mundo prisional do mundo livre em dimensões essenciais da existência humana, num pano de fundo de crua letalidade carceral, traduzido num dos mais elevados índices de mortalidade e suicídio em ambiente prisional no contexto europeu.

3 Ver relatórios anuais SPACE do Conselho da Europa.

Esta atipicidade histórica e o atrito que induz em modelos conhecidos tornam por si só o caso português desafiante no panorama comparativo internacional. Mas ele é relevante também para trazer à boca de cena questões de comparabilidade no quadro do consabido desequilíbrio na geopolítica global do conhecimento, que nos estudos prisionais ganha contornos especiais e aumenta a exigência de reflexividade. Se as prisões são lugares particulares dentro de lugares particulares, esta dupla particularidade permanece demasiado omissa e inquestionada na circulação de instrumentos, categorias e perspetivas sobre o encarceramento, que mesmo quando se presumem universais não deixam de transportar a marca cultural, histórica e social — particular, portanto — do lugar de onde emanam. Situado entre os chamados "Norte" e "Sul" globais, o contexto português é também produtivo para uma radiografia crítica do modo como diversas ideias viajam, se combinam e são infletidas no caminho, acabando por se tornar outra coisa no lugar de destino.

Uma sociologia histórica do encarceramento não pode por isso deixar de estar ciente dessa dupla particularidade, qualquer que seja o lugar considerado e sejam quais forem as funções nele assacadas às instituições prisionais. Só assim se pode recuperar a capacidade de perguntar "e se?" na perene discussão sobre as razões por que não funcionam.


Azul - Humanizar
Rosa_ Desumanizar
ANULAÇÃO
IGNORAR
MINIMIZAR
ACEITAR
REJEITAR
DESCONTEXTUALIZAR

# 32

## **O QUE PERMANECE** ENTRE GERAÇÕES, A MEMÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO

**LÚCIA AZEVEDO** Secretária do Instituto de Ciências Sociais

Quando penso no futuro das Ciências Sociais, não penso apenas nas mudanças na investigação ou nos desafios que a sociedade coloca ao conhecimento. Dou por mim, cada vez mais, a pensar nas pessoas que dão vida às instituições e na forma como estas se transformam sob pressões nem sempre visíveis no quotidiano.

Ao longo de mais de três décadas no Instituto de Ciências Sociais, fui ocupando um lugar que hoje reconheço como um privilégio. Não o de quem faz investigação ou transmite conhecimento, mas o de quem acompanha de perto o dia a dia de uma comunidade científica.

Cheguei ao ICS como estudante e foi aqui que adquiri uma forma de ler o mundo e de questionar os problemas contemporâneos que ainda hoje me acompanha. Mais tarde, regressei, já noutra posição — a de secretária de escola —, e, nesse tempo, fui observando a passagem de gerações, diferentes modos de trabalhar, formas de estar e maneiras diversas de imaginar a academia.

Recordo um tempo em que a instituição era amplamente vivida como um espaço de pertença e de continuidade, com uma atenção particular à sua memória e às gerações futuras, num contexto em que a dimensão coletiva fazia parte da experiência institucional.

Com o passar dos anos, foram surgindo novos percursos, num contexto académico mais aberto, mas também mais competitivo e exigente, marcado por critérios de avaliação, produtividade e visibilidade. A carreira académica passou a fazer-se com mobilidade, produção contínua e métricas, como a publicação em revistas indexadas, a captação de financiamento competitivo ou a participação em redes internacionais. Neste enquadramento, a dimensão individual foi ganhando maior centralidade, não por oposição ao coletivo, mas como resposta às condições e exigências do sistema científico contemporâneo.

Estas transformações acompanham mudanças mais amplas no Ensino Superior. As Ciências Sociais enfrentam hoje pressões associadas à empregabilidade, alguma desvalorização simbólica e um contexto de financiamento mais restritivo, que contribui para a precarização dos percursos. Ao mesmo tempo, o perfil dos estudantes tornou-se mais diverso e mais orientado para a aplicabilidade dos conhecimentos.

Mais do que refletirem diferenças entre gerações, estas dinâmicas revelam mudanças estruturais na Universidade. Cada geração constrói o seu caminho em função das condições do seu tempo.

Ainda assim, há uma questão que me acompanha: como sustentar um sentido de comunidade num contexto que tende a reforçar trajetórias mais individualizadas?

Ao longo destes anos, vi muitas pessoas chegar, crescer e também partir.

Acompanhei o surgimento de novas ferramentas, a digitalização, novas linguagens e novas exigências. Mas fui percebendo que aquilo que realmente sustenta uma instituição raramente aparece nos relatórios. Está nos vínculos que se constroem, na forma como as pessoas se reconhecem e no modo como diferentes gerações conseguem — ou não — encontrar-se. É também aí que reside uma memória mais subtil, que importa cuidar.

Talvez esse seja um dos desafios mais discretos das Ciências Sociais: preservar as comunidades que produzem conhecimento. Porque não basta conservar publicações ou arquivos. Há uma dimensão relacional que também sustenta as instituições e que exige atenção continuada.

Quando olho para trás, vejo rostos, vozes, momentos. Pessoas que marcaram o ICS de formas distintas. Algumas através do seu trabalho científico e institucional; outras através de contributos mais silenciosos, mas igualmente essenciais. Todas, sem exceção, fazem parte da mesma história.

Tive também a oportunidade de acompanhar diferentes presidências do Instituto, e foi interessante perceber como cada uma foi deixando a sua marca — não apenas nas decisões tomadas, mas na forma de pensar a instituição e de construir comunidade. Ao longo desse percurso, e pela ordem em que tive o privilégio de com eles trabalhar, recordo os/as Professores/as Moisés Martins, Manuel da Silva Costa (infelizmente já falecido), Aníbal Alves, Miguel Bandeira, Helena Sousa, Helena Machado, Paula Remoaldo e, mais recentemente, Ana Paula Marques. Em conjunto, estes períodos refletem também transformações mais amplas na vida do Instituto e da Universidade.

Mas a história de uma instituição não se faz apenas dos nomes mais visíveis. Faz-se também de quem, ao longo de tantos anos, foi garantindo o seu funcionamento, muitas vezes de forma discreta, mas sempre indispensável.

Por isso, entre muitos outros que por aqui passaram e seguiram depois outros caminhos, não posso deixar de recordar a D. Rosa, a D. Alice Botelho, a D. Fátima Nunes, o Sr. Fernando Antunes e a Dra. Alexandra Dias. Em cada um deles permanece uma parte do que o ICS foi e é. Sem eles, o Instituto não teria sido o mesmo.

Talvez o que espero para o futuro seja simples: que as novas gerações consigam construir outras formas de pertença, formas que não neguem a importância dos percursos individuais, mas que, ainda assim, preservem um sentido de comunidade.

Porque, no fim, uma instituição científica faz-se de muito mais do que carreiras. Faz-se de memória, de relações e de um compromisso partilhado que a atravessa no tempo, e é nisso que se reconhece a sua continuidade.



# A palavra aos da Casa, entre a aula e a **descoberta**

# 33

# A GEOGRAFIA E O ENSINO SUPERIOR EM RISCOS E PROTEÇÃO CIVIL

ANTÓNIO BENTO-GONÇALVES · ANTÓNIO VIEIRA · FRANCISCO DA SILVA COSTA
Professores, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais

As últimas décadas têm sido marcadas por uma crescente preocupação em torno das problemáticas relacionadas com as mudanças climáticas e os seus efeitos diretos e indiretos para a sociedade, sendo que alguns desses efeitos têm originado desastres (acidentes graves ou catástrofes).

O Global Risks Report 2025 (WEF, 2025) aponta os eventos climáticos extremos como o segundo principal risco para a sociedade, a nível global.

No nosso país, tal como em muitos outros, a gestão de crises tem assumido uma importância crescente, quer em consequência da ocorrência de eventos extremos, cada vez mais recorrentes e destruidores, quer em consequência de uma muito maior divulgação mediática e de um nível muito superior de exigência, por parte da sociedade. No entanto, alguns dos mais recentes eventos catastróficos vieram provar que o sistema (onde se incluíram igualmente as populações e o território) não está preparado para esta nova realidade em matéria de desastres, sendo necessário criar um novo paradigma, assente não só no saber-fazer, mas também no saber--como e no saber-porquê.

Os nossos territórios sempre estiveram e sempre estarão sujeitos a eventos extremos, potencialmente causadores de vítimas e de elevados prejuízos (ambientais, económicos e sociais). No atual contexto em que as mudanças climáticas acentuam/potenciam esses desastres, estamos obrigados, entre muitas outras medidas, a par do reforço na educação para o risco, na contínua análise, prevenção e gestão do risco (adotando metodologias multirrisco), no ordenamento e na gestão do território e na promoção de políticas proativas e coerentes no âmbito da proteção civil, a uma aposta séria e coerente, de médio e de longo prazo na formação e na educação de nível superior na área dos riscos e da proteção civil. Tal permitirá melhorar os níveis de autoproteção das populações, tornar o território mais resiliente e, na área da proteção civil, ter profissionais e decisores altamente qualificados e preparados para enfrentar a nova realidade em matéria de desastres.

O Quadro de Ação de Hyogo para a Redução do Risco de Desastre 2015-2030 veio salientar a necessidade da adoção de políticas, estratégias e medidas de redução de impactes baseadas no conhecimento integrado dos fatores de risco (UNISDR, 2015; UNDRR, 2019).

A Geografia, podendo ser definida como a "ciência do território, sendo este entendido como uma construção social e o resultado das interações e interdependências entre natureza e sociedade que analisa, explica e representa as diversas paisagens da Terra" (Rio Fernandes, Trigal, Sposito, 2016, p. 208), situa-se, como referia Ribeiro (1966, p. 5), na "fronteira das Ciências naturais e sociais, nutre-se, como outros ramos destes dois sectores do conhecimento, da investigação no

espaço e no tempo. É o estudo de certos fenómenos, próprios de certas áreas e de certas épocas, que lhe permite elevar-se à compreensão geral do globo, da sua natureza e das relações com os grupos humanos que nele habitam e labutam".

Os acidentes graves e as catástrofes, para além da componente social e económica, constituem-se como problemas ambientais e de ordenamento do território, com uma origem socioeconómica importante, em que a geografia da região influencia significativamente a severidade dos fenómenos.

Assim, para a completa compreensão desses fenómenos, é imprescindível uma visão/abordagem interdisciplinar, em que a Geografia, com as suas especificidades, desempenha um papel central na explicação do onde, do quando, do porquê e do como.

Com efeito, a Geografia, situada na interface das ciências naturais e sociais, tendo facilidade em trabalhar a diferentes escalas e sendo especializada em análises espaciais, confere a imprescindível capacidade de sistematização e de interligação das diferentes abordagens.

No entanto, o papel da Geografia vai muito para além do de ciência de síntese, contribuindo decisivamente em variados aspetos da investigação científica dos riscos naturais. Ela é fundamental para o ordenamento do território, pois é, por natureza, interdisciplinar, visto o ambiente envolver o solo, a água, o ar e o Homem. Assim, a Geografia, seja através da Geografia Física (e.g., Biogeografia, Climatologia, Geomorfologia, Hidrologia) ou da Geografia Humana (e.g., Geografia da População), seja ainda de uma forma integrada, tem desde sempre sido aplicada aos estudos ambientais, em geral, e dos riscos, em particular, constituindo-se como uma área científica imprescindível para o ensino superior em Riscos e Proteção Civil.

## Bibliografia


RIBEIRO, O. (1966). Orientação. *Finisterra*, 1(1). https://doi.org/10.18055/Finis2553.

RIO FERNANDES, J.A., López Trigal, L., & Sposito, E.S. (eds.) (2016). *Dicionário de Geografia Aplicada* (pp. 194-195). Porto Editora.

UNDRR (2019). *Global Assessment Report — GAR2019*. Gabinete das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastre. https://gar.undrr.org/report-2019.html.

UNISDR (2015). *Quadro de Ação para a Redução do Risco de Desastre 2015-2030*. Gabinete das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastre. https://www.undrr.org/publication/sendai-framework-disaster-risk-reduction-2015-2030.

WEF (WORLD ECONOMIC FORUM) (2025). *The global risks Report 2025. 20th Edition. Insight Report*. https://reports.weforum.org/docs/WEF_Global_Risks_Report_2025.pdf?

# 34

# E TU, ICS? QUAL É A TUA REVOLUÇÃO? UMA IDEIA-MANIFESTO DE IMAGINAÇÃO E AÇÃO PARA O FUTURO

**ANA DUARTE MELO** Professora, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais

Nos 50 anos do 25 de Abril, o ICS perguntou-se qual seria a sua Revolução. As respostas da comunidade não foram então muito diferentes das vontades que nortearam a Revolução dos Cravos — Paz, Pão, Saúde, Educação, Liberdade, Democracia —, evidenciando que, na essência que fica na linha do tempo, muito está e estará sempre por fazer.

Nos últimos 50 anos, no ICS já demos múltiplas provas e refletimos sobre o nosso propósito e missão (Remoaldo *et al.*, 2024), mas estou convicta de que para pensar o futuro (Appadurai, 2023) a pergunta deve ser permanente: Qual é a tua Revolução?

Faço parte de cerca de metade destes 50 anos do ICS. E se alguma coisa retive e aprendi, por observação direta ou participante, com maior ou menor agência e envolvimento, é que acredito profundamente no que somos capazes de fazer juntos. E, mais, acredito que, juntos, somos muito mais capazes.

Venho assim propor uma reflexão, um exercício, sobre o que precisamos para os próximos 50 anos e que pode resumir-se numa espécie de engenharia de *prompts* — tudo em nome da contemporaneidade e da vanguarda — que congrega três conceitos: Esperança Crítica, Convivialidade e Albedo.

**Esperança crítica**

Porquê esperança crítica? Vivemos num tempo de ansiedade e exaustão, marcado por uma performatividade violenta e desumanizada (Han, 2015) que nos deixa apáticos e acríticos — "comfortably numb" (Pink Floyd, 1979) —, e precisamos de retomar a nossa capacidade de (re)agir (Freire, 2014) como uma forma estrutural de leitura do mundo, levando as ciências sociais a sério (Boulding, 1967). Não falo de uma esperança *naïf* ou mítica (Barthes, 1984), mas de sustentar horizontes de transformação sem negar conflitos e sem romantizar a mudança, convocando a criatividade como capacidade para desenhar alternativas. Falo da esperança que todo o agricultor põe na semente lançada à terra. Falo da esperança como imperativo de sobrevivência (Duncan-Andrade, 2009; Freire, 2014). Precisamos de garantir a nossa capacidade de sonhar e construir utopias, transformando a indignação em projeto, promovendo a nossa capacidade coletiva de ver, escutar, compreender, deliberar e agir. Precisamos de tornar o produtor de conteúdos que há em nós num agente de mudança, precisamos de transformar o cientista em ativista.

**Convivialidade**

Em 2010, o ICS/CECS foi anfitrião da International Association for Media and Communication Research (IAMCR). Annabelle Sreberny (1949-2022), então presidente, invocou no seu discurso de abertura um conceito algo comezinho, mas que se iluminou de sentido naquele contexto em que académicos especialistas em comunicação de todo o mundo se encontravam na nossa casa: convivialidade. Viver em conjunto, respirar o coletivo, estar e ser em grupo, convocados e concentrados numa ideia comum. Convivialidade seria o nosso modo concreto de fazer coabitar diferenças e comunidade, conflito e cooperação, uma ideia e o seu direito ao contraditório. E de tudo isto construir um tempo vivido, um sentido e um propósito.

**Albedo**

Não, não é um conceito das ciências sociais. Defendo a polinização cruzada dos saberes e descobri-o numa incursão fora do caminho epistemológico habitual, fora da zona de conforto, mas dentro da zona de curiosidade com que me sinto confortável. Logo o identifiquei como uma poderosa metáfora para o que acredito que são e devem ser as ciências sociais.

Albedo — deriva de *albus, album* em latim — é o termo científico que mede a quantidade de luz solar refletida por uma superfície. O albedo da Terra é a medida da sua capacidade de refletir a radiação solar de volta ao espaço e é central no estudo das alterações climáticas e na regulação da temperatura do planeta (Stephens *et al*., 2015; Wikipédia).

Para o que nos interessa, albedo seria a medida de energia cívica que as nossas práticas e ambiente institucional refletiriam para a sociedade; o nosso contributo para encontrar consensos, evitar conflitos e construir ideias em cocriação. Uma espécie de albedo social, uma medida do nosso impacto, não em número de publicações ou alíneas num currículo, nem em milhões captados para investigação. Simplesmente a "luz" que refletimos para o mundo, impactando-o positivamente com confiança, participação e imaginação. E, já agora que estamos a sonhar, albedo incluiria também a medida em que isso contribuiria para nos sentirmos mais pessoas e mais felizes.

> Esta espécie de Programa de Imaginação e Ação para o Futuro desempenharia uma função de azimute para os próximos 50 anos. A esperança crítica funcionaria como método de orientação para onde rumar, a convivialidade como mecanismo de coesão e o albedo como indicador interpretativo, como bússola do nosso conseguimento ecossocial.

Talvez não haja nada de muito novo aqui, talvez seja isto que sempre fizemos. Mas voltarmos a tomar consciência do caminho, questionar as nossas opções e as escolhas que nos trouxeram até onde estamos, é o primeiro passo para continuar.

E onde chegaremos só depende de nós, é essa a nossa responsabilidade, o nosso legado coletivo, porque nós "somos aqueles de quem estávamos à espera" (Jordan, 2005, s/p).

Ousemos!

## Bibliografia


APPADURAI, A. (2013). *The future as cultural fact: Essays on the global condition*. Verso.

BARTHES, R. (1984). *Mitologias.* Col. Signos. Edições 70.

BOULDING, K.E. (1967). Dare we take the social sciences seriously?. *American Behavioral Scientist*, 10(10), 12-16.

DUNCAN-ANDRADE, J.M.R. (2009). Note to educators: Hope required when growing roses in concrete. *Harvard Educational Review*, 79(2), 181-194. https://www.canadacollege.edu/ucc/docs/DuncanAndradeHOPE.pdf.

FREIRE, P. (2014). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.

HAN, B.C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada.

DE MELLO, B.F., Justino Moura, C.R., Gracioli, F.R., Pezzato, J.P., Pereira, R.D., & Calandro, T.L. (2025). A sociedade do cansaço e as contribuições de Byung-Chul Han para o campo da Educação: uma leitura contemporânea fundamental. *Revista Educação: Teoria e Prática*, 35(69), 1-8. https://doi.org/10.18675/1981-8106.v35.n.69.s18772.

JORDAN, J. (2005). *Directed by desire: The collected poems of June Jordan*. Copper Canyon Press.

PINK FLOYD (1979). Comfortably Numb. *The Wall.* Harvest/EMI and Columbia/CBS Records.

REMOALDO, P., Esteves, A., Caldeira, M.J., & Melo, A.D. (2024). O papel das Ciências Sociais na promoção de uma sociedade mais inclusiva. In P. Bandeira, S. Gaudêncio & J.C. Rosas (coord.), *Evidência Futura — Universidade do Minho: projetos e planos em devir no âmbito de um desenvolvimento sustentável* (pp. 129-142). UMinho Editora. https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/186/233/3737.

STEPHENS, G.L., O'Brien, D., Webster, P.J., Pilewski, P., Kato, S., & Li, J.L. (2015). The albedo of Earth. *Reviews of Geophysics*, 53(1), 141-163.

WIKIPÉDIA. *Albedo*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Albedo.


Qual é a tua
REVOLUÇÃO ?

# 35

# A GEOGRAFIA E OS INCÊNDIOS FLORESTAIS

**ANTÓNIO BENTO-GONÇALVES** Professor, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais

O nosso país, "mediterrânico por natureza e atlântico por posição" (Ribeiro, 1945), reúne as condições para se poder afirmar que possui um "piroambiente", uma vez que junta as caraterísticas mediterrâneas, que conjugam a época quente com a época seca, à feição atlântica, que lhe permite uma elevada produtividade vegetal (Pyne, 2006).

A evolução do uso do fogo em Portugal terá seguido as mesmas tendências do restante mundo mediterrâneo, onde o fogo sempre fez parte dos ecossistemas, com a destruição da floresta original por fogos frequentes destinados a favorecer o pastoreio, com a utilização dos melhores solos para a cultura de cereais e com o uso do material lenhoso para combustível e para a construção (Rego, 2001).

O uso do fogo por parte das populações é milenar no território que hoje corresponde a Portugal continental, assim como a ocorrência de incêndios, recuando, pelo menos, até 11 300 anos A.P., alguns de grandes proporções e de elevado dramatismo, ceifando a vida de muitas pessoas (Bento-Gonçalves, 2021).

A Geografia pode ser definida como a "ciência do território, sendo este entendido como uma construção social e o resultado das interações e interdependências entre natureza e sociedade que analisa, explica e representa as diversas paisagens da Terra" (Rio Fernandes, Trigal, Sposito, 2016, p. 208) e situa-se, como referia Ribeiro (1966, p. 5), na "fronteira das Ciências naturais e sociais, nutre-se, como outros ramos destes dois sectores do conhecimento, da investigação no espaço e no tempo. É o estudo de certos fenómenos, próprios de certas áreas e de certas épocas, que lhe permite elevar-se à compreensão geral do globo, da sua natureza e das relações com os grupos humanos que nele habitam e labutam".

Ora, os incêndios florestais embora sejam "próprios de certas áreas e de certas épocas", são um fenómeno global que ocorre em regiões tropicais, temperadas e boreais, podendo verificar-se durante todo o ano e em locais pouco favoráveis à sua ocorrência (Rebelo, 1996; Tereso *et al.*, 2011; Pausas, 2012); exigindo uma "investigação no espaço e no tempo" que permita a compreensão da "sua natureza e das relações com os grupos humanos" e que extravasa as fronteiras quer das "ciências naturais", quer das "sociais".

Trata-se, pois, de um problema ambiental e de ordenamento do território, com uma origem socioeconómica importante, em que a Geografia da região exerce uma influência significativa sobre o comportamento dos incêndios florestais, pois a topografia, a vegetação, o clima e as dinâmicas socioeconómicas criam ambientes únicos, eventualmente propensos a incêndios.

Assim, para a completa compreensão deste fenómeno, é imprescindível uma visão/abordagem interdisciplinar, em que a Geografia, situada na interface das ciências naturais e sociais, com facilidade em trabalhar a diferentes escalas e especializada em análises espaciais, confere ao estudo

dos incêndios florestais a imprescindível capacidade de sistematização e de interligação das diferentes abordagens.

No entanto, o papel da Geografia vai muito para além do de ciência de síntese, pois, com as suas especificidades, ocupa um lugar central na explicação do onde, do quando, do porquê e do como (Lourenço, 2004), contribuindo decisivamente em variados aspetos da investigação científica dos incêndios florestais.

## Bibliografia


BENTO-GONÇALVES, A. (2021). *Os incêndios florestais em Portugal* (Vol. 108). Fundação Francisco Manuel dos Santos.

LOURENÇO, L. (2004). Meio geográfico e fogos florestais: Relações de causa-efeito. In L. Lourenço (ed.), *Manifestações do risco dendrocaustológico* (Col. Estudos, 50; Colectâneas Cindínicas IV, pp. 1-174). NICIF, FLUC.

PAUSAS, J.G. (2012). *Incendios forestales*. Catarata/SIC.

PYNE, S.J. (2006). Fogo no jardim: Compreensão do contexto dos incêndios em Portugal. In J.S. Pereira, J.M.C. Pereira, F. Rego, J.M.N. Silva & T.P. Silva (eds.), *Incêndios florestais em Portugal: Caracterização, impactes e prevenção* (pp. 115-131). ISA Press.

REBELO, F. (1996). Florestas e grandes incêndios florestais no mundo. *Territorium,* 3, 5-10. https://doi.org/10.14195/1647-7723_3_1.

REGO, F.C. (2001). *Florestas públicas*. Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais/Direcção-Geral das Florestas/ /Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

RIBEIRO, O. (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra Editora.

RIBEIRO, O. (1966). Orientação. *Finisterra,* 1(1). https://doi.org/10.18055/Finis2553.

RIO FERNANDES, J.A., López Trigal, L., & Sposito, E.S. (eds.) (2016). *Dicionário de Geografia Aplicada* (pp. 194-195). Porto Editora.

TERESO, J.P., Honrado, J.P., Pinto, A.T., & Rego, F.C. (eds.). (2011). *Florestas do Norte de Portugal: História, ecologia e desafios de gestão*. InBio — Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva.

# 36

# A GEOGRAFIA E O GEOPATRIMÓNIO

**ANTÓNIO VIEIRA** Professor, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais

O desenvolvimento de uma consciencialização por parte da sociedade para as questões ambientais é relativamente recente (Vieira, 2008), bem como a disseminação do conceito de geodiversidade. Este conceito surgiu para definir o conjunto de elementos abióticos e como contraponto à biodiversidade, tendo evoluído e ganhado cada vez maior abrangência e consistência (Gray, 2004). Do conjunto de elementos que constituem a geodiversidade, aqueles que apresentam caraterísticas de excecionalidade devem ser objeto de conservação e promovidos no contexto da educação e das práticas turísticas sustentáveis, considerando-se como elementos do geopatrimónio (Rodrigues, 2009), integrando elementos de natureza geológica, geomorfológica, hidrológica e pedológica.

Ainda que muitas vezes conotado com a Geologia e demais Ciências da Terra, o geopatrimónio constitui-se como uma temática multidisciplinar e pluridisciplinar/ /transdisciplinar, envolvendo necessariamente investigadores de diversas formações e áreas disciplinares, de que destacamos a Geografia, ciência intimamente ligada às questões ambientais e de conservação da natureza. Como referem Kubaliková *et al*. (2023), o estudo da geodiversidade e do geopatrimónio estende-se para além do campo das Ciências da Terra, recebendo importantes contributos das humanidades e ciências sociais e envolvendo, por exemplo, o ordenamento do território e gestão do risco, a geoarqueologia, a economia, o turismo ou a cultura.

O desenvolvimento e disseminação das estratégias de geoconservação associadas à constituição de geoparques e a constituição da Global Geopark Network, sob os auspícios da UNESCO, vieram tornar ainda mais premente a necessidade de envolver diferentes especialistas, em consequência de se considerar que diversos aspetos de âmbito cultural, ambiental ou ecológico adicionam um valor acrescido ao geopatrimónio e são fundamentais para a própria compreensão do seu valor intrínseco.

A Geografia, quer através da sua área científica mais relacionada com o conhecimento e interpretação das formas de relevo e processos que estão na sua génese, a Geomorfologia, quer pela sua capacidade de integração de fatores culturais/sociais e naturais, procede à análise da interação entre fatores físicos e antrópicos, fornecendo uma perspetiva holística e fundamental na conservação e promoção do geopatrimónio.

Desde cedo a Geomorfologia se revelou de elevada importância na valorização do geopatrimónio e na promoção geoturística (Newsome e Dowling, 2006), pela espetacularidade e unicidade que as formas do relevo imprimem nas paisagens terrestres, revelando a elevada atratividade que os geomorfossítios costumam apresentar.

A própria paisagem, objeto primeiro de estudo da Geografia, é muitas vezes elencado como atração principal no contexto do geopatrimónio, sendo frequentemente seu objeto de análise (Reynard e Giusti, 2018).

No âmbito das questões ambientais e de sustentabilidade, temas caros à Geografia e nos quais se tem revelado como uma ciência indispensável, também é relevante o papel da geodiversidade e do geopatrimónio e a sua aplicação no contexto da geoeducação e educação ambiental — promovendo o conhecimento sobre a evolução do nosso planeta e o impacte das mudanças climáticas ao longo de toda a história da Terra, bem como o desenvolvimento e a aplicação de estratégias de geoconservação e disseminação de princípios de desenvolvimento sustentável, nomeadamente através do seu enquadramento no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Assim, o papel da Geografia e da sua área específica da Geomorfologia é bastante relevante na valorização da geodiversidade, promovendo o conhecimento sobre a evolução da Terra e contribuindo para a geoconservação do seu geopatrimónio. Mas também é fundamental na disseminação de práticas e princípios de sustentabilidade, apoiados nos valores geopatrimoniais existentes nos diversos territórios, especialmente os integrados em Geoparques.

## Bibliografia


GRAY, M. (2004). *Geodiversity. Valuing and conserving abiotic nature*. Wiley.

KUBALÍKOVÁ, L., Coratza, P., Pál, M., Zwoliński, Z., Irapta, P.N., & van Wyk de Vries, B. (2023). Visages of geodiversity and geoheritage: a multidisciplinary approach to valuing, conserving and managing abiotic nature. *Geological Society*, Special Publications, 530, 1-12. https://doi.org/10.1144/SP530-2022-321.

NEWSOME, D., & Dowling, R. (2006). The scope and nature of geotourism. In R. Dowling & D. Newsome (eds.), *Geotourism* (pp. 3-25). Elsevier.

REYNARD, E., & Giusti, C. (2018). The landscape and the cultural value of geoheritage. In E. Reynard & J. Brilha (eds.), *Geoheritage: Assessment, Protection, and Management* (pp. 147-166). Elsevier. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809531-7.00008-3.

RODRIGUES, M.L. (2009). *Geodiversidade, património geomorfológico e geoturismo*. CEG.

VIEIRA, A. (2008). *Serra de Montemuro: dinâmicas geomorfológicas, evolução da paisagem e património natural*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

# 37

## **O FUTURO JÁ COMEÇOU** SOCIOLOGIA, UNIVERSIDADE E AÇÃO PÚBLICA

**EMÍLIA ARAÚJO** Professora, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

Sabemos que, por vezes, o essencial está nos cantos, nas esquinas e nas margens. Quero falar dos cinquenta anos passados e futuros do ICS a partir de uma história que nos obriga a pensar a dificuldade de lidar com a mudança, sobretudo quando ela é inevitavelmente persistente.

Numa aula de oficina de leitura e escrita, em 2024/2025, pedi aos estudantes que fotografassem e descrevessem o lugar da Universidade onde se sentiam melhor. Esperava que referissem a biblioteca, o jardim do CPI, as salas, alguns corredores ou recantos de estudo e encontro. Surpreendeu-me a resposta quase uníssona: o descampado, ou nenhum. No fim da aula, atravessei a rua, para lá do muro e dos portões da Universidade, junto ao CP2. Paralelo às instalações dos seguranças da UM-Gualtar, ficava o descampado: um espaço sem nome nem marca formal de pertença, onde muitos estudantes passam o tempo e onde, entre práticas de convívio e inversão, acontece a praxe que se quer invisível. Percebi então que aquele descampado revelava uma tensão essencial: a distância entre a Universidade planeada e a Universidade vivida. Era, e é, um fora que fala do dentro. Um espaço residual que devolve à instituição perguntas centrais: onde se produz, afinal, a pertença? Que condições criamos para que, no futuro, possamos acampar?

Fico por aqui nesta história. É a partir dela que penso os cinquenta anos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, onde passei mais de trinta e cinco anos. Uma das tarefas futuras das Ciências Sociais é tornar visível aquilo que a instituição não vê de si própria; escutar o que os seus indicadores não registam; transformar a experiência vivida em conhecimento público e acampar o descampado. Todas as decisões tomadas no presente contêm o futuro.

Retomar Bell e Mau (1971) ou Luhmann (1976) nos cinquenta anos do ICS é, por isso, mais do que regressar ao passado da teoria social: é pensar uma prática diária de universidade. Proponho, neste sentido, uma Sociologia do Tempo e do Futuro: o futuro enquanto facto social presente, feito de expectativas, promessas, medos, cenários, tecnologias, políticas, escolhas e decisões que já hoje organizam a vida coletiva. O futuro é poder. Importa saber quem o imagina, quem o financia, quem o administra, quem participa nele e quem dele fica excluído.

A Sociologia da Universidade do Minho tem já uma história de ação pública. Desde a criação da licenciatura, no final dos anos 1980, formou centenas de profissionais que trabalharam em autarquias, escolas, empresas, IPSS, associações, serviços públicos, projetos culturais, nas áreas de comunicação, recursos humanos, ação social, igualdade, juventude e envelhecimento. Talvez não tenham produzido patentes ou objetos tangíveis, mas trabalharam sobre algo fundamental: num tipo de *software* social. Mudaram práticas, procedimentos, formas de atendimento, diagnósticos, culturas organizacionais e processos de decisão. A região não é a mesma, também por causa dos graduados em Sociologia que nela atuaram.

Os problemas tornaram-se mais complexos e perversos (*wicked,* no sentido de Rittel e Webber, 1973). Inteligência Artificial, digitalização, transição climática, precariedade, habitação, saúde mental, envelhecimento, mobilidade, solidão, burocracia, guerra e fragilidade democrática exigem uma Sociologia mais pública, profissionalizante e antecipatória, capaz de compreender a velocidade como condição de vida. No que aqui nos interessa — desvelar o descampado —, a Sociologia é necessária para que a Universidade se estude a si mesma e compreenda os seus próprios descampados. Se o futuro já começou, começou também nos seus processos internos. A Inteligência Artificial poderia ajudar a acampar a universidade, desde que de forma participada, a repensar tempos e espaços de estudo, exigências académicas, horários, calendários, *timesheets*, distribuição de serviço docente, plataformas digitais, procedimentos administrativos, descanso, pertença e subtilezas de inclusão e exclusão.

Em termos práticos, deixo algumas ideias pessoais, mas ponderadas ao longo destes trinta e cinco anos, com a memória viva dos quinze que os antecederam: o ICS poderia criar um programa Universidade em Análise. Esse programa estudaria a experiência estudantil, a praxe, a saúde mental, a habitação, a mobilidade, os usos dos espaços, a burocracia, os calendários académicos, o tempo de trabalho docente, os processos administrativos, a comunicação institucional e a relação entre Universidade, cidade e território. Produziria diagnósticos, barómetros, recomendações e propostas de melhoria, descobrindo outros descampados que podem fazer a diferença nos próximos cinquenta anos. A esta linha poderia juntar-se um Centro de Futuros Sociais, em articulação com municípios, escolas, empresas, IPSS, hospitais, museus, associações e outras comunidades.

A Sociologia do Futuro afirmar-se-ia, assim, como ciência aplicada sem deixar de ser crítica: avaliando programas, escutando populações, facilitando a participação e estudando exclusões. Esta agenda exigiria também formação: percursos na licenciatura e no mestrado em Sociologia Pública e/ou Mediação Sociotécnica, ou outras formações orientadas para a intervenção numa sociedade e numa economia em mudança, desafiando limites dos campos disciplinares e apelando à convergência entre áreas científicas.

Nos seus cinquenta anos, o ICS afirma-se como uma casa onde a Universidade se pensa, o território se escuta e o futuro se torna objeto de ciência, profissão e democracia. Talvez o descampado não seja apenas um descampado. Talvez seja a imagem de um futuro que já começou: uma Universidade que precisa de se conhecer para se transformar continuamente.

## Bibliografia


BELL, W., & Mau, J.A. (eds.). (1971). *The Sociology of the Future: Theory, Cases, and Annotated Bibliography*. Russell Sage Foundation.

LUHMANN, N. (1976). The future cannot begin: Temporal structures in modern society. *Social Research,* 43(1), 130-152.

RITTEL, H.W.J., & Webber, M.M. (1973). Dilemmas in a general theory of planning. *Policy Sciences,* 4(2), 155-169.

# 38

# **TER CORAGEM CIENTÍFICA** REFLEXÕES SOBRE A SOCIOLOGIA E OS ESTUDOS DA SEXUALIDADE

**IOLANDA FONTAÍNHAS** Professora, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

Ser jovem mulher. *Senhora de mim*. Nascer com a possibilidade de questionar aquilo que é apresentado como natural, inevitável ou desejável. Instigar a heterodoxia que agita todos os *brandos costumes*. Ter a sorte de encontrar espaços onde a curiosidade não é silenciada, mas cultivada. É precisamente neste terreno que reside uma das maiores forças das Ciências Sociais: a vontade questionadora. A capacidade de desconfiar da "familiaridade com o social" e de desafiar os guiões sociais e culturais que moldam a forma como pensamos, sentimos e vivemos.

Ser socializada no campo disciplinar da Sociologia e herdar dele diferentes formas de olhar o mundo. Aprender a ir atrás (e detrás) das dinâmicas sociais dos fenómenos e, em bom rigor, a transformar o "problema social" num "problema sociológico". Herdar também a vontade de deslocar o olhar para aquilo que permanece nas margens, para as experiências, as vozes e as realidades que durante muito tempo foram afastadas, ocultadas ou marginalizadas. A Sociologia ensina a encontrar sentidos na estranheza. Não numa estranheza oca, mas naquela que nos obriga a pensar aquilo que julgávamos conhecer e a ver para *além das fachadas*; aquela que abre espaço ao inesperado e que permite compreender que uma sociedade tanto se revela através daquilo que mostra como através daquilo que procura esconder.

Celebrar os 50 anos do Instituto de Ciências Sociais é reconhecer essa herança. É juntar as peças entre tempos, gerações e discursos. É reconhecer o trabalho de quem preparou terreno para que hoje possamos continuar a fazer novas perguntas. É reconhecer um diálogo contínuo entre gerações de investigadores, em que as perguntas mudam, mas a curiosidade crítica permanece. Quase como se não houvesse gerações, nem tempo: somos todos novos, somos todos velhos. Haverá sempre alguém com quem partilhar as inquietações. É também perceber que aquilo que hoje investigamos foi, muitas vezes, objeto de silenciamento ou censura. É, por isso, também a coragem de trazer à luz do dia aquilo que permanecia na sombra.

É impossível não se pensar nisso quando, naquela que é a arquitetura sociológica contemporânea, se adentra pelo estudo da intimidade e da sexualidade. Apesar de atravessarem profundamente a vida social, estes domínios foram relegados para as margens da produção de conhecimento na Sociologia. Como lembra Irvine (2003), os estudos sobre a sexualidade carregavam — e ainda carregam — um estigma que contamina não só o tema, mas também quem ousa estudá-lo. A coragem científica reside também nesta capacidade de olhar para aquilo que foi considerado impróprio, incómodo ou irrelevante.

Poderíamos ainda questionar se, nos nossos dias, faz sentido continuar a querer falar destes temas? Acreditamos que sim, porque, apesar da existência de uma

"fermentação discursiva" da sexualidade, como antecipava Foucault (2003), muitas destas discussões são atravessadas por simplificações, preconceitos e discursos intolerantes perante a diferença, nos quais as formas plurais de viver a intimidade ainda não são totalmente reconhecidas social e culturalmente (Santos & Santos, 2023).

Num mundo cada vez mais polarizado, onde a capacidade de compreender o lugar do outro — diferente de nós — tem enfraquecido, afigura-se especialmente necessário produzir conhecimento científico, crítico e atualizado. Um conhecimento que contribua para a compreensão da diversidade das experiências humanas e que combata formas de ignorância socialmente produzidas que limitam aquilo que conhecemos sobre nós e sobre os outros. Fazê-lo exige rigor científico, responsabilidade e sentido de compromisso. Exige também coragem. Uma coragem, cremos, que não se deverá esgotar na Academia, mas procurar colocar o conhecimento em diálogo, diríamos até, comprometido com a sociedade. Uma verdadeira Sociologia pública e dialógica, na conceção de Burawoy (2004).

Como escreveu Maria Teresa Horta (2015 [1971]), ser *Minha Senhora de Mim* é poder reclamar uma possibilidade de existência. É poder ser quem se sente ser. Talvez o maior contributo das Ciências Sociais e, particularmente, da Sociologia seja precisamente criar espaço e conhecimento que permitam a mais pessoas tornarem-se capazes de se pensar e pensar coletivamente. De se compreender e compreender coletivamente. Que tenhamos sempre esta coragem para pensar e compreender.

## Bibliografia


BURAWOY, M. (2004). Public Sociologies: Contradictions, dilemmas, and possibilities. *Social Forces*, 82(4), 1603-1618.

FOUCAULT, M. (2003). *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (15.ª ed.). Graal.

HORTA, M.T. (2015 [1971]). *Minha Senhora de Mim*. Dom Quixote.

IRVINE, J.M. (2003). "The Sociologist as Voyeur": Social theory and sexuality research, 1910-1978. *Qualitative Sociology*, 26(4).

SANTOS, A.C., & Santos, A.L. (2023). Intimate Lovers, Legal Strangers — The politics of dissident relationality in Portugal. *Social Sciences*, 12(3). https://doi.org/10.3390/socsci12030144.

# 39

## UM SÍTIO NOSSO

**JOAQUIM FIDALGO** Professor, Departamento de Ciências da Comunicação,
Instituto de Ciências Sociais

O poeta Manuel António Pina (que também era jornalista, e com quem tive o prazer de trabalhar na redação do *Jornal de Notícias*, no Porto) escreveu um verso a que volto com frequência, em diferentes contextos: "Só quero um sítio onde pousar a cabeça." Lembro-me dele, por exemplo, quando evoco a minha vinda para o Instituto de Ciências Sociais — Departamento de Ciências da Comunicação, nos idos de 2001. Deixando para trás uma vida profissional (e emocional...) muito intensa, em que sobressaiu a criação do jornal *PÚBLICO*, não vinha propriamente à procura de um lugar de repouso, mas precisava de um sítio onde aconchegar o coração, algo órfão naqueles tempos sempre difíceis de transição entre vidas, entre mundos. E foi no ICS que encontrei um sítio assim. Eram meio sombrios os corredores no velho edifício que acolhia o ICS, eram acanhados os gabinetes, tudo meio cinzento e desconfortável. Mas por ali, por aqueles corredores, por aqueles gabinetes, o que verdadeiramente sobressaía eram as pessoas. Docentes, funcionárias/os, pessoas de carne e osso que partilhavam muito mais do que as aulas, a investigação, as tarefas administrativas. Pessoas que se fechavam no gabinete quando o trabalho a isso obrigava, mas que antes e depois não viviam nada fechadas em si próprias, longe disso...

Pessoas que conviviam, que partilhavam, que almoçavam ou lanchavam juntas, que multiplicavam debates acalorados sobre a vida do país ou os meandros da universidade, que se empenhavam em projetos coletivos com um gosto que dava gosto ver... e fazer! Tudo coisas que, lá está, também nos aqueciam o coração. E era com um mal disfarçado orgulho que, participando juntos em congressos internacionais aqui e além, ouvíamos colegas de outras universidades apontar para nós, meio invejosos do ambiente bonito que criávamos: "Lá vem o Braga Media Group... Sempre uns com os outros, sempre em equipa!" E foi assim que, caldeando o trabalho intenso nas aulas e na investigação com uma vivência quotidiana feita de calor e cumplicidade, encontrei rapidamente "o sítio onde pousar o coração" — e suavemente, felizmente, mudei de vida.

As instituições são as paredes, são o ar, são as histórias, são as memórias, são os sonhos, são o tempo. E são as pessoas, claro. Sempre as pessoas. Os anos que aqui evoco não são os mesmos de hoje. Muita água passou por baixo das pontes, tanta coisa mudou por aqui, e pelo mundo, e até por dentro da gente. Volta e meia ouve-se um ou outro desabafo: "Isto agora não é como era dantes..." Pois não, não é. E cada um de nós fará a sua contabilidade do que se ganhou e do que se perdeu neste curso inexorável do tempo, aquele de que fala outro poeta: "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades [...]/ Todo o mundo é composto de mudança." Mas é sem tristeza que evoco esse tempo, sem nostalgia.

É, pelo contrário, com alegria, com prazer, com gratidão. Foi um tempo que todos nós, no ICS, fomos fazendo, à nossa medida, e que nos conduziu até aqui, até aos dias de hoje, em que a pujança de projetos e ideias continua a ser marca distintiva. As pessoas estarão, porventura, mais longe umas das outras, a vida comum na universidade é hoje, porventura, mais difícil de se fazer no quotidiano, mas o pulsar mais fundo daquilo que fomos construindo — aquilo que nos move — pode e deve manter-nos confiantes no futuro. Ou desde já, no presente. Sim, no presente. Porque o ICS sempre foi uma casa de trabalho e de ciência, mas sempre foi também uma casa de afetos. E hoje continuo a senti-la assim, à nossa casa.



# 40

# A SOCIOLOGIA EM PORTUGAL, DA CERTEZA DA CONSOLIDAÇÃO À DÚVIDA DA CRISE

**JOEL FELIZES** Professor, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

Como ponto de partida para este brevíssimo ensaio, selecionei alguns dos termos significativos que se encontram no tema geral de diversas edições do Congresso Português de Sociologia. Ele acontece desde 1988 e terá, em 2027, o seu 14.º encontro. Esta escolha, que parte de uma ligação de longa data, partilhada por muitos dos sociólogos portugueses e não só, a este evento, deve-se à relativa coincidência entre o horizonte temporal de consolidação da Sociologia portuguesa e o da expansão e afirmação do Instituto de Ciências Sociais como um dos pilares da academia minhota. Claro, essa afirmação também se deve ao crescimento das outras áreas científicas nucleares do ICS e, de uma forma mais abrangente, acompanha o cenário geral de desenvolvimento do sistema científico português.

Voltando aos temas gerais dos congressos, podemos dizer que tivemos uma primeira vaga de congressos cujo mote era de teor mais descritivo: a "viragem do século", em 1988; as "estruturas sociais" e o "desenvolvimento", em 1992; as "práticas e processos de mudança social", em 1996; os "passados recentes" e os "futuros próximos", em 2000; as "sociedades contemporâneas" e a "reflexividade", em 2004; e ainda, em 2008, os "mundos sociais, saberes e práticas".

Não por acaso, o tema geral do congresso de 2012, e o de outros congressos posteriores, muda para um registo com pendor mais crítico: entram em cena a "crise", em 2012; as "contradições", em 2014; a "pós-verdade", em 2018; as "identidades ao rubro" e os "populismos", em 2021; as "sociedades polarizadas", em 2023; e, enfim, em 2025, os "riscos e incertezas" que põem as "democracias à prova" (mais detalhes em: https://aps.pt/congresso-portugues-sociologia/).

Por um lado, a continuidade desta iniciativa testemunha a robustez da Sociologia portuguesa, que continua a ser uma das Ciências Sociais mais reconhecidas no país. Mas, em contrapartida, como parecem pressagiar algumas das palavras-chave dos congressos pós-2008, esta história de relativo sucesso não tem o seu futuro garantido, sobretudo quando vemos algumas das transformações e pressões que o regime democrático está a sofrer.

Estes tempos de incerteza são, evidentemente, vividos de forma muito diferente consoante a idade e o contexto socioeconómico de cada um. Mas, pensando em particular nos que viveram a sua juventude no tempo em que, tal como sugere o tema do primeiro congresso (1988), estava em questão o desenvolvimento de Portugal, havia uma certa convicção de que as coisas iam melhorar. As crises, as dificuldades da vida, que certamente estavam bem presentes em quase todos, pareciam, no entanto, conter em si a sua superação, como se a revitalização da economia e da sociedade dependesse de um processo de destruição criativa.

Este era, de resto, um conceito que J. Schumpeter (2018) tornou famoso em meados do século XX, tendo na sua génese uma crítica ao materialismo dialético marxista e tendo sido inspirado pela obra de F. Nietzsche (2022). Por outro lado, se nos pusermos na pele de alguém mais novo, a memória das últimas duas décadas transporta-nos para um território desconfortavelmente familiar, o do proverbial pessimismo dos portugueses. Essa memória, traduzida no já referido tema-chave do Congresso de 2012, leva-nos à crise de 2007-2008 e à vinda da "Troika" a Portugal em 2011. Não era por acaso que um dos cronistas mais reconhecidos em Portugal, Vasco Pulido Valente (1941-2020), juntava à erudição dos seus textos um tom quase sempre negativo e azedo (Valente, 2016). Mais recentemente, acontecimentos como a ascensão de movimentos extremistas e populistas um pouco por todo o lado, a par da pandemia de 2020-2022, da invasão da Ucrânia em 2022 e, desde 2023, da escalada dos conflitos no Médio Oriente, reforçam o sentimento de que, afinal, talvez não possamos superar as nossas maiores dificuldades.

Falamos, pois, de uma inquietação que todos sentimos: e se estivermos a assistir a um efetivo declínio da democracia, embora ele possa ocorrer de forma mais ou menos sub-reptícia (Levitsky & Ziblatt, 2018)? Este é, como se pode facilmente demonstrar, um problema que, quanto mais se agravar, mais pode atingir o âmago das Ciências Sociais, pois elas são sempre irremediavelmente tributárias da discussão livre e aberta.

Karl Marx, partindo de uma observação de Hegel sobre a repetição de grandes acontecimentos, acrescentou a ela a célebre conclusão: a história repete-se, da primeira vez como uma tragédia e da segunda vez como uma farsa (Marx, 2024). Talvez, então, seja possível concluir que estes tempos conturbados que vivemos sejam, no fim de contas, apenas uma farsa, um filme mau que tarda em terminar.

## Bibliografia


LEVITSKY, S., & Ziblatt, D. (2018). *Como Morrem as Democracias*. Vogais.

MARX, K. (2024 [1852]). *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. BCF.

NIETZSCHE, F. (2022 [1883-1885]). *Assim Falou Zaratustra*. Edições 70.

SCHUMPETER, J. (2018 [1942]). *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Actual Editora.

VALENTE, V. P. (2016). *De Mal a Pior*. Dom Quixote.

# 41

# REFORÇAR AS DEMOCRACIAS A PARTIR DA ACADEMIA E DOS DIREITOS CULTURAIS!

**MANUEL GAMA** Investigador, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais

Paralelamente às múltiplas efemérides e comemorações que se observam em diferentes latitudes, 2026 deve ser um ano para refletirmos sobre o nosso papel num mundo cada vez mais desorientado...

A fragilidade de algumas democracias que considerávamos consolidadas, a ausência transversal de lideranças fortes, a disseminação de movimentos radicais associados à desinformação, os constantes e impensáveis ataques aos direitos humanos, a incapacidade de respondermos multidimensionalmente às alterações climáticas, a velocidade descontrolada da evolução tecnológica desregulada, a iliteracia digital generalizada, o incremento das desigualdades sociais, o desrespeito pelas diversidades culturais...

A convocação de contributos poderia continuar, mas o quadro apresentado já é suficientemente expressivo para ilustrar o estado em que vivemos em 2026.

É evidente que a cultura — mesmo que articulando as dimensões ontológica, estética e ética (Ferin, 2002) — não será suficiente para responder aos desafios que temos pela frente, mas parece-nos inegável que uma valorização consistente da dimensão cultural da globalização (Appadurai, 2005) será fundamental para uma abordagem que se quer mais coerente, consistente e consequente, reforçando o poder que a cultura ainda pode ter na contemporaneidade (Ribeiro, 2026).

De entre os múltiplos aspetos necessários para o reforço do poder da cultura, importa sublinhar a urgência de se apostar de forma consistente na institucionalidade multinível de políticas culturais, investindo na promoção da cidadania cultural e dos direitos culturais, integrando, em particular, o direito ao acesso e oportunidade de experimentar a vida cultural, o direito à participação ativa em práticas culturais e o direito à criação artística e cultural. Lamentavelmente, em 2026, 60 anos depois de adotado o *Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais*, continua a ser necessário relembrar que os direitos culturais se encontram implícita e explicitamente inscritos na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, sendo, também por isso, condição fundamental para o estabelecimento de democracias mais robustas e saudáveis.

Volvidos 50 anos da aprovação da *Constituição da República Portuguesa*, cujo Capítulo III é inteiramente dedicado aos Direitos e Deveres Culturais, e da realização das primeiras eleições para as autarquias locais no pós-25 de Abril, Portugal continua, tal como em outros contextos, com enormes avanços e recuos na implementação de políticas culturais e na sua institucionalidade multinível, o que pode ser observado, por exemplo, no lugar que a cultura tem ocupado na orgânica dos diferentes Governos, nas opções de financiamentos públicos efetuados à escala local e na articulação de políticas transetoriais.

Apesar do inquestionável papel do poder local e da ação cultural para o desenvolvimento dos territórios, a verdade é que ainda há um longo caminho a percorrer para que se possa considerar que temos uma rede articulada de políticas culturais, sendo necessário mobilizar novas

metodologias de ação, nomeadamente no que se refere ao empoderamento dos ecossistemas culturais locais (Silva, Babo & Guerra, 2026). Ultrapassado que está o paradigma da democratização da cultura, importa refletir e experimentar outras formas de participação e de valorização do cultural, que privilegiem a experiência do sensível, ou seja, que apostem na transição da democracia cultural para a democracia estética (Rancière, 2026).

O repto que aqui se apresenta deve ser entendido como um apelo para o reforço de ações concertadas que integrem a reflexão cultural num momento em que, também na Universidade do Minho, há várias efemérides e comemorações. Em 2026 assinalam-se os 50 anos do Instituto de Ciências Sociais, um espaço de conhecimento e de cooperação que pretende intervir no presente, fazendo obra de cultura. Mas em 2026 também se assinalam os 25 anos do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, um centro de investigação de excelência, que no seu Plano Estratégico até 2029 privilegia a *slow science*, designadamente no que concerne à integração de uma abordagem de *slow mediation* e *slow communication*, orientada para práticas de mediação, contemplação e reflexão crítica, para a construção de narrativas lentas e aprofundadas, contribuindo para a promoção de uma diversidade cultural consciente, inclusiva e sustentada.

Assim, numa altura em que somos constantemente desafiados pelas ondas de choque da velocidade acelerada das transformações sociais, importa refletir sobre a nossa capacidade, enquanto comunidade académica, para dar respostas coerentes, consistentes e concertadas aos desafios da contemporaneidade, contribuindo de forma substantiva para a construção de um mundo mais humano, sensível e democrático!

## Bibliografia


APPADURAI, A. (2005). *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias.* Teorema.

FERIN, I. (2002). *Comunicação e culturas do quotidiano.* Quimera.

RANCIÈRE, J. (2026). Democracia estética. In *Cultura e Democracia* (pp. 19-36). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

RIBEIRO, A.P. (2026). *O poder da cultura – Questões permanentes.* Temas & Debates.

SILVA, A.S., Babo, E.P., & Guerra, P. (2026). Cultural polices and local developement: The Portuguese case. In A.S. Silva, H. Santos & P. Guerra (Eds.), *Cultural Change in Contemporary Portugal* (pp. 75-94). Universidade do Porto.

# 42

## **MAIS MEMÓRIA, MELHOR FUTURO** ARQUEOLOGIA, PATRIMÓNIO E CIDADANIA

**MARIA DO CARMO RIBEIRO** Professora, Departamento de História, Instituto de Ciências Sociais

Vivemos numa época marcada pela aceleração. A inovação tecnológica, a inteligência artificial, a emergência climática e as profundas transformações sociais alimentam a ideia de que o futuro depende, sobretudo, da capacidade de inventar o novo. Contudo, as Ciências Sociais recordam-nos uma verdade essencial: nenhum futuro sustentável, democrático e inclusivo se constrói sobre o esquecimento. O futuro exige memória, conhecimento histórico e compreensão crítica dos processos que moldaram as sociedades e os territórios.

A Arqueologia, enquanto ciência social, oferece uma contribuição singular para este desafio. O seu olhar desenvolve-se na longa duração, permitindo compreender continuidades, ruturas e adaptações que atravessam séculos e milénios. Num tempo dominado pela urgência do presente, a Arqueologia ensina-nos que as sociedades sempre enfrentaram crises, transformações ambientais e reconfigurações políticas, e que a capacidade de adaptação depende, em larga medida, da relação que cada comunidade estabelece com a sua memória coletiva.

As cidades constituem talvez o melhor exemplo dessa aprendizagem histórica. Longe de serem realidades estáticas, são palimpsestos construídos por sucessivas gerações, onde subsistem marcas materiais e imateriais de diferentes épocas. Sistemas de abastecimento de água, redes viárias, espaços públicos ou formas de habitar testemunham soluções encontradas para problemas que continuam a desafiar as sociedades contemporâneas.

Braga oferece um exemplo particularmente expressivo desta longa experiência urbana. Ao longo de dois mil anos, a cidade transformou-se bastante, mas preservou estruturas e dinâmicas que revelam uma notável capacidade de reinvenção. A sua história demonstra que a sustentabilidade não significa conservar tudo tal como foi recebido, mas transformar sem destruir as condições que permitem reconhecer uma identidade comum e fortalecer o sentido de pertença. As intervenções arqueológicas realizadas nas últimas décadas tornaram visível, em pleno tecido urbano, parte significativa dessa estratificação histórica, devolvendo à cidade contemporânea camadas que pareciam definitivamente perdidas.

O património cultural deve, por isso, ser entendido como um bem comum e como um recurso estratégico para a inovação social. Não representa apenas uma herança a preservar, mas um conjunto de conhecimentos, práticas e experiências acumuladas que podem inspirar respostas contemporâneas. Os sistemas romanos de captação e distribuição de água em *Bracara Augusta*, por exemplo, revelam princípios de gestão hídrica, como o aproveitamento da topografia, a reutilização ou a escala comunitária, que dialogam diretamente com os atuais debates sobre escassez e adaptação climática. Não se trata de regressar ao passado, mas de reconhecer que as sociedades pré-industriais responderam a constrangimentos ambientais com soluções com que ainda temos muito a aprender.

A musealização dos sítios escavados em contexto urbano é, neste sentido, uma das formas mais transformadoras de devolver o conhecimento arqueológico à sociedade. Quando vestígios romanos, medievais ou modernos são integrados no quotidiano da cidade, em praças, edifícios públicos, núcleos museológicos ou percursos interpretativos, deixam de ser objeto exclusivo dos especialistas e passam a fazer parte da experiência partilhada dos seus habitantes. Em Braga, casos como as Termas Romanas do Alto da Cividade, a *Domus* da Escola Velha da Sé ou os vestígios preservados em vários edifícios do centro histórico mostram como a Arqueologia pode requalificar o espaço público, gerar valor cultural e educativo e fortalecer o sentido de pertença. Musealizar é, afinal, reconhecer que o passado tem lugar no presente, e que pertence a todos.

As alterações climáticas, a pressão sobre os recursos naturais, as desigualdades territoriais e a crescente fragmentação social exigem hoje novas formas de pensar o desenvolvimento. Pensar o futuro não significa prever o que acontecerá, mas ampliar o horizonte das possibilidades coletivas. Ao revelar a diversidade das experiências humanas ao longo do tempo, a Arqueologia mostra que nenhuma forma de organização social é inevitável e convida-nos a conceber futuros mais justos, inclusivos e sustentáveis.

Esta visão implica também novas formas de produzir conhecimento. A Arqueologia tem sido, aliás, um dos terrenos mais férteis para a ciência cidadã: escavações urbanas que envolvem moradores, projetos comunitários de inventariação patrimonial, plataformas digitais que abrem arquivos e coleções ao escrutínio público. Estas práticas aproximam universidades, instituições culturais, escolas, autarquias e comunidades locais, e demonstram que o conhecimento científico ganha relevância quando é partilhado e quando contribui para fortalecer a democracia e a coesão territorial.

Neste processo, a Universidade ocupa um lugar insubstituível. Mais do que um espaço de produção e transmissão de conhecimento, é uma instituição cívica responsável por articular memória e inovação, conhecimento especializado e compromisso social. Num tempo marcado pela circulação acelerada da informação e pela fragmentação do debate público, permanece como um dos raros lugares onde diferentes temporalidades e diferentes saberes podem dialogar de forma crítica e construtiva.

Ensinar a pensar historicamente é também ensinar a pensar o futuro, porque significa reconhecer que o mundo em que vivemos resulta de escolhas humanas e que, por isso mesmo, pode ser transformado. Precisamos, decerto, de inovação tecnológica e de cidades inteligentes. Mas precisamos também de memória, de imaginação histórica e de instituições capazes de cultivar ambas.

Ao celebrar cinquenta anos de existência, o Instituto de Ciências Sociais recorda-nos precisamente esta convicção: o futuro não é um destino inevitável, mas uma construção coletiva. E essa construção exige memória, pensamento crítico e compromisso democrático. Mais Ciências Sociais significa, afinal, mais capacidade para compreender o passado, interpretar o presente e imaginar, em conjunto, futuros melhores.

# 43

# MEMÓRIAS DO FUTURO EM TEMPOS DE DESMEMÓRIA ALGORÍTMICA

**ROSA CABECINHAS** Professora, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais

"*A Era das Máquinas procura, tacteando, a vinda da Grande Humanidade!*
[...] *anseia, ao menos, por Teóricos de O-que-será, por Cantores-Videntes do seu Futuro!*"
"Ultimatum", ÁLVARO DE CAMPOS [FERNANDO PESSOA]

Como imaginamos o futuro e como o construímos no presente? Ao evocar a história de uma instituição, o que recordamos? Que acontecimentos? Quem lembramos? Quem esquecemos? O que sentimos e como expressamos o que sentimos? Como recordamos o passado da escola onde trabalhamos? Conversamos com estudantes, colegas, antigos colegas? Olhamos para as árvores plantadas em homenagem a colegas aposentados? Fazemos uma visita às antigas instalações? Vasculhamos arquivos em papel, fotografias? Lamentamos ter reciclado tantos papéis? Deploramos ter perdido tantos ficheiros em discos rígidos pifados numa altura em que não havia "nuvens"? Ficamos frustradas com a nossa falta de memória? Confiamos na memória dos outros? Rememoramos traumas? Celebramos a amizade e as realizações coletivas? Saboreamos as primeiras impressões? Partilhamos a imensa alegria e privilégio de exercer uma profissão onde estamos sempre a aprender? Damos tempo ao tempo de estarmos juntas?

Numa época em que se banaliza o recurso a sistemas da chamada Inteligência Artificial Generativa (IAG), para recordar o passado, controlar o presente e prever o futuro — tornando-se "videntes" omnipresentes —, é importante mais do que nunca recordar a importância da comunicação lenta e da memória viva.

Na primavera de 1990, no primeiro dia de trabalho no ICS, cruzei-me com a D. Rosa, que, ao saber que eu não era minhota, se empenhou em transformar-me numa verdadeira mulher do Minho, isto é, alguém capaz de cozinhar com mestria pratos regionais dos quais eu nem sequer tinha ouvido falar. Nos dias seguintes, a D. Rosa trouxe receitas de pica no chão, papas de serrabulho, mexidos e outras especialidades. Explicou os seus truques de cozinha e empenhou-se em demonstrar que todos temos para aprender e todos temos para ensinar. E tudo precisa do devido tempo, disse a D. Rosa, nada de *fast food*. Algum tempo depois, o *outsoursing* dos serviços de limpeza conduziu a D. Rosa — Rosa de Jesus Costa Martins — a uma reconversão profissional, passando a distribuir o correio nos gabinetes, o que lhe deu oportunidade de dedicar mais tempo às suas alunas-docentes e praticar a comunicação lenta que hoje tanto aspiramos em tempos de *fast communication*.

No dia 8 de maio de 2026 tive a oportunidade de participar num evento extraordinário "Humanizar é preciso. Conversas improváveis com os vizinhos da academia", organizado pela presidência do ICS e no qual participaram colegas das várias escolas da Universidade

do Minho. Antes do evento cada uma de nós foi desafiada a escrever algumas palavras sobre o que significa "humanizar" e durante essa tarde partilhámos as nossas experiências. Retomo aqui algumas das palavras que escrevi ou disse nessa altura.

Humanizar é lutar pelos direitos de todos os seres humanos, respeitar a sua diversidade e singularidade, sem esquecer as profundas assimetrias de poder que continuam a determinar graus de liberdade desiguais. Humanizar é também respeitar os outros seres (não humanos). Recentemente li uma notícia sobre abelhas. As abelhas sem ferrão na floresta andina foram os primeiros insetos consagrados como sujeitos jurídicos. Elas trabalham para nós, sem nós pensarmos nelas, polinizam o território, não o dominam, cuidam dele. Achei interessante que o direito das abelhas fosse reclamado pelos camponeses que trabalham nas pequenas terras na floresta, onde vivem as abelhas sem ferrão que enfrentam crescentes ameaças devido às alterações climáticas e não só.

"Erva por cortar? Não é desleixo... Estamos a alimentar as abelhas e outros insetos polinizadores!", foi a mensagem escrita em várias tabuletas espalhadas pelo *campus* há uns anos. Agora outras tabuletas retomam a mensagem: "Um passo para um Campus mais Sustentável. Este espaço acolhe diversas espécies de trevo, que simbolizam o compromisso com a preservação do campus, a promoção da biodiversidade e a melhoria da qualidade de vida da comunidade académica." A "sustentabilidade" do *campus* é sem dúvida da maior importância para o nosso bem-estar e louvo os esforços para promover a biodiversidade. Antes falava-se de "ervas" agora de "trevos" e interroguei-me porquê. Pensei nas ervas (que consideramos) daninhas, o joio, e no esforço que fazemos para as exterminar, para dar mais força àquelas que queremos ver crescer, o trigo (aqui evocando uma velha parábola, mas também as minhas memórias enquanto camponesa).

Falando em flora, não posso deixar de evocar uma aprendizagem que fiz em Timor-Leste: Pedro Bringue, a quem agradeço ter então explicado o que escrevo a seguir, convidou-nos para plantar sândalo (*Santalum album*), árvore originária da ilha, cujo elevado valor levou os portugueses a colonizar o território. O sândalo foi explorado intensamente até à sua quase extinção. Durante décadas tentou-se, sem sucesso, reproduzir a árvore em viveiro e plantá-la no campo. As plantações eram feitas com esmero, eliminando as ervas daninhas. Coube a Ruy Cinatti descobrir que o sândalo se comporta como hemiparasita nos primeiros anos de vida, isto é, para sobreviver necessita de explorar uma árvore hospedeira de outra espécie. Em Timor-Leste costuma ser a ai-turi (*Sesbania grandiflora*). Na sua ânsia de

proteger o sândalo livrando-o das ervas daninhas, os colonizadores impediam assim a própria vida da planta que tanto queriam proteger. Nesse dia, plantámos lado a lado um sândalo e uma ai-turi no jardim do aldeamento dos professores, mas passados uns anos, dei-me conta de que tinha esquecido o nome da planta cuidadora. Esse meu esquecimento espelha um padrão comum: tendemos a prestar mais atenção e a recordar melhor as entidades com mais notoriedade, prestígio ou estatuto social, sejam instituições, países, pessoas, plantas ou outros seres. Numerosos estudos na área das ciências sociais têm demonstrado  os resultados perniciosos do Efeito Mateus e do Efeito Matilda no mundo do trabalho e especificamente nas instituições de ensino e investigação. Estudos multi e transdisciplinares têm também evidenciado tais resultados na comunicação da ciência. Pesquisas recentes sobre história da ciência recorrendo a sistema de IAG evidenciam a replicação do Efeito Mateus e do Efeito Matilda, confirmando o peso das assimetrias raciais, de género, de classe e outras. Que ciência importa? Que vidas importam? Que vidas contam apenas enquanto suporte de outras?

Humanizar é construir uma ciência verdadeiramente aberta, sem espartilhos disciplinares. Humanizar é comunicar entre diferentes saberes e construir conhecimento transdisciplinar. Humanizar é lutar contra a ciência única numa língua única. É valorizar o multilinguismo, de modo que todas as línguas humanas possam ser reconhecidas como línguas de cultura e ciência. Obviamente, precisamos de uma língua comum que permita a comunicação, mas não podemos esquecer a diversidade linguística. A comunicação intercultural é um processo sempre inacabado, que exige tempo e dedicação. Humanizar é ter tempo para cuidar.

## Bibliografia


MORIN, E. (1973). *O paradigma perdido: a natureza humana*. Mem Martins: Europa-América.

PESSOA, F. (1917). “Ultimatum”. *Portugal Futurista*, 1. Lisboa.



# 44

# PENSAR A GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE DO MINHO
## UMA REFLEXÃO GERACIONAL

**VIRGÍNIA TELES · VÍTOR RIBEIRO · HÉLDER S. LOPES**
Professores, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais

A Geografia, enquanto disciplina científica, tem revelado uma notável capacidade de adaptação e renovação face às dinâmicas sociais, económicas, tecnológicas e ambientais globais. Na Universidade do Minho, esta trajetória iniciou-se em 1996, com a criação da Licenciatura em Geografia no seio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), a funcionar em Azurém, pela mão do Professor Doutor Manuel da Silva e Costa, com a colaboração da Professora Doutora Rosa Fernanda Moreira, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e dos Professores Doutores José Manuel Pereira de Oliveira e Fernando Rebelo, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Desde então, o curso tem acompanhado as transformações da própria ciência geográfica, marcando a transição para o século XXI e a emergência de novos paradigmas que obrigaram a repensar o objeto de estudo, as metodologias e a relevância social da Geografia.

Esta capacidade de adaptação é patente na própria evolução da oferta formativa em Geografia do ICS. Ao longo do tempo, os cursos de Licenciatura foram sendo ajustados às mudanças científicas, sociais e profissionais que atravessam a disciplina, incorporando progressivamente unidades curriculares mais centradas no uso de tecnologias, na análise espacial e na exploração de informação geográfica, mas também no estudo de problemáticas emergentes associadas à mobilidade, à saúde, às alterações climáticas, aos riscos e à sustentabilidade territorial. Esta evolução traduz a passagem de uma formação mais clássica, assente em fundamentos conceptuais e metodológicos estruturantes, para percursos mais aplicados, interdisciplinares e orientados para a leitura crítica dos desafios contemporâneos dos territórios.

Também ao nível dos estudos de pós-graduação se observa uma trajetória de renovação e especialização. Os ramos iniciais de Mestrado, centrados sobretudo em Planeamento e Gestão do Território e em Território e Sociedade, refletiam uma preocupação com a organização do espaço, a ação pública e a compreensão das dinâmicas sociais e territoriais. Com as sucessivas reformulações, a oferta passou a estruturar-se em áreas mais diferenciadas, designadamente Riscos e Proteção Civil, Sistemas de Informação Geográfica e Turismo e Comunicação Territorial, acompanhando a crescente relevância dos riscos, das tecnologias espaciais, das novas formas de comunicação territorial e das transformações associadas ao turismo e à sustentabilidade dos destinos.

Mais recentemente, a alteração da oferta formativa volta a reorganizar a visão científico-pedagógica do Departamento, reforçando áreas de especialização que traduzem ao mesmo tempo a sua identidade e a sua capacidade de resposta aos desafios atuais.

A valorização dos Sistemas de Informação Geográfica, dos Riscos e Proteção Civil e dos Territórios, Planeamento e Sustentabilidade evidencia uma orientação clara para a formação de geógrafos capazes de trabalhar com dados, interpretar vulnerabilidades, apoiar processos de decisão e intervir em contextos territoriais marcados por incerteza, transição ambiental e exigências crescentes de planeamento integrado. A evolução dos planos de estudo mostra, pois, que a Geografia ensinada na Universidade do Minho não permaneceu estática, reconstruindo-se em diálogo com o tempo histórico, com as necessidades da sociedade e com as novas possibilidades técnicas e epistemológicas da disciplina.

Ao longo das últimas três décadas, muitos foram os licenciados, pós-graduados e doutorados em Geografia pela Universidade do Minho e alguns deles tornaram-se inclusive docentes. Este texto reflete o pensar de três docentes, que, apropriando-se das palavras de Suzanne Daveau, no prefácio ao livro *O Ensino da Geografia*, de Orlando Ribeiro, defendem que a Geografia "é uma disciplina que implica, para quem a pratica, uma visão personalizada do Mundo, uma maneira de estar e de ser, que cada geração tem de reinventar ao seu modo, sem menosprezar o que os avós fizeram, mas em completa liberdade" (Ribeiro, 2012, p. 5).

A Geografia contemporânea reflete, assim, uma ciência em reinvenção. Sem abandonar a matriz territorial, é matizada por uma abordagem cultural e tecnológica, responsável pela reconceptualização de espaço, quer na sua apropriação e produção cultural, quer nas identidades, quer ainda nos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e na própria Inteligência Artificial.

Não obstante, as questões ambientais têm centralizado os debates atuais. A relação entre Ser Humano e Natureza, longe de ser pensada de forma separada, passou a ser compreendida de modo mais integrado, reconhecendo-se que os problemas ambientais são também sociais, económicos, culturais e políticos.

Esta leitura tem vindo a afirmar a importância de uma Geografia Ambiental, entendida como um campo de encontro entre a Geografia Humana e a Geografia Física, dedicado à análise das interações entre as sociedades e os seus ambientes naturais e construídos (Murphy, 2018). A sua relevância é hoje evidente na consolidação de espaços editoriais próprios, como a revista *Progress in Environmental Geography*, da SAGE, que se apresenta como um fórum de reflexão sobre as relações sociedade-ambiente e sobre a necessidade de cruzar os contributos da Geografia Humana e da Geografia Física.

A emergência do *Antropoceno* (Crutzen & Stroermer, 2000) veio reforçar esta leitura, ao evidenciar o impacte profundo das atividades humanas nos sistemas naturais e ao recolocar no centro da reflexão geográfica a responsabilidade coletiva sobre os territórios que habitamos e transformamos. Nesta perspetiva, a Geografia Ambiental evidencia a inseparabilidade entre processos sociais e naturais, permitindo compreender as causas e consequências diferenciadas das mudanças ambientais, bem como as respostas de mitigação e adaptação. Ao mesmo tempo, introduz no debate questões de poder, responsabilidade e

justiça, interrogando quem mais contribui para as alterações ambientais, quem é mais vulnerável aos seus efeitos e como se produz o conhecimento sobre essas transformações.

Neste percurso, também os estudos ligados à Geografia Física se tornaram progressivamente mais aplicados e interdisciplinares. O estudo dos riscos naturais, das vulnerabilidades, da resiliência e das mudanças climáticas deixou de se limitar à descrição dos fenómenos, passando a integrar a incerteza, a prevenção, a adaptação e a capacidade de resposta das comunidades e instituições.

Do mesmo modo, a Geografia Humana tem aprofundado a leitura das desigualdades territoriais, dos acessos diferenciados a recursos e serviços, das dinâmicas urbanas e rurais, das transformações demográficas e dos novos modos de habitar, circular e viver o espaço.

Num mundo em mudança, marcado pela Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade (VUCA), temáticas como a justiça ambiental, a Geografia da Saúde, a Geopolítica e a transição energética, o direito à cidade, as cidades inteligentes, os acessos a recursos e serviços, propõem novas reflexões e caminhos a seguir.

A resiliência territorial tornou-se, neste quadro, uma ideia particularmente relevante, ao permitir pensar a capacidade dos territórios e das comunidades para responderem a crises, adaptarem-se a mudanças e construírem futuros mais equilibrados e sustentáveis.

A Geografia Digital, os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), os *Big Data* e a Inteligência Artificial Generativa vieram acrescentar novas possibilidades de análise, representação e comunicação do conhecimento geográfico (Viana & Rocha, 2025). Contudo, mais do que substituir o olhar geográfico, estas ferramentas reforçam a necessidade de uma formação holística que procuramos agregar aos nossos ciclos de estudos, capaz de interpretar dados, compreender contextos, questionar desigualdades e reconhecer os limites éticos e sociais da tecnologia.

Ao longo das últimas décadas, o ensino e a investigação desenvolvidos no Departamento de Geografia têm acompanhado esta evolução doutrinária, procurando articular uma formação tecnicamente sólida com uma leitura crítica dos processos territoriais. Esta articulação tem permitido consolidar uma Escola de pensamento e prática em Geografia aplicada, assente em três dimensões complementares: (i) a análise de dados estatísticos e cartográficos, enquanto suporte à leitura dos territórios; (ii) a reflexão crítica sobre modelos de desenvolvimento, planeamento e transição, interligando conceptualização, competências de investigação e ferramentas de análise; e (iii) a aplicação a casos territoriais concretos, ancorados em problemáticas investigadas na nossa "Casa" e atentos a contextos de proximidade territorial, mas não confinados a eles.

Mas este percurso não se esgota no que foi construído. Pelo contrário, abre novas questões sobre o futuro da formação e da investigação geográfica.

## Bibliografia


CRUTZEN, P., & Stroermer, E. (2000). The “Anthropocene”. *Global Change Newsletter,* 41, 17-18.

MURPHY, A.B. (2018). *Geography: Why it Matters?* Polity Press.

RIBEIRO, O. (2012). *O Ensino da Geografia*. Porto Editora.

VIANA, C.M., & Rocha, J. (2025). GeoAI: entre métodos tradicionais e novos paradigmas espaciais. *Inforgeo,* 27, 28-37.






Esta Casa é uma passagem para grandes **viagens**

# 45

## **A PRÓXIMA PANDEMIA** COMBATER A SOLIDÃO NA ERA ALGORÍTMICA

**CHISOKA SIMÕES** Doutorando, Estudos Culturais, Instituto de Ciências Sociais

Se, a meu ver, a grande ameaça do nosso tempo é a solidão (que hoje brota de uma vida mediada por algoritmos digitais controlados por corporações), então o desafio para os próximos 50 anos — e para instituições como o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho — é atuar na construção de um sentido de comunidade a partir de uma intervenção estritamente humanista: um contacto que promova o esbatimento total entre a academia e a sociedade civil.

"Ciência social", literalmente e/ou numa breve simplificação, é a nossa sociedade passada pelo crivo da ciência. Daí surge uma dicotomia com outro grande ramo (o das ciências exatas), que, por inferência e num sentido estrito, seriam "as que não são sociais". Essa distinção leva-me ao passo seguinte: vivemos a organicidade do coletivo, em sociedade. Quero dizer: não somos humanoides que vivem na exatidão. Ainda. Felizmente.

Ou seja, a partir deste pressuposto, acredito que devemos preparar os próximos 50 anos com um olhar capaz de proteger e defender a humanização das ciências humanas. Não podemos continuar a permitir que decisões estritamente sociais sejam aplicadas à nossa vida por técnicas algorítmicas que promovem a frieza da "exatidão", com base em *prompts* condicionados a modelos de negócio e à concentração de poder e riquezas.

A companhia do "outro", que a cada geração é menos física e corpórea, e tem sido mediada pelas redes sociais digitais, vem acompanhada por imagens de atrocidades que nos chegam em direto. Em menor grau, chegam-nos imagens de vidas irrealistas que acentuam, em alguns de nós, a necessidade de isolamento.

Há índices que sugerem um planeta em evolução social. Contudo — e paradoxalmente — são esses mesmos índices que entram em contradição com o despertar público de filosofias isolacionistas, negacionistas e belicistas, as quais, em verdade, nunca desapareceram. Reconheço, ainda assim, que o mundo (como sempre) está num ponto de inflexão. É preciso despertar. Mantenho a esperança na humanidade ao defender que, a partir de um desvio positivo, podemos encontrar-nos num planeta realmente globalizado e humanizado.

Com um desvio negativo, corremos o sério risco de ficar presos numa espiral digital intangível, dominados por algoritmos para sempre. Essa é a agenda (ou melhor, *the dream*) dos tecnofeudalistas de hoje. A frase "You'll own nothing and you'll be happy" já completa uma década. Creio que esse mote terá declinações assustadoras no futuro, como: "You'll know no one and you'll be miserable."

Cabe-nos, enquanto cientistas sociais e humanistas, colaborar com todos os indivíduos para evitar uma próxima pandemia que, acredito, também pararia o mundo. Uma pandemia que já teve, há muito, o seu paciente zero. Creio que uma pandemia sanitária será sempre resolvida mais rapidamente do que a covid19 porque, como humanos, demonstramos a capacidade de replicar o que é "exato". E, sendo a solidão a próxima pandemia, sem recorrer à dopamina barata do digital, quantos de nós (nas redes sociais analógicas) teremos, realmente, um "nós"?

Este ano, a Roma moderna (os Estados Unidos da América) completa 250 anos. E reza a tradição que um império tem vida útil de 250 anos. Muitos anunciam o fim deste império e há quem, como eu, acredite num mundo multipolar. Reitero: um mundo multipolar — ou, simplesmente, um mundo mais equilibrado — só será possível se combatermos a ditadura do algoritmo. Aqui, o papel das instituições torna-se decisivo: não apenas interpretar estas dinâmicas, como é norma académica, mas também contribuir para as humanizar.

Por mais *blockchains*, IA, *doomscrollings* que existam, somente nos temos uns aos outros. Celebramos, como espécie, a missão Artemis II e a promessa de uma conquista estelar, enquanto nos encontramos num cessar-fogo frágil, a poucos quilómetros de um genocídio, onde os "papagaios de papel" insistem em tardar a voar.

Por isso, é preciso lutar por uma sociedade global mais coesa — e sã. Uma tarefa que exige, inevitavelmente, o contributo ativo das Ciências Sociais na intervenção pública.

Foram recentemente postulados conceitos que se pretendiam unânimes, como a "grande resignação", quando os dados estatísticos de quem realmente abandonou os seus postos de trabalho não chegavam aos dois dígitos. Talvez seja tempo de realizar a "grande resignação" de que necessitamos (a do digital) e provocar um equilíbrio analógico escolhido e usufruído por nós.

Noutra escala, vale a pena refletir no que o ICS representou, ao longo de 50 anos, num território tão religioso, tradicional e até conservador; recémsaído da ditadura mais longa da Europa Ocidental. Um compromisso difícil, complexo, mas que nos recorda: ainda existem missões vigorosas que continuam a exigir a energia daqueles que pensam o mundo com o critério da Ciência. Tal como a missão de fazer voltar a voar papagaios de papel nos céus de Gaza, onde a solidão forçada e programada é um simulacro para todos nós. Por isso, como horizonte coletivo dos próximos 50 anos do ICS, proponho uma comunidade de alcance global.

# 46

## AS CIÊNCIAS SOCIAIS EM TEMPOS DE URGÊNCIA

**CLÁUDIA NOVAIS** Doutoranda, História, Instituto de Ciências Sociais

Vivemos tempos de uma estranha urgência, marcados por aquilo a que o historiador François Hartog (2013) chamou "presentismo": uma condição contemporânea em que o futuro parece ter perdido o seu poder de atração e o passado se tornou um arquivo difuso, deixando-nos confinados a um presente perpétuo e acelerado. Neste cenário, o papel do Instituto de Ciências Sociais (ICS) e, em particular, da História, torna-se não apenas relevante mas vital.

Frequentemente olhada como uma disciplina voltada para o que já passou, a História é, na verdade, uma ferramenta de elucidação do presente e uma bússola para a construção do amanhã.

Ao contrário da ideia comum de que o passado se repete, quem se dedica ao ofício de historiador ou historiadora sabe que a sua tarefa é identificar as continuidades e as ruturas que moldaram as injustiças, as democracias e as crises que hoje habitamos.

Enquanto doutoranda em História, entendo que a nossa disciplina oferece às Ciências Sociais uma profundidade temporal que é indispensável para evitar o diagnóstico apressado.

Numa era de polarização e de desinformação, a análise crítica das fontes e o recuo metodológico permitem-nos compreender que as estruturas de desigualdade ou os modelos de desenvolvimento insustentável não são inevitabilidades biológicas ou geográficas, mas construções sociais e políticas sedimentadas ao longo do tempo. Esta consciência histórica é o primeiro passo para a transformação: se o mundo foi construído de determinada forma, ele pode ser reconstruído de outra, ou, pelo menos, é essa a possibilidade que a História nos devolve. É aqui que a disciplina se cruza com a missão de edificar sociedades mais justas e sustentáveis. Ao darmos voz a atores sociais anteriormente silenciados — as margens, as resistências, as dinâmicas latentes —, estamos a fornecer ao debate público novos repertórios de possibilidade.

O futuro das Ciências Sociais, e o do ICS em particular, passará necessariamente por esta capacidade de habitar o espaço público com um tom ensaístico, rigoroso mas acessível. Não podemos permitir que o conhecimento científico fique confinado aos circuitos fechados da universidade, sob pena de nos tornarmos irrelevantes perante desafios como a crise climática, as questões de género ou o recuo democrático. A História ensina-nos que a relação da humanidade com os recursos do planeta tem sido pautada por escolhas que refletem relações de poder. Reexaminar essas escolhas à luz da justiça social é o que nos permite projetar um futuro em que a ecologia e a democracia caminhem lado a lado.

Em suma, a prática das Ciências Sociais hoje deve ser entendida como um exercício de cidadania ativa. Ser investigadora no presente é recusar o fatalismo; é usar o rigor da investigação para desafiar as narrativas simplistas que ignoram a complexidade do social. O desafio que agora se nos coloca é o de continuar a produzir ciência que seja, simultaneamente, um espelho onde a sociedade

se possa ver com honestidade e uma janela por onde possamos vislumbrar alternativas.

A celebração do cinquentenário do ICS convoca-nos a um exercício de reflexão que transcende a mera efeméride histórica, lembrando-nos de que o compromisso com o futuro depende da nossa capacidade de manter o diálogo vivo entre disciplinas, unidas pela vontade de compreender o humano na sua pluralidade e de transformar essa compreensão no alicerce de uma sociedade mais digna.

## Bibliografia

HARTOG, F. (2013). *Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo*. Autêntica Editora.



# 47

## **A CORAGEM DE DUVIDAR** AS CIÊNCIAS SOCIAIS NUM MUNDO QUE PRETENDE PREVER TUDO

**LAURA NEIVA** *Alumna*, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

Vivemos num tempo em que o futuro regressou ao centro das disputas públicas. As crises ecológicas, as transformações digitais, a intensificação das desigualdades, a instabilidade democrática e a aceleração tecnológica fizeram ruir a ilusão de que o social poderia continuar a ser pensado a partir de categorias herdadas de um mundo mais estável, mais linear e menos interdependente.

O futuro deixou de ser um horizonte abstrato para se tornar matéria urgente de decisão coletiva. É neste contexto que as Ciências Sociais se tornam, não apenas relevantes, mas estruturalmente indispensáveis.

Ao longo dos últimos anos, foi no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho — que está de parabéns pelos seus 50 anos! — que fiz o meu doutoramento e aí aprendi, precisamente, a olhar o mundo com mais perguntas do que respostas, a aprofundar uma convicção que hoje me parece central.

A partir da investigação empírica sobre o papel de tecnologias de dados massivos no policiamento e na investigação criminal, tornou-se evidente que as promessas de antecipação, eficiência e controlo convivem sempre com incertezas, tensões e dilemas éticos que escapam a qualquer lógica puramente técnica (Neiva, 2024). Essa experiência consolidou uma ideia mais ampla: o maior contributo das Ciências Sociais para o futuro não é prevê-lo, mas torná-lo inteligível na sua complexidade e aberto na sua contingência.

Durante demasiado tempo, a promessa do conhecimento científico foi confundida com a promessa da previsão. Num presente profundamente marcado por infraestruturas algorítmicas, modelos preditivos e sistemas automatizados de decisão, essa ambição regressa com nova força: antecipar comportamentos, calcular probabilidades, gerir riscos, reduzir incertezas.

Mas as sociedades não são sistemas fechados. São ecologias densas de relações, conflitos, instituições, afetos, temporalidades e assimetrias de poder. São sistemas abertos, historicamente situados, nos quais cada intervenção produz efeitos não lineares, consequências inesperadas e recomposições permanentes. É por essa razão que as Ciências Sociais são cruciais. Não porque eliminem a incerteza, mas porque nos ensinam a habitá-la com rigor.

Num mundo cada vez mais seduzido pela fantasia da otimização, as Ciências Sociais lembram-nos que a complexidade não é ruído a eliminar, mas condição constitutiva da vida coletiva. Aquilo que muitas vezes surge apresentado como problema técnico é, na verdade, expressão condensada de disputas normativas, de sedimentações históricas e de desigualdades estruturais (Jasanoff, 2004). As Ciências Sociais oferecem-nos, assim, algo mais sofisticado do que respostas rápidas: oferecem-nos capacidade de problematização. Permitem compreender que cada inovação reorganiza relações sociais; que cada infraestrutura tecnológica redistribui poder; que cada política pública produz inclusões e

exclusões; que cada promessa de futuro contém, implícita, uma visão sobre quem conta, quem decide e quem suporta os custos da mudança. O seu papel no futuro será, por isso, cada vez menos o de explicar apenas o que as sociedades são, e cada vez mais o de interrogar criticamente aquilo que estão a ser chamadas a tornar-se.

Neste sentido, as Ciências Sociais não são apenas observadoras do futuro; participam de forma ativa na sua construção, ao tornar visíveis as expectativas, as narrativas e os imaginários que o moldam (Borup et al., 2006).

Isto exige uma Ciência Social epistemologicamente madura: menos disciplinarmente fechada, mais metodologicamente plural e teoricamente capaz de lidar com sistemas complexos, múltiplas escalas e temporalidades entrelaçadas. Exige uma ciência capaz de cruzar microexperiências, transformações institucionais e dinâmicas macroestruturais, sem ceder à simplificação. Mas exige também imaginação. Talvez uma das tarefas mais urgentes das Ciências Sociais nas próximas décadas seja precisamente repolitizar o futuro. Num tempo em que múltiplos atores, entre plataformas tecnológicas, mercados, dispositivos algorítmicos e regimes securitários, procuram colonizar o futuro através de lógicas de previsão e controlo, as Ciências Sociais devem preservar a ideia de que os futuros permanecem plurais, contestáveis e socialmente construídos. O seu compromisso não é apenas analítico. É também profundamente democrático.

Tornar o futuro pensável é impedir que ele seja naturalizado como inevitável. É mostrar que aquilo que hoje se apresenta como destino resulta, frequentemente, de decisões políticas, escolhas institucionais e imaginações hegemónicas que podem, e devem, ser disputadas. Mais do que nunca, precisamos de Ciências Sociais capazes de produzir inteligibilidade pública sobre a complexidade do mundo contemporâneo; capazes de devolver espessura histórica ao presente, densidade política às escolhas coletivas e abertura ética aos futuros possíveis. Talvez seja esse o seu contributo mais transformador: não oferecer certezas reconfortantes, mas criar condições para que as sociedades escolham, com mais lucidez, os mundos que desejam habitar.

E, num tempo saturado de previsões, talvez a maior ousadia científica seja esta: lembrar que o futuro continua a ser uma questão social.

## Bibliografia


BORUP, M., Brown, N., Konrad, K., & Van Lente, H. (2006). The sociology of expectations in science and technology. *Technology Analysis & Strategic Management*, 18(3-4), 285-298.

JASANOFF, S. (2004). *States of Knowledge: The Co-production of Science and Social Order*. Routledge.

NEIVA, L. (2024). *Expectativas de agentes policiais sobre Big Data no sistema de policiamento e investigação criminal em Portugal*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.

# 48

# DEMOCRACIA, CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A INVESTIGAÇÃO SOCIAL?

**LUISA SALAMANCA-GARNICA** Doutoranda, Sociologia, Instituto de Ciências Sociais

"Venceréis, pero no convenceréis"
MIGUEL DE UNAMUNO

A institucionalização das ciências sociais vincula-se ao fortalecimento democrático. O caso português é um bom exemplo: a transição democrática foi condição de possibilidade para a consolidação da investigação social, sem desconhecer antecedentes importantes, como o Grupo de Investigações Sociais (GIS) e a sua revista *Análise Social*, surgida em 1963, na qual, como diz Barreto, "a liberdade de investigação e de expressão, assim como o pluralismo, nasceram antes de existirem na sociedade" (1999, 4). Embora exista investigação social pré-democrática, como demonstra Madureira Pinto (2004), há uma relação profunda e causal entre a consolidação das instituições democráticas e o desenvolvimento das ciências sociais. Foi após a revolução de 1974 e durante a transição democrática que as ciências sociais experimentaram uma "institucionalização avançada", fruto da conjugação de uma série de variáveis que coincidiram, permitindo o jogo entre a "agência individual e a institucionalização" (Machado, 2025, p. 201). Além da reorganização institucional, houve uma reorganização do campo intelectual, caracterizada pelo regresso dos exilados que favoreceu a abertura à comunidade científica internacional, a tradução de textos e a dinamização do mundo editorial. Por outro lado, os temas de investigação ampliaram-se, assim como os encontros científicos, e surgiram licenciaturas e centros de investigação especializados (Madureira Pinto, 2004); a primeira licenciatura em Sociologia surgiu no ISCTE, em 1974, e o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, em 1978.

Resulta evidente que um contexto democrático é mais favorável à investigação social; os regimes não democráticos tendem a suprimir, distorcer e/ou cooptar a investigação. Sob regras democráticas, a investigação encontra legitimidade e legalidade para abordar temas que, noutros contextos, poderiam ser considerados "incómodos", como os conflitos, os movimentos sociais e as resistências, ou as mudanças políticas. No caso português, uma vez alcançada a democracia, houve uma grande diversificação dos temas, com o intuito de responder à carência de estudos sobre as estruturas sociais, e avançou-se em linhas de investigação relacionadas com a mudança social (Madureira Pinto, 2004).

Pode existir investigação social em regimes não democráticos? Esta não é uma questão nova, mas ganha hoje uma relevância renovada, à medida que assistimos a uma regressão democrática, entendida como a alteração negativa dos atributos democráticos que implica a limitação das liberdades e dos direitos, bem como do pluralismo e da oposição (Monsiváis-Carrillo, 2021). Estes processos ameaçam todas as democracias, mesmo as mais consolidadas. Esta regressão democrática caminha lado a lado com a ascensão de discursos de extrema-direita que ganharam a capacidade de influenciar

a tomada de decisões. A Europa não é exceção, e Portugal também não.

Neste contexto, os ataques à academia estão em ascensão, como demonstra o relatório *Academic Freedom Index Update 2025*. Este relatório deteta uma tendência global de declínio, destacando que todas as dimensões da liberdade académica estão a diminuir em mais países do que aqueles em que estão a melhorar. Nesse relatório, que analisa dados de 2024, registaram-se 36 casos de declínio da liberdade académica em comparação com a década anterior; entre esses casos, inclui-se Portugal (Panaro, 2026).

Como está a operar o retrocesso em relação à liberdade académica? A imagem clássica da perseguição intelectual é a queima de livros, a censura explícita (o famoso lápis azul em Portugal), o encarceramento, o exílio ou a morte de vozes dissidentes e a purga dos meios académicos (é impossível não pensar naquele terrível "Morte à inteligência! Viva a morte!", de Millán-Astray, na Universidade de Salamanca). Tudo isto aconteceu, foi real e continua a ser possibilidade. Mas a repressão e o controlo recorrem hoje a outras ferramentas, talvez mais subtis.

Panaro (2026) alerta para o que designa por *academic capture*, fenómeno que se manifesta não apenas em regimes não democráticos. Esta captura manifesta-se através do controlo institucional, da imposição de autoridades universitárias, de cortes orçamentais seletivos, da promoção direta ou indireta de universidades privadas (como acontece na Comunidade de Madrid), da vigilância e do assédio, do estabelecimento de redes de denúncia entre colegas, etc.

Segundo Wagner (2022), uma das consequências mais perigosas da censura atual é a autocensura. Na Polónia, muitos investigadores recorrem à autocensura, por exemplo, para cumprir a chamada "Lei do Holocausto", que impõe uma forma específica de interpretar a história com base na vitimização da nação como narrativa particular. Esta medida prejudica claramente a liberdade de expressão e já afetou investigadores que enfrentaram processos judiciais interpostos por organizações ultranacionalistas. O caso polaco oferece um exemplo enquadrado em normas democráticas; poderíamos referir muitos outros: só o caso dos Estados Unidos, nos últimos dois anos, poderia preencher centenas de páginas.

Em tempos de retrocesso, qual o papel da investigação social? É importante não considerarmos como garantidos o bem-estar de que usufruímos e as liberdades que conquistámos. É preciso manter uma postura vigilante, pois o fantasma da repressão e da censura percorre o mundo; e, se nos atingir, onde estaremos? O que faremos? Resistiremos ou simplesmente nos adaptaremos ao novo mundo?

## Bibliografia


BARRETO, A. (1999). Apresentação. *Análise Social*, 150, XXXIV(1), 3-7.

MACHADO, F.L. (2025). A institucionalização da sociologia em Portugal e um dos seus protagonistas no Porto. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, LI, 201-215.

MADUREIRA PINTO, J. (2004). Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da sociologia em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 11-31.

MONSIVÁIS-CARRILLO, A. (2021). *Autocratización*. Prontuario de la Democracia. UNAM. https://prontuario-democracia.sociales.unam.mx/autocratizacion/.

PANARO, A.V. (2026). Autocratization through academic capture: When and how would-be autocrats threaten academic freedom. *International Journal of Educational Research*, 138, 1-13.

WAGNER, I. (2022) Auto-censura (self-censorship) – An ordinary and integral part of research life(?) Work in progress in a form of an essay. *Zoon Politikon*, 13, 130-174.

# 49

## TRILOGIA DE UM TERRITÓRIO RUÍNA, INTERIOR E TURISMO

**MARIA JOÃO GREGÓRIO** *Alumna*, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais

A ruína, enquanto fenómeno material e simbólico, ocupa um lugar singular na reflexão contemporânea sobre o território, sobretudo quando articulada com o que comumente designamos de interior — entendido aqui como territórios periféricos de Portugal continental, afastados do litoral e dos grandes centros de decisão política e encostados a uma fronteira de raízes históricas — e o turismo. Esta trilogia — ruína, interior e turismo — não constitui apenas um encadeamento funcional de elementos — património, espaço geográfico e economia —, mas revela-se como uma constelação de experiências que atravessam a filosofia, a poética e a organização social. Através do ponto de vista das ciências sociais, constrói-se uma ressignificação da ruína que, longe de ser uma simples evidência de decadência, emerge como dispositivo de leitura do tempo, lugar de produção de sentido e matéria-prima de novas narrativas territoriais.

Filosoficamente, a ruína é inseparável de uma conceção fragmentária da história. Segundo Walter Benjamin, ela representa não apenas o resto, mas a possibilidade crítica inscrita no fragmento: aquilo que rompe a linearidade do progresso e revela as camadas ocultas do passado. A ruína contém, assim, uma potência epistemológica — permite conhecer não pelo todo, mas pelo vestígio, pelo que sobra e resiste. Este carácter inacabado instaura uma temporalidade suspensa, onde passado e presente se encontram num agora carregado de memória. Neste sentido, o interior do país, frequentemente marcado por processos de abandono, despovoamento e esquecimento, torna-se um arquivo vivo dessa temporalidade interrompida. As ruínas dispersas neste território revelam não apenas o que foi perdido, mas também o que permanece em latência, aguardando novas leituras.

No plano poético, a ruína transforma-se em linguagem. Desde a tradição renascentista até à contemporaneidade, ela foi interpretada como signo da "presença da ausência", um elemento que simultaneamente evoca e fragmenta o passado. A estética da ruína assenta numa dialética entre destruição e criação: a partir da fragmentação emerge a possibilidade de recomposição imaginativa, há uma certa poesia nas ruínas, no seu meio corpo, na sua meia essência. No interior do território, marcado por silêncios e vazios, as ruínas tornam-se textos abertos à interpretação, suscitando novas narrativas. A experiência estética da ruína é, pois, uma experiência de contemplação e de reconstrução simbólica, em que o sujeito, através do seu olhar e interpretação, lhe atribui o seu próprio significado.

Contudo, sob o olhar atento das ciências sociais, a ruína não é apenas objeto de contemplação; ela assume também uma dimensão social e política decisiva, sobretudo quando inserida nas dinâmicas do turismo. O património arruinado, enquanto recurso cultural, desempenha um papel crescente nas estratégias de desenvolvimento territorial, em particular nas regiões do interior. O turismo cultural e patrimonial tem sido reconhecido como motor de revitalização económica e social, promovendo a valorização dos recursos locais, a criação de infraestruturas e o reforço da identidade comunitária. As ruínas, enquanto elementos

de autenticidade e singularidade, tornam-se elementos de atração, um sentimento de *ruinofilia*, capaz de gerar fluxos turísticos e dinamizar economias locais fragilizadas.

No entanto, esta instrumentalização turística da ruína pode gerar tensões significativas. A transformação do fragmento em produto implica o risco de perda de autenticidade, banalização e desgaste do património. Assim, o turismo tanto pode gerar benefícios económicos e culturais, como pode provocar efeitos negativos, tais como a erosão da identidade local, a exclusão das comunidades e a degradação dos sítios históricos. Assim, a ruína confronta-se com um paradoxo: ao ser valorizada enquanto vestígio autêntico do passado, submetida a lógicas de consumo massificado, corre o risco de perder a sua aura.

É ainda possível pensar a ruína como tendo agência, enquanto actante, enquanto ator não humano que participa na criação e manutenção de redes que atuam nestes territórios interiores. A ruína tem um papel ativo que pode agregar territórios, despoletar políticas e mobilizar outros actantes, independentemente da sua natureza.

Neste contexto, o interior assume um papel central enquanto espaço de tensão e possibilidade. Por um lado, é território de abandono, onde a ruína surge como consequência da perda demográfica e económica. Por outro, constitui um espaço de oportunidade, onde o turismo e as práticas culturais podem promover o incremento do tecido social e económico. A integração sustentável do património arruinado no desenvolvimento turístico exige, contudo, uma abordagem sensível às comunidades locais e às especificidades culturais do território. Torna-se, assim, cada vez mais evidente a importância de envolver as populações na gestão do turismo, garantindo que os benefícios sejam distribuídos de forma equitativa e que a autenticidade cultural seja preservada.

A trilogia ruína–interior–turismo revela, pois, um campo complexo de interações entre memória, estética e economia. A ruína, enquanto forma, é simultaneamente vestígio do passado e promessa de futuro; o interior, enquanto espaço, é lugar de marginalidade e de potencial para ser reinventado; o turismo, enquanto prática, é vetor de dinamização e de conflito. Compreender esta trilogia implica reconhecer a ruína não apenas como objeto físico, mas como experiência multidimensional, que atravessa o sensível, o simbólico e o social.

Em última instância, pensar o território a partir das ruínas é aceitar uma visão não linear da história e do desenvolvimento e reconhecer que o valor dos lugares não reside apenas na sua funcionalidade presente, mas na densidade da sua cronologia e na capacidade de gerar significado. A ruína, nesse sentido, não é o fim de um ciclo, mas um ponto de inflexão — um espaço onde o passado se reconfigura e onde o futuro pode ser imaginado.

## Bibliografia


BENJAMIN, W. (1994). *Sobre o conceito de história*. Brasiliense.

OLIVEIRA, E.A. (2019). *A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin*. https://gewebe.com.br/pdf/cad09/Elane_Abreu.pdf.

BROOKS, C., et al. (2023). *Exploring the relationships between heritage tourism, sustainable community development and host communities' health and wellbeing: A systematic review.* https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0282319.

GREGÓRIO, M.J., & Sarmento, J. (2022). *A ruína como actante: a Teoria Ator-Rede e a rede das aldeias históricas em Castelo Rodrigo, Portugal*. In P. Reis (org.), *Turismo e Desenvolvimento dos Territórios do Interior* (pp. 35-55). RVJ – Editores.

YANAN, L., *et al*. (2024). *How has rural tourism influenced the sustainable development of traditional villages? A systematic literature review.* https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10878874/.

# 50

# UM ESPAÇO PÚBLICO NUMA SOCIEDADE DO CONSUMO?
## COMUNICAÇÃO, *MEDIA* E ABUNDÂNCIA DE SENTIDOS

**PEDRO MOURA** *Alumnus*, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais

Na base deste ensaio estão duas conceções cimeiras, entre outros, do estudo dos *media* e das Ciências da Comunicação e que representam, à partida, uma convivência improvável: o espaço público — ou de publicidade, mais corretamente traduzido (Splichal, 2022), original de Habermas (1974) — e o predomínio e a massificação dos signos e da significação que capitaneiam a sociedade do consumo de Baudrillard (1995). Isto não significa que sejam teoricamente antagonísticos, bem pelo contrário, antes que a consumação de um traria, em princípio, a não consumação do outro. Não é esta, no entanto, a posição que sustentaremos no final.

Enquadrando-os tão breve e simplificadamente quanto possível, o conceito de espaço público idealiza um domínio discursivo "no qual algo aproximado à opinião pública pode ser formado" (Habermas, 1974, p. 49), resultante "do consenso de indivíduos privados envolvidos na discussão pública" (p. 54). Neste sentido, mais do que a constituição de um lugar físico em que "alguém pode entrar, ocupar e sair" (Splichal, 2022, p. 201), e onde é possível albergar uma pluralidade de opiniões e interesses conflitantes, a exigência conceptual do espaço público implica uma orientação deontológica, universalizante e racional, para o bem comum e por *um* público consciente de si mesmo, das suas regras e desse propósito coletivo. Simultaneamente, Habermas (1974) teorizou sobre a refeudalização do espaço público, desde logo pela comercialização da imprensa.

A transição de um jornalismo literário e político para um modelo na dependência de um negócio suscitou a passagem da imprensa de "uma instituição do próprio público" (Habermas, 1974, p. 53) para uma cultura de consumo. Baudrillard (1995) distingue nessa mesma cultura uma crescente importância (hegemónica e alienante) dos signos — ou, simplificando, mais do que os objetos ou a sua utilidade, o que impera é o amontoamento de signos e de sentidos, da produção ao consumo. Ora, as indústrias culturais — logo, dos *media* — são emblemáticas disto mesmo, já que o seu negócio assenta em "instituições (na sua maioria empresas comerciais, mas também organizações estatais e sem fins lucrativos) que estão mais diretamente envolvidas na produção de sentido social" (Hesmondhalgh, 2007, p. 12). Em suma, ambas as conceções sugerem que o consumo (e, por maioria de razão, as indústrias culturais) tende a impossibilitar uma ideia maximalista de espaço público.

Neste ensaio propomos uma alternativa, fundada no conceito de imaginação cívica (Jenkins *et al*., 2016). Esta formulação subverte a alegada falta de seriedade, se não mesmo efeito alienante dos conteúdos das indústrias culturais, desde logo daqueles vocacionados para o entretenimento. A imaginação cívica enfatiza o papel transformador da criação coletiva de sentido e a sua aplicação na constituição de um espaço público.

Não do espaço público maximalista, apriorístico, que abriu este texto, mas de um espaço mais público, onde mais vozes interagem na discussão e, no fim (logo, numa conceção mais teleológica), contribuem para uma cidadania relativamente mais participada.
Em jeito de definição, a imaginação cívica assenta no uso e na transformação de referentes *pop* para a participação pública e política. São precisamente a partilha e a familiaridade das representações em causa, não convencionalmente políticas e profundamente atrativas, que se revelam instigadoras de participação: essas referências são populares, logo, bastante partilhadas e reconhecidas, e dizem alguma coisa sobre uma alternativa possível àquilo que existe, mesmo se oriunda do entretenimento (Jenkins *et al*., 2016). Portanto, para Jenkins e colegas (2016), em lugar de alienar, os signos e os sentidos podem agregar e, com isto, formar um público, já não dependente de uma classe social (Habermas, 1974), mas enquanto prática socialmente situada.
O destaque que aqui damos à imaginação cívica não procura substituir ou negar a importância das formulações clássicas em torno do espaço público ou da sociedade do consumo.
Pelo contrário, procura funcionar como um contrapeso que consideramos fundamental — um contrapeso que, note-se, é mútuo; a imaginação cívica precisa de conceções críticas que a coloquem em alerta contra uma certa ingenuidade. Parte do mote deste livro entronca na proposição de um "melhor futuro". Um melhor futuro que precisa, também, de algum tipo de esperança que instigue algum tipo de ação. A investigação e o ensino que contemplem a imaginação cívica podem, acreditamos, contribuir para o desempenho deste papel.

## Bibliografia


BAUDRILLARD, J. (1995). *A sociedade do consumo*. Edições 70.

HABERMAS, J. (1974). The public sphere: an encyclopedia article (1964). *New German Critique,* 3, 49-55. https://www.jstor.org/stable/487737.

HESMONDHALGH, D. (2007). *The Cultural Industries* (2nd ed.). SAGE Publications.

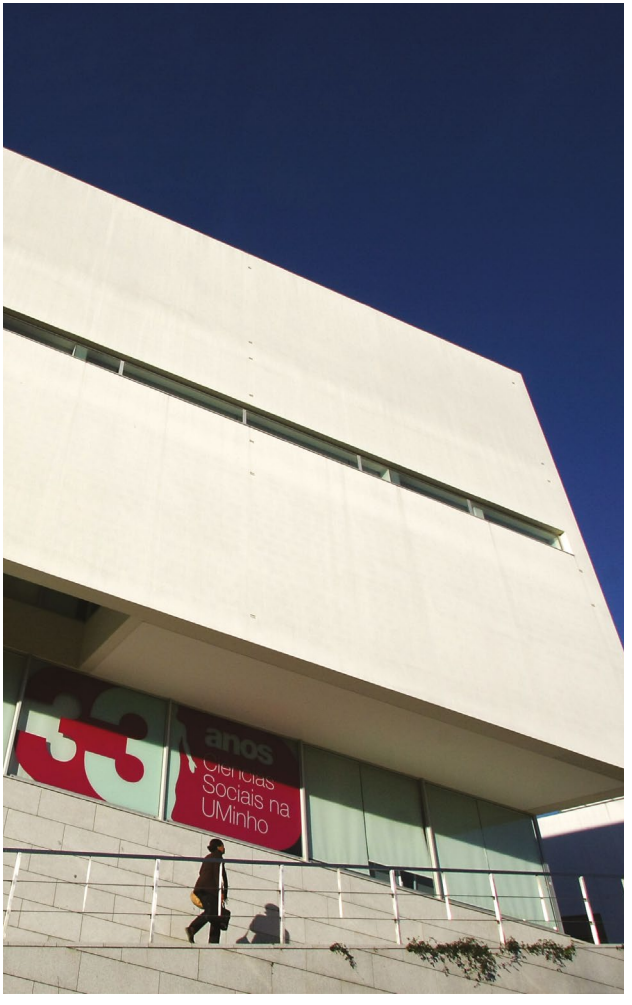
JENKINS, H., Shresthova, S., Gamber-Thompson, L., & Kligler-Vilenchik, N. (2016). Superpowers to the people! How young activists are tapping the civic imagination. In E. Gordon & P. Mihailidis (eds.), *Civic Media: Technology, design, practice* (pp. 295-320). The MIT Press.

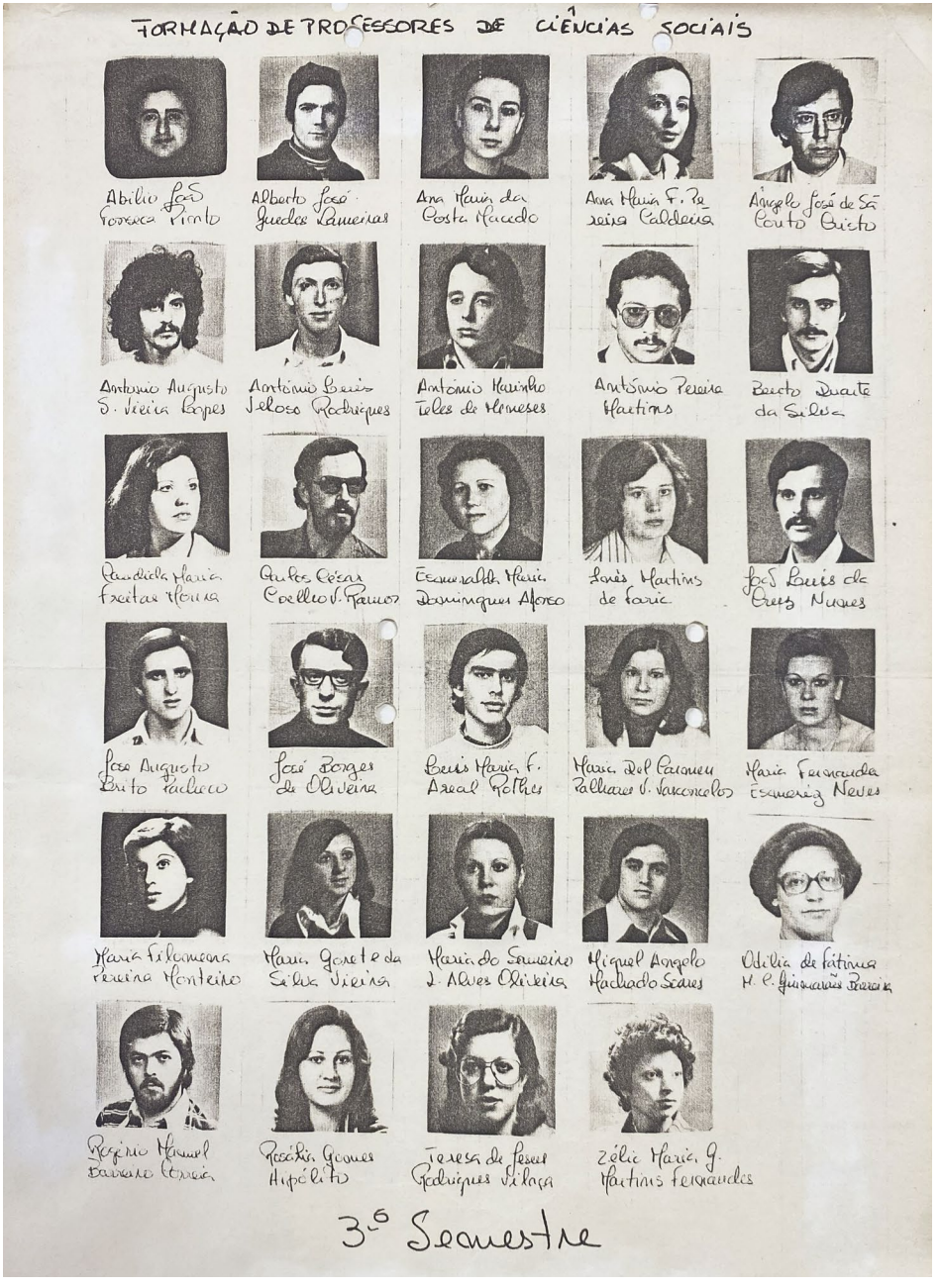
SPLICHAL, S. (2022). The public sphere in the twilight zone of publicness. *European Journal of Communication,* 37(2), 198-215. https://doi.org/10.1177/02673231211061490.



# Retratos de uma história chamada **Instituto de Ciências Sociais**




anos
Ciências
Sociais na
UMinho




Curso de Formação de Professores de Ciências Sociais. Documento do Prof. Aníbal Alves no seu Dossier de Alunos, 1978



Foto oficial 25 anos do ICS, 2001.



Foto oficial 40 anos do ICS, 2016.


INSTITUTO
DE
CIÊNCIAS
SOCIAIS
DESDE 19
ICS ICS ICS
ICS ICS ICS
Sociais
Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais




Foto oficial 50 anos do ICS, 2026.


UM OLHO
PARA O
FUTURO



Primeira sessão de acolhimento integrada do ICS, 2013.



Sessão de Acolhimento nos 40 anos do ICS, 2016.



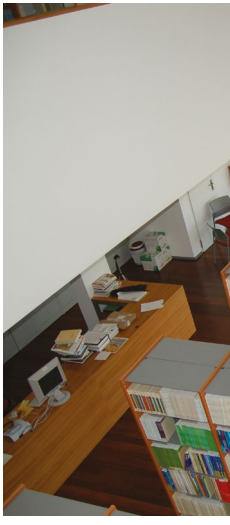

BERLIN



Sessão de acolhimento
integrada do ICS, 2017.




SOU DAS
CIÊNCIAS
SOCIAIS
O MEU FUTURO
COMEÇA AGORA!
Eu entrei
o Melhor!
O MEU FUTURO
COMEÇA
AGORA!





















**Universidade do Minho**
Instituto de Ciências Sociais

**50 ANOS, 50 IDEIAS**
MAIS CIÊNCIAS SOCIAIS, MELHOR FUTURO


| | |
|---|---|
| Editores | Ana Paula Marques, Teresa Ruão, João Sarmento, Rita Ribeiro, Sara Balonas |
| Autores | Albertino Gonçalves, Ana Duarte Melo, Ana Paula Marques, Ana Paula Pires, Ana Rita Rocha, António Bento-Gonçalves, António M. Cunha, António Vieira, Arnaldo Sousa Melo, Bruno Lopes, Carlos Camponez, Carlos Manuel Faísca, Carlos Veloso da Veiga, Chisoka Simões, Cláudia Novais, Emília Araújo, Fernando Bessa Ribeiro, Francisco da Silva Costa, Hélder S. Lopes, Helena Machado, Helena Mendes Pereira, Helena Sousa, Iolanda Fontaínhas, João Sarmento, João Teixeira Lopes, Joaquim Fidalgo, Joel Felizes, Laura Neiva, Lígia Ferro, Lúcia Azevedo, Lúcio Cunha, Luisa Salamanca-Garnica, Madalena Oliveira, Manuel Carlos Silva, Manuel Gama, Manuel Pinto, Manuela Ivone Cunha, Manuela Martins, Maria do Carmo Ribeiro, Maria Engrácia Leandro, Maria João Gregório, Miguel S. M. Bandeira, Moisés de Lemos Martins, Nádia Reis, Paula Remoaldo, Paulo Nossa, Pedro Arezes, Pedro Moura, Rita Ribeiro, Roger Lee de Jesus, Rosa Cabecinhas, Rui Vieira de Castro, Sara Balonas, Teresa Ruão, Virgínia Teles, Vítor Ribeiro |
| Fotografias | Arquivo ICS<br>(A todos os colegas que, ao longo dos anos, construíram o arquivo fotográfico do ICS, o nosso agradecimento coletivo, sem nomes, para não cometer omissões.) |



| | |
|---|---|
| © | 2026, Instituto de Ciências Sociais.<br>Todos os direitos reservados. |



| | |
|---|---|
| Grafismo | Margarida Baldaia, a partir de logótipo de Nicolau Macedo, Gabinete de Comunicação e Imagem da UMinho |
| Impressão | Multitema |
| 1.ª edição | Novembro 2026 |
| ISBN | 978-989-49169-1-8 |
| Depósito legal | ???? |
| Tiragem | 500 exemplares |

Celebrar 50 anos não é olhar apenas para trás: é reafirmar, com a urgência que os tempos exigem, a relevância pública das Ciências Sociais para enfrentar os desafios coletivos do nosso tempo — e para imaginar, com rigor científico e compromisso cívico, futuros mais justos, democráticos e sustentáveis.

**Universidade do Minho**
Instituto de Ciências Sociais